



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA

Delinquência juvenil: jovens e gangues em Lisboa

Marcelo de Castro Duarte

Dissertação de mestrado em Ciências Policiais

Área de especialização em Criminologia e Investigação Criminal

Orientação científica:

Professor Doutor Nuno Caetano Lopes de Barros Poiares

outubro de 2018

*Aos meus pais,
por tudo o que fizeram por mim.*

Agradecimentos

Acabar uma dissertação de mestrado é algo que se torna bastante desgastante, muitas vezes torna-se num paradoxo porque sentimos que estamos a lutar contra nós próprios. É um sentimento inexplicável chegar até aqui, conseguir avançar no conhecimento, mas para este feito foram precisas imensas horas de estudo, bastantes sacrifícios, imensa disciplina, uma inexplicável dedicação e não conseguiria sem o apoio de todas as pessoas que me disseram que iria conseguir. Torna-se assim necessário agradecer a todas elas que contribuíram para este estudo.

Em primeiro lugar à minha família, em especial aos meus pais Joaquim e Teresa por me terem sempre apoiado, incentivado a estudar, ensinarem-me que a vida não é fácil e que nunca desistimos de nada. À minha namorada Lúcia por todo o apoio que me deu, por todos os dias em que ouvia as minhas angústias e dúvidas e nunca deixou de me apoiar. Agradecer também a Augusto Castro, Ilda Castro e José Pires que, embora já cá não estejam, sei que estiveram sempre comigo nesta jornada.

Agradeço também ao Professor Doutor Nuno Poiares, um grande amigo que fiz durante toda esta investigação. Ajudou-me sempre em tudo o que lhe pedi, dando-me bastante força para continuar cada vez que nos reuníamos.

Não esquecer os meus amigos, dos quais, muitas vezes, foram alvos de sacrifício e que sempre me apoiaram nesta jornada e os meus informantes privilegiados, que se disponibilizaram para me receber e falar abertamente de tudo o que lhes perguntei durante as entrevistas, não tenho palavras que chegue para agradecer a generosidade de cada um.

Quero também agradecer a todos os intervenientes do ISCPSI. Todos os funcionários, professores e colegas. Foram todos bastante importantes para que eu chegasse a esta etapa. É fundamental fazer referência a Ana Fernandes, Daniela Carvalhais, Inês Vinagre, Maria Almeida, Maria Silvestre, Milene Torres e Nuno Oliveira, pelo importante apoio que cada um me deu para concluir a dissertação.

Por fim, quero agradecer aos que lutam todos os dias contra o fenómeno dos gangues na realidade portuguesa, merecem todo o respeito e consideração e devem ser o orgulho de toda a população.

Resumo

A presente investigação surge como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre em Ciências Policiais pelo Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), onde apresenta os resultados de um estudo que procurou saber quais as razões que levam um jovem a ingressar num gangue. Os dados obtidos sugerem-nos que o fator familiar e o de grupo de pares são os de maior risco para que ocorra este fenómeno.

Através de uma investigação teórica e dos inquéritos por entrevista que aplicámos aos profissionais da PSP, às profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa e aos jovens reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, conseguimos constatar que o fator familiar é o que tem mais incidência para que um jovem ingresse num gangue na zona de Lisboa devido a diversos fatores como, por exemplo, a falta de educação e pouca supervisão por parte dos pais. Posteriormente, surge o fator de grupo de pares como o segundo maior fator de risco, onde os informantes afirmam que a influência por parte dos membros é essencial. Também constatámos que a área de habitação do jovem tem influência para que este entre no domínio da delinquência juvenil e no ingresso em gangues devido a conviverem com jovens na mesma situação que a sua e a serem influenciados pelo grupo de pares. Da mesma forma, verificámos que a pobreza pode ser considerada uma razão para ingresso num gangue, visto que estes jovens têm a necessidade de “ter” e, como não têm posses financeiras, optam pela prática de atos ilícitos para obterem dinheiro. É preciso não esquecer que os pais destes jovens têm empregos mal remunerados, sendo que o salário é maioritariamente para pagar as contas. Conseguimos constatar que a maioria dos jovens não se sentem desintegrados da sociedade ou estigmatizados, embora houvesse respostas, da parte dos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, em que não sabiam se iriam sentir após a sua saída do estabelecimento.

Este trabalho ajudou para a compreensão do fenómeno e de como são necessárias medidas para o combater, onde destacamos a necessidade de uma maior implementação de medidas de prevenção e intervenção junto dos jovens e dos pais dos mesmos.

Palavras-chave: *gangue, gangues juvenis, membro de um gangue, delinquência juvenil e motivações de pertença a um gangue.*

Abstract

The present investigation appears as a partial requirement to obtain a master's degree in Police Sciences from the Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), where he presents the results of a study that sought to know the reasons that lead a young man to join a gang. The data obtained suggest that the family factor and the peer group are the ones with the highest risk for this phenomenon.

Through a theoretical investigation and interview surveys that we applied to the professionals of the PSP, to the professionals and young people of Casa do Gaiato de Lisboa and to the young inmates of the Lisbon Prison, we can verify that the family factor is the one that has the most incidence for that a young man joins a gang in the Lisbon area because of a number of factors, such as lack of education and poor parental supervision. Subsequently, the peer group factor emerges as the second major risk factor, where informants assert that influence on the part of the members is essential. We also found that the young people's area of influence has an influence on the juvenile delinquency and on entering gangs because they live with young people in the same situation as themselves and are influenced by the peer group. Likewise, we have found that poverty can be considered a reason for joining a gang, since these young people have the need to "have" and, since they do not have financial resources, they choose to commit illicit acts to obtain money. It should not be forgotten that the parents of these young people have low-paying jobs, and the salary is mostly to pay the bills. We can see that most of the young people do not feel disintegrated or stigmatized, although there were answers, from the inmates of the Lisbon Prison, in which they did not know if they would feel it after leaving the establishment.

This work helped to understand the phenomenon and how measures are needed to combat it, where we emphasize the need for greater implementation of prevention and intervention measures among young people and their parents.

Keywords: *gang, juvenile gangs, gang member, juvenile delinquency and motive of gang membership.*

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Introdução	7
1. Enquadramento teórico	10
1.1 Questões introdutórias	10
1.2 Delinquência juvenil	12
1.3 Gangue	14
1.4 Teorias da anomia, das associações diferenciais e da rotulagem.....	16
1.5 Representação social	18
2. Delinquência juvenil - o fenómeno dos gangues	20
2.1 Fatores de risco associados à delinquência juvenil.....	20
2.2 Os gangues na escola	23
2.3 Problemas relacionados com os gangues juvenis	26
3. Método	28
3.1 Enquadramento metodológico geral	28
3.2 Caracterização dos inquiridos	31
3.3 O guião da entrevista	32
3.4 Procedimentos na preparação e execução das entrevistas	37
3.5 Redução e tratamento dos dados.....	39
4. Gangues juvenis - análise empírica	41
4.1 Gangues	41
4.1.1 Os membros de gangues juvenis.....	41
4.1.2 Os gangues juvenis	48
4.1.3 Motivações e gangues juvenis	54
4.1.4 Detenção e sentença.....	60
4.2 Casa do Gaiato de Lisboa e EPL	62
4.2.1 Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa.....	62
4.2.2 Condições da Casa do Gaiato de Lisboa.....	71
4.2.3 Jovens do Estabelecimento Prisional de Lisboa	74
4.2.4 Condições e capacidades do Estabelecimento Prisional de Lisboa	77
4.2.5 Mudanças para ex-membros de gangues	79
4.3 Meio envolvente	80
4.3.1 Perspetivas para o futuro dos jovens.....	80
5. Considerações finais	82
5.1 Características fundamentais dos resultados.....	82
5.2 Recomendações de ação	87
6. Bibliografia	90
6.1 Bibliografia geral	90
6.2 Outros documentos consultados	94
7. Glossário de abreviaturas e siglas	95
8. Anexos	96

Introdução

A sociedade portuguesa tem vindo a familiarizar-se com a problemática dos gangues¹, sendo este um fenómeno cada vez com maior notoriedade junto dos portugueses. Achamos bastante pertinente o estudo sobre os gangues porque é uma problemática que está diretamente ligada à delinquência juvenil, que se constitui como a área principal da nossa investigação, e por esta ser fascinante.

Nos dias de hoje, são comuns as notícias alusivas à atividade de gangues², embora esta realidade não seja nova. Podemos dar a título de exemplo os Apaches³, um gangue francês que atuou antes da 1ª Guerra Mundial, e o gangue dos Five Points, que começou em meados do século XIX e início do século XX, que teve como membro Al Capone. Portanto, é possível constatar que já existiam gangues há dois séculos atrás e, embora haja diferenças entre o passado e o presente, a sua essência é a mesma. Para chegarmos à palavra “gangue”⁴, teremos de ir até meados do século XIV, onde a evolução do sentido da palavra significa “um conjunto de artigos que geralmente são considerados juntos”, nomeadamente, um conjunto de ferramentas usadas no mesmo trabalho. Em 1620, foi estendido ao discurso náutico, significando “uma companhia de operários”. Na década seguinte, a palavra era usada com tons de reprovação para “qualquer grupo de pessoas que viajavam juntas”, significando, o grupo de pessoas, um gangue ou organização criminosa. Em 1855, a palavra “gangue” já era empregue com o significado que possui hoje em dia. É também neste século, e devido à palavra “gangue”, que deriva a palavra “gangster”⁵. Os crimes que estão normalmente associados a estes são: tráfico de droga, tráfico de armas, prostituição, entre outros. Dos crimes que elencámos, o tráfico de droga⁶ é o mais lucrativo.

A presente investigação cinge-se a Portugal, especificamente à zona de Lisboa. É um fenómeno que já tem alguma visibilidade no nosso país, seja pelas claqueiras ou carteiristas, como depois será mencionado à frente pelos nossos informantes privilegiados, seja pelo recente confronto que ocorreu

¹ Público, <https://www.publico.pt/2000/07/02/jornal/os-dias-da-vida-dos-gangs-de-lisboa-145938>, consultado a 2 de outubro de 2018.

² Visão, <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2018-05-05-Gangues-de-motards.-Como-um-conflito-historico-se-estendeu-a-Portugal>, consultado a 6 de junho de 2018.

³ Maringá Post, <https://maringapost.com.br/ahduvido/as-10-gangues-mais-violentas-da-historia/>, consultado a 2 de outubro de 2018.

⁴ Etymonline, <https://www.etymonline.com/word/gang>, consultado a 2 de outubro de 2018.

⁵ Merriam-Webster, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gangster>, consultado a 2 de outubro de 2018.

⁶ BBC, https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160331_atividades_crime_organizado_fn, consultado a 2 de outubro de 2018.

entre o ex-líder dos Portugal Hammerskins, Mário Machado, e os motoqueiros dos Hell's Angels⁷, estando representados no nosso país desde 2002. De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna de 2017, é possível observar uma maior criminalidade geral e uma maior criminalidade violenta e grave em duas grandes cidades, Lisboa e Porto, embora seja também importante referir Setúbal e Faro. Para a nossa pesquisa, lemos várias obras relacionadas com esta temática, indo ao encontro de uma abordagem dedutiva. Após a nossa leitura, aplicámos inquéritos por entrevista aos jovens que estão relacionados com este fenómeno e que se encontram no Estabelecimento Prisional de Lisboa, aos profissionais da Polícia de Segurança Pública e às profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa.

Relativamente à definição do nosso problema, temos como pergunta de investigação “Que motivos levam um jovem a ingressar num gangue na zona de Lisboa?”. Como já foi referido anteriormente, entrevistámos jovens que, de momento, estão no Estabelecimento Prisional de Lisboa, para percebermos o que os levou a entrar neste meio, os profissionais da Polícia de Segurança Pública e as profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa. Aplicámos inquéritos por entrevista para termos a perspetiva e o conhecimento destes, de maneira a conseguirmos ter uma visão ampla sobre esta realidade.

Antes de aprofundarmos a nossa problemática, começaremos por operacionalizar as várias palavras-chave da nossa investigação, sendo estas: *gangues* como uma associação destinada à prática de crimes com três ou mais pessoas; *gangues juvenis* como uma associação destinada à prática de crimes com três ou mais pessoas, com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos; *membro de um gangue* como membro de uma associação destinada à prática de crimes com três ou mais pessoas; *delinquência juvenil* como ato qualificado como crime, nos termos previstos pela Lei Tutelar Educativa, praticado por um indivíduo menor, com a idade compreendida entre 12 e 16 anos. Estas palavras-chave têm como base a definição que encontrámos no Relatório Anual de Segurança Interna de 2017. Nós definimos as *motivações para pertença de um gangue* como as razões e os motivos que levam um jovem a pertencer a um gangue.

Em relação à problemática da nossa investigação, como veremos no estado da arte, as razões pelas quais um jovem integra um gangue podem ser várias, onde, por exemplo, Merton (1938) concluiu que se devia à falta de regulação social, enquanto Sutherland (1940) deduziu que era devido à aprendizagem de comportamentos. Outro aspeto importante para o nosso estudo é o estigma criado em

⁷ Visão, <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2018-05-05-Parece-um-filme-mas-nao-e-Por-dentro-do-mundo-dos-gangues-de-motards>, consultado a 6 de maio de 2018;

Diário de Notícias, <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/22-jul-2018/interior/o-complexo-codigo-de-conduta-de-um-grupo-de-gangsters-motorizados-9622028.html>, consultado a 23 de julho de 2018.

torno das pessoas que nascem em meios desfavorecidos. Whyte (1943) afirmou que era bastante difícil alguém subir a escada do sucesso caso viva num sítio desfavorável. Este estigma leva-nos a Becker (1963) e à sua teoria da rotulagem, onde o autor concede uma explicação para o processo desviante, afirmando que as pessoas não têm comportamentos desviantes, estes só passam a ser considerados dessa forma a partir do momento em que são definidos como desviantes.

Este é um tema bastante sensível e, deste modo, pretendemos para a nossa investigação, em sentido de definirmos a problemática, perceber as razões pelas quais os jovens aspiraram pertencer a um gangue.

De seguida, iremos elencar os objetivos do nosso trabalho, começando, desde logo, pela pergunta de investigação que pretendemos alcançar com a realização da mesma. Os respetivos objetivos são:

- Que motivos levam um jovem a ingressar num gangue na zona de Lisboa;
- Perceber o fenómeno dos jovens ingressarem num gangue;
- Saber se o local onde os jovens vivem é um fator predominante para integrar um gangue;
- Saber se a estigmatização em volta das pessoas que vivem em bairros instáveis pode ser um fator para um jovem integrar um gangue;
- Saber se a pobreza poderá levar um jovem a ingressar num gangue;
- Abrir novas linhas de investigação para que haja um maior contributo acerca deste fenómeno.

1. Enquadramento teórico

1.1 Questões introdutórias

A delinquência juvenil é cada vez mais notória na nossa sociedade⁸ e, por essa razão, nutrimos grande interesse em estudar esta área. Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) afirmam que “a delinquência juvenil é, atualmente, uma das áreas de preocupação política e social mais emergente” (p. 36). É algo que tem vários fatores correlacionados e, nos últimos anos, tem-se verificado um aumento de interesse em torno desta temática, em grande parte, pelas diversas notícias divulgadas pela comunicação social, como afirmam Matos et al. (2009).

Para falarmos sobre a delinquência juvenil é impossível não fazermos referência a cinco grandes fatores de risco: individuais, familiares, escolares, grupo de pares e comunidade. Através da análise que iremos realizar a estas cinco grandes categorias ao longo do trabalho, expomos quais as que causam mais impacto no comportamento dos jovens quando passam a praticar atos ilícitos. Em relação a estes fatores, baseámo-nos em autores como Dupéré, Lacourse, Willms, Vitaro e Tremblay (2007), Morden, Mago, Deol, Namazi, Wuolle e Dabbaghian (2014), Lahey, Gordon, Loeber, Stouthamer-Loeber e Farrington (1999), Howell (2010), entre outros. É significativo, neste âmbito, não esquecermos a Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n° 147/99, de 1 de setembro, os artigos da CRP 36° e 67°, referentes à família, e os artigos 69° e 70°, que tratam da infância e juventude respetivamente, e a Carta de Compromisso entre a Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco e os Órgãos Policiais.

É importante ressaltar que a nossa área de estudo é a delinquência juvenil, com especial atenção para as razões que levam um jovem a ingressar num gangue. Temos como principal objetivo responder ao que foi referido anteriormente, através das várias categorias que já foram descritas e dos diversos testemunhos que obtivemos para a realização deste trabalho. Por intermédio de uma análise aprofundada de cada um destes aspetos, queremos também perceber se a prática de atos ilícitos é algo que se aprende, à imagem da teoria das associações diferenciais de Sutherland (1940) e se o facto do jovem estar inserido numa família e num meio onde os níveis socioeconómicos sejam baixos, influencia a prática de atos ilícitos, fazendo alusão à teoria da anomia reformulada por Merton (1938).

⁸ Público, <https://www.publico.pt/2001/12/04/jornal/o-aumento-da-delinquencia-juvenil-164975>, consultado a 2 de outubro de 2018.

Em jeito de concluir esta pequena introdução ao estudo, antes de começarmos a abordar o fenómeno da delinquência juvenil é essencial definirmos o seu conceito. Existem várias formas de o definir, consoante os autores, definições essas que podemos encontrar no subcapítulo seguinte.

1.2 Delinquência juvenil

O conceito de delinquência padece de grande imprecisão (Negreiros, 2008). Por conseguinte, é fundamental, devido a abordarmos o conceito de delinquência juvenil, perceber que nem todos os termos que se empregam como, por exemplo, a delinquência, o comportamento antissocial, o comportamento desviante e a perturbação do comportamento significam o mesmo.

Começamos por dar a título de exemplo o RASI 2017, onde constatamos que o conceito de delinquência juvenil “visa representar a prática, por indivíduo com idade compreendida entre 12 e 16 anos, de um facto qualificado pela lei como crime nos termos da Lei Tutelar Educativa” (p. 62). A noção deste conceito, de acordo com Matos et al. (2009) e com a redação do RASI, é basicamente jurídica, remetendo para a lei e sua transgressão. A dificuldade, como refere Negreiros (2001), é que esta noção pode confundir-se com comportamento antissocial, sendo o último mais abrangente. Negreiros (2008), no que diz respeito ao conceito de delinquência juvenil, aborda a questão de existirem variados termos, embora opte por comportamento antissocial devido a ser, na sua opinião, o mais indicado. Similarmente, Agra (citado por Matos et al., 2009) emprega o conceito de comportamento desviante em vez de delinquência porque permite, assim, considerar que na adolescência subsistem “formas experienciais” de auto-organização. Benavente (2002) vai beber da definição de delinquência juvenil de Pingeon (citado por Benavente, 2002), onde o autor a vê como “um parâmetro do processo normal de socialização”, verificando, por um lado, o comportamento adaptativo e, por outro, o comportamento desajustado psicológica ou socialmente. Relacionado com a definição facultada por Pingeon, estão as definições de Leblanc e Frechette (1986). Os autores, de acordo com Erickson (1982), fazem a diferenciação de delinquência “normal”, a que é passageira devido à personalidade dos adolescentes estar em constante formação, das manifestações mais graves que têm início na pré-adolescência (Matos et al., 2009, p. 37). Ainda relacionado com o conceito de delinquência juvenil, Kazdin (citado por Negreiros, 2001) afirma que “a expressão «Perturbação do Comportamento» é normalmente reservada para caracterização de um tipo de comportamento antissocial «cl clinicamente significativo».” (Matos et. al, 2009, p. 37), ou seja, terá de ser um comportamento repetitivo e constante de acordo com o American Psychiatric Association, em 2002. Outra definição de delinquência juvenil é dada por Mulligan (1960) e Griffin e Griffin (1978) (citado por Carvalho, 2010) que definem a delinquência juvenil como comportamentos ilícitos praticados por adolescentes ou jovens. Carvalho (2010) refere os fatores psicológicos, económicos e sociais como os que normalmente estão relacionados com a delinquência.

Como é possível verificar, existe uma multiplicidade de empregos deste conceito. Nós decidimos guiar-nos pela definição facultada pelo RASI 2017 por ser uma noção mais jurídica e da qual achamos assemelhar-se com o que desejamos para o nosso estudo.

É essencial fazermos referência aos progressos que foram feitos nesta área, com o objetivo de compreender melhor este fenómeno. Matos et al. (2009) afirmam que “diversos estudos vieram demonstrar que a delinquência é um comportamento que apresenta formas de expressão muito diversas, com trajetórias igualmente distintas”. Os autores abandonaram a visão de que a delinquência “é um fenómeno estático ou uma entidade encapsulada” (Matos et al., 2009, p. 37). Agora, os investigadores procuram captar e definir os diferentes caminhos na evolução da delinquência, baseando-se em fatores como a frequência, gravidade, idade de início e tipos de ofensas praticados pelo indivíduo (Negreiros, citado por Matos et al., 2009).

De mão dada com os progressos estão as soluções ou explicações que são concedidas a determinados comportamentos ou fenómenos. Em relação à delinquência juvenil, existem diversos autores que elencam fatores ou teorias que provocam a delinquência juvenil. Cloward e Ohlin (1966), referem as ideias de desvio e os fatores de pressão como os que levam o indivíduo ao desvio. Becker (1963), com a sua teoria da rotulagem, afirma que a delinquência juvenil se deve ao rótulo que é imposto pela sociedade. Dupéré et al. (2007) faz a relação entre as tendências psicopatas na infância e as desvantagens de um bairro. Poderíamos continuar a enumerar variadíssimos autores com fatores diferentes entre si para explicar este fenómeno devido a existirem diversos modelos teóricos explicativos da delinquência juvenil. Um deles é o modelo sociocognitivo (teoria da aprendizagem), que bebe da teoria das associações diferenciais de Sutherland (1940). Este modelo explica a delinquência juvenil como uma aprendizagem adquirida através do âmbito social, seja por intermédio de familiares ou amigos. Tem tendência para valorizar “uma constelação específica de fatores explicativos” (Negreiros, 2008, p. 17), quer estes sejam a nível biológico, psicológico ou socio-ecológico ou os resultados de quaisquer destes fatores. Farrington (1998, 2001, citado por Matos et al., 2009) refere o comportamento antissocial da criança, a desonestidade e agressividade, hiperatividade, impulsividade, défice de atenção, baixa inteligência e aquisições escolares pobres como os fatores associados à delinquência, a nível individual. Para finalizar, diversos autores, como por exemplo Chaillou (1995, citado por Carvalho, 2000) e Phillips (2009) referem como principal fator de risco os problemas familiares.

1.3 Gangue

Após a definição de delinquência juvenil, é indispensável definirmos o conceito de gangue devido à importância que este possui para o nosso estudo. De seguida, elencaremos vários exemplos deste conceito.

No RASI 2017 definem criminalidade grupal como “um facto criminoso praticado por três ou mais suspeitos, independentemente do tipo de crime, das especificidades que possam existir no “grupo”, ou do nível de participação de cada interveniente” (p. 62). O RASI emprega esta definição relativamente às ações de grupos, onde podemos inserir os gangues. Cohen (1955) define o conceito de gangue como grupos organizados, no qual os jovens que faziam parte reuniam-se com assiduidade, possuíam uma hierarquia, tinham critérios para a entrada de novos membros para o gangue e resolviam os problemas entre o grupo. Klein, Weerman e Thornberry (2006) definem como “gangue de rua” todos aqueles constituídos por jovens que correspondem aos critérios de consenso do Eurogang “grupos juvenis duráveis e orientados para a rua, cujo envolvimento em atividades ilegais faz parte da identidade do grupo” (p. 418). Morden et al. (2014) definem os gangues como sendo compostos, na sua maioria, por rapazes adolescentes ou jovens adultos que se baseiam na intimidação e violência. Sharkey, Shekhtmeyster, Chavez-Lopez, Norris e Sass (2010) referem uma definição de gangue, através do Código Penal do Estado da Califórnia, como “qualquer organização, associação ou grupo em curso de três ou mais pessoas, seja formal ou informal, tendo como principal atividade a comissão de um ou mais (...) atos criminosos (...) com um nome comum ou sinal ou símbolo de identificação comum, e cujos membros individual ou coletivamente se envolvem ou se envolveram em um padrão de atividade de gangue criminosa” (p. 46). Esbensen, Winfree, He e Taylor (2001) afirmam que existe uma ausência de consenso entre os autores na definição deste conceito devido a empregarem certas características comuns, onde, cada um, emprega a seu jeito. Dão a título de exemplo Thrasher (1923/1963), que faz uma definição de gangue sem referir como característica a prática de atos ilícitos. Klein (1971), que ao contrário de Thrasher, introduz a característica da prática dos atos ilícitos. Bursik e Grasmick (1993) que repararam que os dois primeiros critérios verificados nos estudos de Klein (1971) também se enquadram numa série de grupos sociais e, por fim, Ball e Curry (1995), que, na opinião de Esbensen et al. (2001), foram os que forneceram o termo de gangue mais firme e erudito. Os autores propuseram que “as definições de gangues fariam melhor concentrar-se nas características abstratas e formais do fenómeno, em vez do conteúdo conotativo e normativo” (Ball e Curry citados em Esbensen et al., 2001, p. 108). Desta maneira, Ball e Curry (1995), demonstraram que nutriam as mesmas preocupações que Short (1968, citado por Esbensen et al., 2001) já tinha demonstrado há três

décadas. Esbensen et al. (2001), concedem cinco definições do conceito de gangue, sendo a mais geral a que todos os jovens que afirmam ter sido membros de gangue em alguma altura da sua vida e a mais restritiva a que inclui só aqueles que estão atualmente num gangue, que o gangue tenha alguma organização estrutural e que praticam atos ilícitos.

Com estas definições que fomos elencando, fica claro que, na sua maioria, são sempre compostos por três ou mais elementos, jovens e que têm como objetivo cometer atos ilícitos, embora, de igual modo à delinquência juvenil, estas definições são bastante controversas, como afirma Esbensen et al. (2001).

Nós decidimos unir o conceito empregue por Klein, Weerman e Thornberry (2006) e a definição dada pelo RASI 2017 devido a ser, na nossa opinião, o que melhor se adequa ao nosso estudo e que mais se assemelha à realidade de Portugal. Acrescentamos que nos referimos a pequenos grupos constituídos por jovens que, de acordo com o RASI 2017, são no mínimo três e que têm em comum a prática de atos ilícitos, diferenciando-se dos gangues dos Estados Unidos da América.

1.4 Teorias da anomia, das associações diferenciais e da rotulagem

Abordados os conceitos de delinquência juvenil e gangue, é essencial explicarmos as teorias da anomia, das associações diferenciais e da rotulagem para verificarmos se explicam a entrada de jovens em gangues na zona de Lisboa.

Começando pela teoria da anomia, Merton (1938) na sua obra *Social Structure and Anomie*, tinha como estudo a relação entre cultura, estrutura e anomia, decorrendo esta relação de uma análise feita pelo próprio. O autor define a cultura como um “conjunto organizado de valores normativos que governam o comportamento comum aos membros de uma sociedade ou grupo designado” e, para si, as estruturas sociais são o “conjunto organizado de relações sociais em que membros da sociedade ou grupo estão implicitamente implicados”. Relacionado com a sua teoria, a anomia existe quando ocorre “uma separação aguda entre as normas e objetivos culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos membros do grupo para agir de acordo com eles”. O autor liga a anomia com o desvio e argumenta que a separação entre cultura e estrutura tem como consequência a ocorrência de desvios na sociedade. O conceito de anomia já tinha sido desenvolvido por Émile Durkheim, e foi inserido nas suas obras *Da Divisão do Trabalho Social* (1893) e *O Suicídio* (1897). Merton (1938), mais tarde, reformula o conceito e, para si, significa uma divergência entre os objetivos culturais e os meios legítimos ao dispor para alcançá-los. Aplicando esta teoria à realidade dos Estados Unidos da América, o autor vê o sonho americano como incentivo no aspeto do sucesso monetário, embora este leve a percorrer caminhos pouco legítimos para o alcançar, ou seja, acredita que o sonho americano é um ideal cultural, mas as formas pelas quais as pessoas vão à procura deste não são as mesmas devido à maioria não ter condições para o alcançar.

No que diz respeito à teoria das associações diferenciais, Sutherland (1940) destacou-se por ter terminado com a ligação entre a pobreza e o crime, relação esta que podemos encontrar na sua obra *White-Collar Criminality*. O autor vai contrariar o estudo de Merton (1938) devido aos crimes de colarinho branco, definindo-os como crimes praticados por pessoas com bens patrimoniais. Introduce a teoria das associações diferenciais e, usando como suporte a teoria da anomia, afirma que é através da aprendizagem de comportamentos que surge o crime. Refere que a decisão de seguir uma carreira criminosa depende da intensidade e da frequência de interações com comportamentos que estejam conforme ou disforme da lei. Sutherland (1940) acrescenta, assim, outro ponto essencial, a desorganização social da comunidade. Defende este ponto devido às ações criminosas decorrerem da convivência com indivíduos que tenham este tipo de comportamento e da falta de organização social para travar o seu desenvolvimento.

Relativamente às teorias da anomia e das associações diferenciais, não poderíamos deixar de fazer alusão a Cohen (1955). O autor, influenciado pelos estudos de Merton (1938) e Sutherland (1940), engloba na sua obra *Delinquent Boys: The Culture of the Gang* as duas teorias, reconhecendo a presença de subculturas criminais em gangues juvenis. Para o autor, o conceito de gangue era de grupos organizados, onde os jovens que faziam parte deste reuniam-se com assiduidade, possuíam uma hierarquia, tinham critérios para a entrada de novos membros para o gangue e resolviam os problemas entre o grupo. Aborda, de igual modo, a questão do território porque os membros do grupo eram formados mediante crenças e valores que se exteriorizavam através do convívio com outros jovens, que tinham situações idênticas às suas e que resolviam os problemas de adaptação provocados pela cultura dominante. Cohen (1955) explica os vários processos através das teorias da anomia e das associações diferenciais, referindo que separadas são insuficientes para explicar o fenómeno dos gangues, mas caso se englobe as duas teorias conseguem explicá-lo. O autor afirma que é a pressão social que impede a satisfação de alguns indivíduos e que os leva a conviverem com semelhantes. Na sua obra, enumera e descreve os vários gangues existentes nos Estados Unidos da América na década de 50.

No que concerne à teoria da rotulagem, teremos de mencionar obrigatoriamente Becker (1963). O autor, com a obra *The Outsiders*, aborda a teoria relativamente ao estigma que é criado em torno de um grupo como, por exemplo, os cidadãos que vivem em meios desfavorecidos. Nesta obra, faz alusão a dois grupos: os consumidores de marijuana e músicos de casas noturnas. O autor⁹, aos 15 anos, chegou a ser pianista nestas casas, adquirindo contacto com a cultura da droga, aspeto que veio a estudar mais tarde. Em relação ao consumo de marijuana, realizou imensos estudos e trabalhos sobre o consumo. Quanto ao seu livro *The Outsiders*, Becker (1963) começa por referir quais as normas sociais que são consideradas corretas e erradas pois somos rotulados pelas nossas práticas, como era o caso dos consumidores de marijuana e dos músicos de casas noturnas. Afirma que na sociedade existe a dominante, ou seja, aqueles que atuam da forma como a sociedade acha que é a correta e depois a que é denominada como desviante, sendo aquela que atua de forma diferente. O autor explica que as pessoas não têm comportamentos desviantes, aliás eles só são considerados desviantes devido a estas serem rotuladas dessa forma, chegando mesmo a definir desvio como “não a qualidade de uma má pessoa, mas como resultado de alguém definir a atividade de outra como má”. Os grupos, que são estigmatizados, convivem apenas com indivíduos que praticam o mesmo devido a ser uma prática apenas aceite pelo grupo.

⁹ ThoughtCo., <https://www.thoughtco.com/howard-becker-3026481>, consultado a 18 de novembro de 2017.

1.5 Representação social

Têm sido várias as notícias¹⁰ referentes ao aumento da delinquência juvenil e criminalidade grupal, mas será que esse aumento tem, em termos concretos, significado?

É importante começar por fazer referência aos órgãos de comunicação social, como afirmam Matos et al. (2009), a população está cada vez mais informada, não querendo dizer com isso que haja mais criminalidade. Carvalho (2000) alega que existe a percepção de que vivemos numa sociedade mais violenta, sendo verificável o contrário tendo como exemplo as ações praticadas na Idade Média. O problema é que muitas destas notícias hoje reportadas como, por exemplo, o episódio do triplo homicídio na cidade de Beja, em 2012 (Poiares, 2014), são notícias que causam horror entre a população em geral. Rodrigues (1999, citado por Carvalho, 2005) acrescenta que esta sensação se deve a, nos dias de hoje, vivermos uma dramatização e politização da violência extraordinariamente grandes. Analogamente ao fenómeno que estamos a estudar, Carvalho (2005) afirma que ao aparente aumento do desvio e da delinquência juvenil, existem dados fiáveis insuficientes que comprovem esse aumento.

É visível que a comunicação social tem o seu papel relativamente à percepção de um aumento de delinquência juvenil e criminalidade grupal, mas será que realmente tem ou não razão? Fomos analisar os dados do RASI desde 2006 até 2017 e constatámos que, em relação à delinquência juvenil, a sua percentagem de casos foi alternada. Em 2007, houve um decréscimo de ocorrências no valor de 3,6% em relação ao ano de 2006 e em 2008 continuou, no valor de 28,8% em relação ao ano de 2007. Relativamente a 2009, a delinquência juvenil tem um acréscimo de ocorrências, apresentando mais trezentos e dezoito registos do que no ano de 2008 e em 2010 ocorreu novamente um acréscimo de 11,5% em relação ao ano de 2009. Destacámos o período de 2006 até 2010 porque o número de casos foi mais significativo entre estes anos, sendo que após essa data, embora os valores continuassem a crescer e a diminuir, os casos desceram para quase metade. No que diz respeito à criminalidade grupal, verificámos que 2008 foi o ano em que houve mais ocorrências, nove mil quinhentas e vinte e duas, e também o que marcou a descida contínua até 2017. Na criminalidade grupal, de igual modo ao que verificámos na delinquência juvenil, é possível constatar uma grande descida de casos nos últimos

¹⁰ Jornal de Notícias, <https://www.jn.pt/justica/interior/delinquencia-juvenil-aumenta-234-4486340.html>, consultado a 15 de março de 2018;

TVI24, <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/rasi/delinquencia-juvenil-dispara-mais-de-23-mais-crime-nas-escolas>, consultado a 15 de março de 2018;

Público, <https://www.publico.pt/2009/04/10/sociedade/noticia/criminalidade-grupal-aumentou-35-por-cento-e-delinquencia-juvenil-desceu-437-por-cento-em-2008-1373607>, consultado a 15 de março de 2018.

anos, sendo que no ano de 2017 houve menos quatro mil oitocentos e doze casos relativamente ao ano de 2008.

A partir destes dados, é possível constatar que, pelo menos na última década, a criminalidade grupal tem vindo a diminuir e a delinquência juvenil tem sido uma inconstante devido aos acréscimos e decréscimos de casos, sendo esta delinquência também verificada nas escolas. Em suma, gostaríamos de salientar que existe uma conexão entre o desvio e a educação em Portugal, devido a esta ter mudado após o 25 de Abril (Poiares, 2014). De acordo com Phillips (2009) e Naouri (2009), esta mudança de educação explica-se através da rejeição do autoritarismo vivido outrora, que levou os pais de hoje em dia a terem muito mais dificuldade em dizerem “não” aos seus filhos por o associarem ao autoritarismo. Por estas razões, achamos que a pergunta que fizemos ao início não tem validade porque é preciso analisar com muito mais atenção esta questão, indo ao encontro do que Matos et al. (2009) afirmam, para que não passe a ideia errada aquando da publicação destas notícias. Hoje em dia, as pessoas sentem-se mais seguras do que há cinco anos¹¹ atrás, embora seja essencial termos em atenção quem responde que se sente mais inseguro quando é realizada alguma reportagem ou notícia sobre este assunto porque a vulnerabilidade sentida por idosos e por jovens adultos é diferente.

¹¹ SIC Notícias, <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2018-01-17-Portugueses-sentem-se-mais-inseguros-no-Alentejo-e-Algarve>, consultado a 15 de março de 2018.

2. Delinquência juvenil – o fenómeno dos gangues

2.1 Fatores de risco associados à delinquência juvenil

O fenómeno da delinquência, em especial a juvenil, surge ou manifesta-se devido a fatores de risco que estão diretamente relacionados com a entrada para gangues, como referem os autores que serão elencados de seguida. Há autores que defendem que se deve a fatores individuais e de comunidade, como afirmam Dupére et al. (2007), outros afirmam que se deve ainda incluir os fatores familiares, escolares e de pressão de grupo, de acordo com Howell (2010) e Matos et al. (2009) e ainda existem autores explicam este fenómeno através de vários fatores, incluindo as teorias que escolhemos para o nosso estudo, como é o caso de Sharkey et al. (2010). Nós seguimos a linha de pensamento de Howell (2010) e por essa razão iremos abordar os cinco grandes fatores de risco: individuais, familiares, escolares, do grupo de pares e da comunidade.

Começando pelo fator de risco individual, Howell (2010) destaca os comportamentos antissociais, abuso de álcool e droga, problemas de saúde a nível mental, vitimização e eventos negativos que sucederam na vida. Dupére et al. (2007), abordam outras características individuais como a hiperatividade, a baixa ansiedade e o ser antissocial (ligado ao egocentrismo), sendo que os jovens que têm tendências psicopatas são especialmente vulneráveis à integração de gangues caso habitem em bairros instáveis. Lahey et al. (1999) defendem, principalmente, o comportamento antissocial para explicar o fenómeno de entrada em gangues e Morden et al. (2014) destacam mais o início precoce nas relações sexuais e no abuso do álcool e droga. Matos et al. (2009) referem todos os aspetos já elencados pelos autores referidos, acrescentando os problemas de atenção, o historial de comportamentos agressivos, fracas competências sociais, fraco controlo parental, busca de sensações, défices cognitivos, tanto verbais como de planificação, e erros na interpretação e processamento de informação social. Tisseron (2004) alerta para o facto da influência da televisão, cinema e jogos de computador nas crianças poder conduzi-los para um mundo de violência e, consequentemente, a caminhos desviantes e à delinquência juvenil.

No que diz respeito ao fator de risco familiar, Howell (2010) refere aspetos como a pobreza, famílias destruturadas e familiares que sejam membros de um gangue como fatores com grande importância para que um jovem se afilie a um gangue. Lahey et al. (1999) mencionam a pouca supervisão familiar e famílias destruturadas. Morden et al. (2014) também mencionam os aspetos referidos pelos autores anteriores. Sharkey et al. (2010) abordam as razões que levam um jovem a participar num gangue, onde fazem alusão ao caso de famílias desestruturadas em que o jovem só encontra a família que procurava no gangue. Matos et al. (2009) aludem ao divórcio ou separação dos

pais, a mãe adolescente, baixo nível socioeconómico da família, conflito familiar durante a infância, recurso assíduo a comportamentos coercivos e controladores, inclinação para elogiar atos que são antissociais e mostrar indiferença aos atos pró-sociais, frequentes castigos corporais, falta de supervisão das atividades dos jovens, baixos níveis de afeto familiar e estratégias parentais autoritárias ou inconsistentes.

Relativamente ao fator de risco escolar, Howell (2010) refere o pobre desempenho escolar e a falta de ligação à escola e aos professores como preditores de ingresso num gangue. Sharkey et al. (2010) seguem na mesma linha de pensamento de Howell (2010) e afirmam que as dificuldades na escola, a frustração com os resultados obtidos, a frustração devido ao sistema da escola e a não terem colegas que tenham comportamentos pró-sociais influenciam um jovem a ingressar num gangue. Matos et al. (2009), mencionam que a violência escolar se deve ao “fraco envolvimento escolar e precoce insucesso académico, falta de apoio dos professores e disciplina fraca ou inconsistente na sala de aula” (Matos et al., 2009, p. 34). Os autores vão no seguimento do que já foi dito, destacando o fraco envolvimento na escola, fraco rendimento escolar e abandono escolar. Carvalho (2005) também afirma que “o insucesso escolar, o elevado absentismo e o abandono precoce surgem frequentemente associados às primeiras referências oficiais a práticas desviantes ou delinquentes, geralmente concretizadas em grupo(s) de pares” (Carvalho, 2005, p. 86). Socorremo-nos de uma frase de Sebastião (2008) relativamente ao fator escolar e à violência que é vivida nas escolas “(...) não faz sentido falar de escolas violentas mas sim de situações e percursos que levam à violência ou produzem violência, sendo que a atenção dada pelos contextos escolares aos diversos tipos de ocorrências e a forma como estes se encontram organizados para lidar com estes acontecimentos é decisiva” (Sebastião, 2008, p. 17).

Em penúltimo lugar, temos o fator de risco de grupo de pares, onde a maioria dos autores como, por exemplo, Howell (2010), Sharkey et al. (2010) e Matos et al. (2009), afirmam que é uma maneira de pertencer a algo por serem excluídos pelo resto dos pares e, normalmente, estes jovens que se sentem desintegrados são agressivos, sendo essa agressividade um preditor de ingresso num gangue.

Por fim, temos o fator de risco da comunidade, onde Howell (2010) e Matos et al. (2009) referem que o facto de um jovem viver num bairro desfavorável, com baixo nível económico, onde existe um alto índice de criminalidade, fácil acesso a drogas e a armas de fogo ou brancas, faz com que seja mais fácil para um jovem ingressar num gangue porque quem vive neste meio sente-se incluído naquela comunidade. Lourenço (2000) acrescenta que nestas comunidades existem bastantes fatores de risco como os de grupo de pares e familiares, sendo que estas costumam ser sempre bastante destruídas. Matos et al. (2009) mencionam ainda o facto da exposição repetida à violência, as

desigualdades sociais e a desorganização social, o desemprego e a discriminação, o racismo e a xenofobia.

Estes fatores de risco servem como preditores se o início de algum deles for muito precoce, de acordo com Morden et al. (2014) e Negreiros (2008), como, por exemplo, o abuso de álcool e drogas, comportamentos agressivos e antissociais, entre outros. A precocidade está relacionada com a duração de tempo em que o jovem permanece neste tipo de atividades, quanto mais cedo começar a praticar estas ações, mais tempo permanecerá nas mesmas. É importante não confundir comportamentos praticados pelos adolescentes considerados normais ou dentro das normas, devido a ainda estarem a formar a sua personalidade, e os comportamentos antissociais, como afirma Negreiros (2008).

2.2 Os gangues na escola

É impossível falarmos na delinquência juvenil e em gangues sem dedicarmos um subcapítulo acerca deste fenómeno ligado às escolas. Antes de começarmos a abordar a violência e os seus tipos em meio escolar, é necessário analisarmos os dados do RASI 2017 para verificarmos qual a situação que Portugal atravessa atualmente.

Relativamente aos dados que o RASI nos fornece, constatamos que a delinquência juvenil apresenta um decréscimo de doze (-0,7%) registos em relação ao ano de 2016 e a criminalidade grupal um decréscimo de quatrocentos e cinquenta e dois (-8,8%) registos relativamente ao ano atrás referido. Como já foi supramencionado anteriormente, Portugal, neste momento, apresenta valores mais baixos do que na década anterior.

No que concerne aos dados sobre os ilícitos em meio escolar, estes traduzem o total de participações efetuadas junto da GNR e PSP, no âmbito do Programa “Escola Segura”, e abrange o Ensino Público, o Superior e o Particular e Cooperativo. No ano letivo 2016/2017, foram participadas sete mil e sessenta e seis ocorrências em contexto escolar (no interior, nas imediações dos estabelecimentos de ensino, e no percurso casa-escola). Destas ocorrências, 63% foram de natureza criminal. Em relação ao ano letivo anterior (2015/2016), registou-se uma diminuição global de ocorrências em ambiente escolar (-6,4%) e de ocorrências de natureza criminal (-6,2%). Quanto ao local das ocorrências, mil duzentos e dez dos casos foram no exterior da escola, representando uma variação de -16,2%, e três mil duzentos e oitenta e seis dos casos foram no interior da escola, representando uma variação de -1,9%, continuando a tendência dos anos letivos anteriores, onde a maioria dos casos participados ocorreram no interior das escolas. Analisando as ocorrências participadas, por distrito, pelas forças de segurança, verifica-se que Lisboa, com três mil cento e setenta e três, e Porto, com oitocentos e noventa e oito, concentram mais de metade dos ilícitos registados no âmbito do Programa “Escola Segura”. Destacamos a zona de Lisboa devido a ser a nossa área de estudo, sendo este o local com mais ocorrências participadas, algo que se torna alarmante devido à enorme diferença que existe com a cidade do Porto, a segunda com mais ocorrências.

Após a análise dos dados do RASI, é importante abordarmos o fenómeno da violência e da delinquência juvenil no âmbito escolar. Matos et al. (2009) afirmam que a violência nas escolas é um tema bastante atual, com grande destaque, e que está relacionado com a delinquência juvenil. Sebastião (2008) refere que, embora exista uma crescente visibilidade social e mediática em relação à violência nas escolas, conclui, através de um estudo seu, que apesar da mediatização em torno da existência de escolas violentas em Portugal, não encontra sustentação na investigação que comprove esse facto. A

delinquência juvenil está diretamente conexa ao fator de risco escolar, onde podemos dar a título de exemplo o pobre desempenho escolar e a falta de ligação à escola e aos professores (Howell, 2010), as dificuldades na escola, a frustração com os resultados obtidos e a não terem colegas com comportamentos pró-sociais (Sharkey et al., 2010) como fatores que conduzem à delinquência juvenil. Fazemos alusão ao que Matos et al. (2009) afirmam, a violência escolar deve-se, além do fraco envolvimento escolar e precoce insucesso académico, à falta de apoio dos professores e falta de disciplina na sala de aula.

Não poderíamos deixar de elencar os delitos mais praticados pelos alunos em Portugal, sobressaindo a agressividade e o *bullying*, como é mencionado por Matos et al. (2009). A agressividade tem três tipos: verbal, física e social, sendo a física a que tem maior destaque. No que diz respeito ao *bullying*, este é “uma forma especial de violência cuja ação decorre na escola, no recreio ou nas imediações e é exercida por um grupo ou por um único indivíduo”, sendo que o objetivo passa pela “posição dominante em que o agressor (*bully*), para sua própria gratificação e seja qual for o contexto, se coloca face à vítima (que não é a única que sofre, o que acontece, igualmente, aos que presenciam a agressão), superioridade que pode ser de ordem material ou psicológica”¹². Dan Olweus foi o primeiro investigador a usar este termo e afirma que “um aluno está a ser vítima de *bullying*/provocação quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas” (1991, Olweus citado por Matos et al., 2009, p. 29). Além da agressividade, que engloba três tipos, e o *bullying*, o tráfico de estupefacientes nas escolas ou nas suas redondezas, o roubo e furto também fazem parte dos ilícitos existentes no âmbito escolar, como afirmam Costa e Soares (2002).

Tendo em consideração a delinquência juvenil e a violência escolar, é impensável não mencionarmos os gangues ou grupos de pares. Não sabemos se os podemos definir como gangue visto que não têm nenhuma estrutura organizacional, embora sejam um grupo de jovens que possuem as mesmas características e que se agrupam devido aos comportamentos antissociais que estes adotam, onde, por essa razão, irão ser excluídos pelos pares pró-sociais, de acordo com Matos et al., (2009). Nesta situação podemos ver subentendida a teoria da rotulagem de Becker (1963), pela simples razão destes terem comportamentos que não são aceitáveis pela sociedade e, por consequência, começam a ser excluídos e a associarem-se com pares que têm as mesmas características. É de salientar que estes comportamentos antissociais surgem de diversos fatores como, por exemplo, familiares ou escolares e quanto mais precoce se manifestam, mais servem de preditores relativamente ao aparecimento de

¹² Conceito de *bullying* no prefácio elaborado por José Martins Barra da Costa, situado na obra O Gang e a Escola (agressão e contra-agressão nas margens de Lisboa) de Joana Costa e Sérgio Soares, p. 14.

problemas na adolescência e de permanência neste mundo, de acordo com Negreiros (2008), Morden et al. (2014) e Moffitt e Caspi (2000, 2001, citados em Matos et al., 2009). Em relação aos fatores escolares, referir que diversos autores como Gottfredson, Sealock e Koper (1996, citados em Matos et al., 2009) e Loeber e Thornberry (1994, citados em Matos et al., 2009) fazem alusão ao desempenho escolar e à ligação à escola como os fatores mais citados de modo a estarem ligados aos comportamentos antissociais.

Os gangues de escola surgem pelos cinco grandes fatores de risco: individuais, familiares, escolares, do grupo de pares e da comunidade. São geralmente compostos por rapazes como é possível vermos nos dados do RASI 2017. Machado (2008) explica este fenómeno, o de os rapazes estarem mais ligados ao crime do que as raparigas, através do patriarcado porque os homens são percecionados como mais sujeitos a comportamentos violentos, logo mais propensos a serem “criminosos”, e as mulheres como indefesas, frágeis, logo vítimas. As mulheres distanciam-se assim do crime, mas ficam mais sujeitas a um controlo social.

Para combater este fenómeno, existem programas em curso, como é o caso do Programa “Escola Segura”. Foi a primeira política pública específica para regular os comportamentos violentos na escola, surgindo em 1992, e deveu-se a várias pesquisas relacionadas com o *bullying* na década de 90 (Sebastião, 2013). Ainda a nível nacional temos programas de intervenção como, por exemplo, o Programa de Promoção de Competências Pessoais e Sociais na prevenção da violência, que tem como principal objetivo trabalhar: a comunicação interpessoal; a identificação e gestão de emoções; a identificação e solução de problemas e gestão de conflitos; a promoção de competências sociais e da assertividade e as expetativas face ao futuro (Matos et al., 2009, p. 157).

2.3 Problemas relacionados com os gangues juvenis

De acordo com os dados dos RASI, na última década, Lisboa e Porto são as cidades onde existe mais delinquência juvenil e criminalidade grupal. Só nos focaremos na zona de Lisboa devido a ser a cidade onde se localiza o nosso estudo. Conseguimos explicar estes dois fenómenos através da emergência urbana que ocorreu nas últimas décadas, de acordo com Lourenço (2000). O autor afirma que esta emergência se deve a três aspetos: a uma profunda mudança no tecido social em função da industrialização e terciarização da economia, a acentuados fluxos migratórios para os centros urbanos e suas periferias e à alteração muito significativa na estrutura demográfica da população portuguesa.

É do conhecimento geral que toda a criminalidade traz os seus problemas e, por essa razão, achamos fundamental elencar os problemas dos gangues juvenis. Começamos por fazer alusão aos crimes praticados pelos gangues, ou seja, criminalidade grupal. De acordo com o RASI, na última década, a criminalidade grupal é uma tendência que tem vindo a diminuir. Este facto é interessantíssimo porque Portugal tem atravessado uma crise económica e era de esperar que ocorresse um aumento da criminalidade, tal como Ferreira (2011) afirma.

Algo que também será de salientar novamente são os atos ilícitos que estes praticam. De acordo com um estudo de Carvalho (2005), os mais verificados são: o furto, o roubo e o dano. Também é de evidenciar a ameaça ou coação, as ofensas físicas e o tráfico e consumo de estupefacientes. Carvalho (2005) faz ainda referência ao uso de armas, das quais é mais comum o uso de armas brancas ou similares. Costa e Soares (2002) constataram, num estudo realizado por ambos, que conforme as idades, os crimes eram diferentes. Os menores praticam, principalmente, furtos e roubos e costuma ser em grupo, os adultos estão envolvidos no tráfico de estupefacientes e furtos de veículos e, em geral, é não-grupal. Este facto deve-se aos jovens perceberem que se ganha mais dinheiro com o tráfico de estupefacientes do que com roubos e furtos. É de salientar que muitos deles não têm atividade, a não ser os menores que são estudantes.

Outro problema que está relacionado com os gangues juvenis é a rotulagem, indo ao encontro do que Becker (1963) aborda na sua teoria. Ferreira (2007) constatou, num estudo seu, que algumas das resistências, para que um jovem não entre no mundo da delinquência, tendem a ser diferencialmente acionadas em função das habilitações literárias e do estatuto socioprofissional. Os jovens que praticam atos considerados antissociais são excluídos pelos jovens integrados na sociedade e esta situação leva a que os primeiros formem um grupo, surgindo o gangue. Negreiros (2008) afirma que o problema mais grave é que esta exclusão tem um início precoce nas escolas devido a muitos destes jovens manifestarem cedo os seus comportamentos antissociais. Esta circunstância faz com que

não tenham êxito a nível escolar, por afetar a sua prestação, e, mais tarde, irá influenciar a sua oportunidade no mercado de trabalho. Carvalho (2000) vai na mesma linha de pensamento e refere que “a radicalização de certos comportamentos dos jovens assenta numa diversidade de motivos” (p. 37), destacando a falta de competências mínimas de vários jovens para acederem ao mercado qualificado de trabalho, nomeadamente, por não possuírem a escolaridade obrigatória.

Para concluir, é importante fazer referência às instituições que combatem estes problemas pelas crianças e jovens em perigo. É o caso da CNPDPCJ, que atua conjuntamente com as CPCJ, e que tem como objetivo principal “promover a prevenção universal e seletiva na comunidade de que faz parte integrante” (Costa, 2012, p. 77). As CPCJ entram em ação quando os casos são de maior gravidade, sempre apoiadas pela Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de setembro. Caso as CPCJ não tenham competência, devido à gravidade da situação, os casos passam para os tribunais.

3. Método

3.1 Enquadramento metodológico geral

No que diz respeito ao enquadramento metodológico geral, é importante expor as opções que seguimos em termos metodológicos porque “uma investigação social não é, pois, uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas que bastaria aplicar tal e qual se apresentam, numa ordem imutável. A escolha, a elaboração e a organização dos processos de trabalho variam com cada investigação específica” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 18). Interessa, assim, explicar o porquê dos caminhos traçados, as técnicas de recolha e a forma de tratamento de dados, o guião da entrevista e os obstáculos epistemológicos que tiveram de ser ultrapassados, um grupo de fatores que, na sua totalidade, guiaram-nos ao produto final deste trabalho de investigação.

Por querermos estudar o caso dos gangues na zona de Lisboa tivemos, em primeiro lugar, de ter um cuidado prévio de verificar quais as instituições que nos podiam receber. Por consequência, enviámos pedidos de autorização para os centros educativos de Navarro Paiva e da Bela Vista, para o Estabelecimento Prisional de Lisboa, para a 4ª divisão policial da PSP, para a Associação Cultural Moinho da Juventude e para a Casa do Gaiato de Lisboa.

Decidimos utilizar o estudo de caso porque este método “é especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo” (Bell, 1997, p. 23). Nós pensamos que é a melhor estratégia para o nosso trabalho e, como refere Greenwood, o método do estudo de caso “consiste no exame intensivo, tanto em amplitude como em profundidade e utilizando todas as técnicas disponíveis, de uma amostra particular, seleccionada de acordo com determinado objectivo (ou, no máximo, de um certo número de unidades de amostragem), de um fenómeno social, ordenando os dados resultantes por forma a preservar o carácter unitário da amostra, com a finalidade última de obter uma ampla compreensão do fenómeno na sua totalidade” (Lima, 1995, p. 18).

Para este estudo utilizámos três teorias com o intuito de respondermos a três objetivos e de explicar o nosso trabalho. São estas a teoria da anomia, para descobrir se o que leva um jovem a pertencer a um gangue é a falta de regulação social, a teoria das associações diferenciais, para percebermos se pertencer a um gangue tem como fator a aprendizagem de comportamentos e a teoria da rotulagem, para compreendermos se o rótulo implementado pela sociedade pode conduzir um jovem a ingressar num gangue.

Relativamente ao método, é de cariz qualitativo com a confiança de que os resultados da investigação não são menos rigorosos por não termos aplicado o método quantitativo porque “o rigor não é exclusivo da quantificação, nem tão pouco a quantificação garante por si a validade e a fidedignidade que se procura” (Silva e Pinto, 2001, p. 103), porque de facto, “nem o qualitativo nem o quantitativo garantem uma objectividade total; tendem apenas a assegurar um procedimento o mais objectivo possível” (Albarelllo, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Raquoy & Saint- Georges Batista, 1997, p. 85), sendo certo que os “métodos quantitativos são inadequados ao estudo de fenómenos únicos, às análises de sociologia histórica ou do funcionamento de sociedades restritas: a análise qualitativa será nestes casos, apropriada” (Lima, 1995, p. 24).

Por consequência, usámos, como técnicas de recolha de dados, inquéritos por entrevista e pesquisa documental. Utilizámos os inquéritos por entrevista semi-diretiva pois “a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilitado consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisa que o inquérito nunca poderá fazer” (Bell, 1997, p. 137). “A entrevista semidirectiva, ou semidirigida, é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 192). De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), a entrevista tem como “principais vantagens: o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos. A flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais” (p. 194). Os inquéritos por entrevista foram aplicados aos jovens que estão ligados ao fenómeno dos gangues e que se encontram no Estabelecimento Prisional de Lisboa, aos profissionais da Polícia de Segurança Pública e às profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa, sendo estes a nossa população-alvo. Relativamente à análise documental, como refere Chaumier (1974), é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referenciação” (Bardin, 1977, p. 45). Lemos inúmeros documentos, como os RASI, obras relacionadas com esta temática, teses e dissertações sobre o fenómeno e vários artigos científicos e de imprensa. Achamos estas técnicas de recolha de dados as mais adequadas para o nosso trabalho pela forma como nos ajudou a recolher informação para a realização desta investigação.

Nós desenvolvemos um modelo informático, onde ordenámos toda a informação retirada das entrevistas com os informantes privilegiados. Este modelo foi-nos bastante útil porque permitiu com que conseguíssemos responder aos objetivos que nos propusemos e caracterizar muito mais facilmente

os informantes privilegiados como, por exemplo, as idades dos jovens, quais os atos ilícitos mais comuns, se atuam em grupo ou sozinhos, entre outros.

No que diz respeito à nossa amostra, foram sete jovens, reclusos no Estabelecimento Prisional de Lisboa, um subcomissário e quatro agentes principais da Polícia de Segurança Pública da 4ª divisão policial e, por fim, a diretora, uma assistente social e cinco jovens da Casa do Gaiato de Lisboa. Iremos assim “estudar componentes não estritamente representativas, mas características da população” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 162). Decidimos escolher este número de informantes privilegiados porque foi o número que achámos necessário para obtermos a resposta à nossa pergunta de investigação e para que esta fosse realizada com sucesso.

No que concerne à escolha das instituições, optámos por estas em virtude de serem as que estão mais bem posicionadas para nos responderem à nossa pergunta de investigação. Escolhemos o Estabelecimento Prisional de Lisboa porque o nosso estudo localiza-se em Lisboa e por ser onde se encontra jovens que já tiveram contacto com este mundo. Acerca dos profissionais da Polícia de Segurança Pública, tiveram bastante importância devido a conviverem frequentemente com esta realidade no seu dia a dia e tornava-se essencial termos o testemunho destes profissionais. Escolhemos a 4ª divisão policial por estar perto da zona das docas, conhecida por ser uma zona de diversão noturna e onde é comum haver confrontos entre jovens¹³. Relativamente à Casa do Gaiato de Lisboa, foi deveras importante porque nos fez ver a parte em que ajudam jovens a não seguir o caminho da delinquência e, com isto, percebermos o que pode ser feito para que este fenómeno seja cada vez menos frequente.

Com a nossa amostra, conseguimos três planos de análise: os profissionais da PSP, os jovens do Estabelecimento Prisional de Lisboa e as profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa. Estes três planos são indispensáveis para o nosso trabalho devido a conseguirmos cruzar as informações de cada um e, assim, obtemos uma visão ampla do fenómeno.

¹³ Público, <https://www.publico.pt/2018/04/07/local/noticia/confrontos-nas-docas-causam-quatro-feridos-1809465>, consultado a 8 de junho de 2018.

3.2 Caracterização dos inquiridos

Quivy e Campenhoudt (1998) afirmam que “o que caracteriza os sociólogos é estudarem os conjuntos sociais (por exemplo, uma sociedade global ou organizações concretas dentro de uma sociedade global) enquanto totalidades diferentes da soma das suas partes. São os comportamentos de conjunto que lhes interessam em primeiro lugar, as suas estruturas e os sistemas de relações sociais que os fazem funcionar e mudar, e não os comportamentos, por si próprios, das unidades que os constituem. Porém, mesmo neste tipo de investigações especificamente sociológicas, as informações úteis, muitas vezes, só podem ser obtidas junto de elementos que constituem o conjunto” (p. 159). Torna-se, assim, fundamental a escolha dos informantes privilegiados para a realização da investigação. Como já foi referido, os nossos inquiridos são da 4ª divisão policial, da Casa do Gaiato de Lisboa e do Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Referente à 4ª divisão policial da PSP conseguimos entrevistar cinco membros, dos quais quatro eram agentes principais e um era subcomissário. Dos quatro agentes principais, dois faziam parte do Programa “Escola Segura” e dois da Equipa de Intervenção Rápida. Na seleção, tivemos o cuidado de obter um grupo que nos conseguisse dar uma visão global do fenómeno e, para isso, tivemos em consideração o serviço, as funções, o tempo de serviço e as categorias profissionais. Vejamos:

Oficial (subcomissário) que exerce funções de comando na 4ª divisão policial da PSP, com sete anos de experiência (E05);

Agente principal que exerce funções no Programa “Escola Segura” na 4ª divisão policial da PSP, com doze anos de experiência (E01);

Agente principal que exerce funções no Programa “Escola Segura” na 4ª divisão policial da PSP, com nove anos de experiência (E02);

Agente principal que exerce funções na Equipa de Intervenção Rápida, com 12 anos de experiência (E03);

Agente principal que exerce funções na Equipa de Intervenção Rápida, com 12 anos de experiência (E04).

É importante referir que destes cinco informantes privilegiados, todos eram do sexo masculino e têm uma duração média de serviço de 10,4 anos, o que é importante para validar a nossa investigação.

Relativamente à Casa do Gaiato de Lisboa, conseguimos entrevistar a diretora, uma assistente social e cinco jovens que vivem na instituição, embora para estes tenha sido aplicado um inquérito no

qual respondiam consoante as perguntas que lhes eram apresentadas em papel. Tivemos o cuidado de nos focarmos nos aspetos da instituição e dos jovens da mesma para irmos ao encontro das similaridades com os jovens que vivem com as suas famílias. Vejamos:

Diretora da Casa do Gaiato de Lisboa, que desempenha as funções de organização e funcionamento da instituição, com três anos de experiência (E07);

Assistente social da Casa do Gaiato de Lisboa, que desempenha as funções de organização e funcionamento da instituição, com cinco anos de experiência (E06);

Jovem que habita na Casa do Gaiato de Lisboa, 19 anos e a terminar o 12º ano (R1);

Jovem que habita na Casa do Gaiato de Lisboa, 19 anos e está no 10º ano (R2);

Jovem que habita na Casa do Gaiato de Lisboa, 17 anos (R3);

Jovem que habita na Casa do Gaiato de Lisboa, 16 anos e tem o 9º ano (R4);

Jovem que habita na Casa do Gaiato de Lisboa, 14 anos (R5).

No que concerne aos jovens entrevistados da Casa do Gaiato de Lisboa, eram todos do sexo masculino, onde possuem uma idade média de 17 anos. A diretora e a assistente social têm uma duração média de serviço de 4 anos.

Relativamente aos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, entrevistámos sete jovens e tivemos o cuidado de nos focarmos apenas no que era essencial para a nossa investigação para sermos objetivos em relação ao tema. Vejamos:

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 21 anos, 6º ano de escolaridade (E08);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 21 anos, 9º ano de escolaridade (E09);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 22 anos, 9º ano de escolaridade (E10);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 22 anos, 7º ano de escolaridade (E11);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 22 anos, 9º ano de escolaridade (E12);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 19 anos, 12º ano de escolaridade (E13);

Jovem, recluso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, 22 anos, 8º ano de escolaridade (E14).

Quanto aos jovens que entrevistámos no Estabelecimento prisional de Lisboa, são todos do sexo masculino, onde têm uma idade média de 21,3 anos e, na sua grande maioria, têm o 2º e 3º ciclo do ensino básico.

3.3 O guião da entrevista

Feita a caracterização de todos os inquiridos, é tempo de virarmos a atenção para o guião da entrevista. Para esta investigação construímos quatro guiões: para os agentes principais e subcomissário da 4ª divisão policial da PSP, para a diretora e para a assistente social da Casa do Gaiato de Lisboa, para os jovens que habitam na instituição e, por último, para os reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Começando pelo guião da entrevista construído para a 4ª divisão policial da PSP, tivemos como principal objetivo perceber como funcionam os grupos que praticam atos ilícitos na zona de Lisboa. Desta forma perguntámos, em primeiro lugar, quais as idades mais comuns dos jovens que detêm para percebermos se estes se iniciam precocemente neste tipo de práticas. De seguida, questionámos qual a percentagem, dos jovens que detêm, que vive em bairros sociais, para irmos ao encontro da teoria de Sutherland (1940), se realmente existe ou não uma aprendizagem dos comportamentos, que neste caso seria com a realidade de onde habitam. Outra pergunta de bastante interesse para o nosso estudo foi saber se tinham conhecimento do tipo de famílias destes jovens e do tipo de amigos, para percebermos até que ponto os fatores de risco familiares e de pressão de grupo afetam o comportamento destes jovens. Seria de nulo interesse realizarmos este trabalho sem sabermos se existem atividades de gangues em Lisboa. Após estas questões mais introdutórias, focámo-nos nos gangues, onde perguntámos como os caracterizavam, se existia uma hierarquia e um líder, quais os atos ilícitos mais praticados, a sua gravidade e evolução, qual a maneira de atuarem, se é comum o uso de armas brancas ou armas de fogo e se os jovens se arrependem destas práticas, com o objetivo de caracterizarmos os gangues da zona de Lisboa. Entre estas questões, encontra-se uma que se assemelha à nossa pergunta de investigação, que passa por saber se os jovens cometiam estes atos por necessidade, diversão ou para se imporem. Fazendo agora alusão à detenção, perguntámos como é que se sentiram quando foram detidos pela primeira vez, para percebermos o impacto que tem para os jovens a consequência da sua ação. Por fim, questionámos o que leva um jovem a ingressar um gangue, de maneira a podermos responder ao nosso objetivo principal do trabalho, o que cada um perspectiva para o futuro destes jovens e se queriam acrescentar algum fator, com a pretensão de obtermos mais informação para o nosso estudo.

Passando para o guião da entrevista construído para a diretora e para a assistente social da Casa do Gaiato de Lisboa, tínhamos como objetivo perceber como era a vida dos jovens que acolhiam, ou seja, o passado destes, para verificarmos se o fator da família é determinante na evolução de uma criança ou de um jovem. De seguida, quisemos saber como eram estes a nível escolar, quais os níveis

escolares que atingem, se costumam ser bons alunos e se as escolas são problemáticas, onde tínhamos como objetivo relacionarmos a delinquência juvenil com a escolaridade. Relacionado com o fenómeno dos gangues, perguntámos se estes jovens tinham dificuldade em integrar-se na sociedade, se eram estigmatizados e se estes dois fatores podem influenciar um jovem a ingressar num gangue. Também de grande interesse são as questões acerca das estratégias em torno da delinquência juvenil, onde questionámos à diretora e à assistente social da Casa do Gaiato de Lisboa se existem programas para que estes jovens possam ter uma vida como qualquer outro jovem, se existem apoios para que tenham acesso ao ensino superior e se realmente existe uma equidade entre estes jovens e os que não vivem em instituições. Estas perguntas têm o intuito de percebermos se estes fatores podem marcar um jovem que viva numa instituição e, que por essa razão, possam levá-lo à prática de atos ilícitos. Ligado aos gangues estão os crimes e, devido a essa situação, perguntámos quais os atos ilícitos mais cometidos pelos jovens que habitam na instituição e se quando os praticam é por necessidade, diversão ou para se imporem, de forma a vermos se estes comportamentos se assemelham com os atos ilícitos praticados pelos jovens que não vivem numa instituição. Também quisemos perceber como funcionava a instituição, se existem apoios, o que fazem na instituição para ajudar os jovens, se estes mantêm contacto com a instituição quando saem e quais as rotinas que são praticadas, sendo que estas perguntas tinham como objetivo perceber como era a organização da instituição e como podiam influenciar estes jovens de uma maneira positiva.

No que concerne aos jovens que vivem na Casa do Gaiato de Lisboa, foram aplicados inquéritos no qual respondiam consoante as perguntas que lhes eram apresentadas em papel. Centrâmo-nos nas vidas de cada um, ou seja, quisemos saber o seu passado, onde habitavam, como definiam a sua personalidade, como foi a sua infância e vida familiar e se mantinham contacto com a sua família, onde pretendíamos conhecer a vida de cada jovem a nível pessoal e familiar e perceber como o seu passado influenciou o seu presente. Posteriormente, perguntámos se consideravam os funcionários da instituição como família, visto que convivem diariamente, e até que ponto existem laços entre ambos. No que diz respeito à escolaridade, questionámos quais eram os níveis de cada um, se eram bons alunos e se a escola era problemática, de maneira a relacionarmos a delinquência juvenil com a escolaridade. De seguida, virámos as perguntas para a nossa temática, ou seja, de gangues, e perguntámos se dispuseram de oportunidades para estudar ou de conseguir um emprego, se se sentiam desintegrados ou estigmatizados pela sociedade, se estes fatores podiam influenciar um jovem a ingressar num gangue e se tinham amigos nessa situação, para percebermos se são fatores condutores para um jovem pertencer a um gangue. Por fim, questionámos como era a vida destes na instituição, para conhecermos os hábitos dos jovens, de como eram ajudados e se achavam que era preciso um maior apoio a esta. Para concluir, de igual modo ao que fizemos aos agentes principais e ao subcomissário, perguntámos

às profissionais e aos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa quais as razões que levam um jovem a pertencer a um gangue, o que perspectivam para o futuro dos jovens que habitam na instituição, sendo que no caso dos jovens perguntámos o que perspectivavam para o seu futuro, e se queriam acrescentar algum fator, com o objetivo de respondermos à pergunta principal do nosso trabalho e de maneira a obtermos mais informação para o nosso estudo.

Em último lugar, surge o guião da entrevista referente aos reclusos, onde tínhamos como intuito percebermos como entraram no mundo do crime e o porquê destes comportamentos. Começámos por perguntar a idade de cada um, qual era a sua zona de residência antes de serem condenados e como se definiam a si próprios, com o propósito de sabermos se a zona de habitação influencia ou não a prática de ilícitos e se existe uma falta de organização social nesta, Sutherland (1940) e Merton (1938). De seguida, virámo-nos para a história de vida do informante, questionando como descreviam a sua infância, se esta afetou a sua personalidade, como relatavam a sua vida em termos familiares e se mantinham contacto com a família e com os amigos. Neste ponto, tivemos como objetivo perceber a influência que a família possui num jovem e o quão importante pode ser para que este não pratique atos ilícitos e a influência que os amigos podem ter na prática destes. Posteriormente, perguntámos como era a sua vida em termos escolares, se era bom aluno e se a escola que frequentava era problemática, para percebermos se as atitudes que estes tomaram poderiam derivar de laços que formaram na escola e do percurso nesta. Em relação às motivações de ingresso num gangue, questionámos se tiveram oportunidades, se se sentiam desintegrados ou estigmatizados pela sociedade e se estes dois fatores podiam contribuir para um jovem ingressar num gangue, se tinham amigos ou familiares nessa situação e se era um fator para pertencerem e, por fim, como é que acabaram por se envolver num gangue, onde pretendíamos saber se o ingresso se deve à pressão da sociedade e à influência dos amigos. Ainda relacionado com os gangues, perguntámos se existia uma hierarquia e um líder, para entendermos a estrutura de um gangue na nossa realidade. Relativamente à prática de atos ilícitos, questionámos, a cada um, qual foi o seu primeiro ato ilícito, pedindo para o descrever, se cometeram atos ilícitos por necessidade, diversão ou para se imporem, se usaram armas brancas ou de fogo quando praticaram atos ilícitos e se se arrependem de os terem cometido, de forma a caracterizar o modo de atuação dos gangues na zona de Lisboa e para percebermos o porquê de eles terem praticado estes atos. Seguidamente, passámos para o ponto acerca da detenção e da prisão, perguntando com que idade foi pela primeira vez detido e se podia descrever o que sentiu, quantas vezes mais foi detido depois da primeira vez e o que sentiu quando soube que ia ser preso no Estabelecimento Prisional de Lisboa, para entendermos se existe realmente um arrependimento da parte do jovem. Em penúltimo lugar, os jovens partilharam connosco informações acerca das condições do Estabelecimento Prisional de Lisboa, como era realizada a ressocialização e o que deveria melhorar, sendo estas úteis para

percebermos até que ponto conseguirá um recluso endireitar a sua vida com a ajuda que lhe é prestada num estabelecimento prisional. Por último, de igual modo aos restantes informantes privilegiados, perguntámos quais as razões que levam um jovem a pertencer a um gangue, o que perspectivam para o seu futuro e se queriam acrescentar algum fator, com o objetivo de respondermos à pergunta principal do nosso trabalho e para obtermos mais informação para o nosso estudo.

3.4 Procedimentos na preparação e execução das entrevistas

Para o nosso trabalho aplicámos inquéritos por entrevista e, no início das mesmas, com exceção das apresentações genéricas relacionadas com o entrevistador, foi elucidado aos informantes privilegiados o âmbito do instrumento de recolha de dados, transmitindo no que se baseava o nosso estudo, o instituto, os objetivos e as razões que nos levaram a escolher este tema. Na realização das entrevistas utilizámos uma linguagem acessível para todos os informantes privilegiados e estes foram estimulados para o tema do nosso estudo e motivados a responder (Ghiglione e Matalon, 2001).

Para a realização das entrevistas, foi necessário contactar as várias entidades que nos ajudaram a obter informações acerca do fenómeno de que trata o nosso estudo. Começando pela preparação das entrevistas, enviámos um e-mail às respetivas entidades, onde, em primeiro lugar, contactámos os centros educativos de Navarro Paiva e de Bela Vista, mas por estes não terem os informantes que necessitávamos para a nossa investigação, remeteram-nos para o Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Relativamente à preparação das entrevistas, no caso dos profissionais da 4ª divisão policial da PSP, tivemos de realizar um pedido à Direção de Ensino do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, sendo este remetido ao Diretor Nacional Adjunto da Unidade Orgânica de Recursos Humanos e só depois aceite. Posteriormente, fomos contactados pelo subcomissário da 4ª divisão policial da PSP para agendarmos um dia em que fosse possível a realização das respetivas entrevistas.

No que diz respeito ao pedido para a realização das entrevistas no Estabelecimento Prisional de Lisboa, tivemos de requerer à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, sendo aprovado pelo Subdiretor-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais segundo estas condições: a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do Estabelecimento Prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano; o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade da Direção e dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação; o investigador fique obrigado a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham cooperar e do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Quanto às restantes entidades, enviámos um e-mail para sabermos se nos poderiam receber para a realização das entrevistas. A Casa do Gaiato de Lisboa aceitou o nosso pedido, mas no caso da Associação Cultural Moinho da Juventude responderam que não poderiam ajudar na nossa investigação porque não tinham nenhum contributo benéfico para a mesma.

Passando para a execução das entrevistas, é importante referir que foram cumpridos todos os pontos pedidos pelos informantes privilegiados para as suas realizações. No caso das entrevistas efetuadas à 4ª divisão policial da PSP, foram realizadas no local, gravámos a entrevista com um gravador e foram executadas segundo as horas em que estavam disponíveis os respetivos agentes principais e o subcomissário.

Na Casa do Gaiato de Lisboa, realizámos as entrevistas à diretora, a uma assistente social e a cinco jovens que habitam nesta instituição. Em relação à diretora e à assistente social, as entrevistas foram realizadas nas imediações da Casa do Gaiato de Lisboa, conseguimos gravá-las e foram executadas nos horários que nos foram propostos pela diretora. No que diz respeito aos jovens, respeitámos a identidade de cada um, mantendo-as confidenciais, não gravámos a entrevista porque nos aconselharam a colocar as perguntas em papel e estes respondiam por escrito e foram realizadas nas imediações da Casa do Gaiato de Lisboa.

Relativamente aos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, efetuámos as entrevistas nas imediações deste, numa sala de reunião, não as gravámos devido a não ter sido requerido à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, foram respeitados os votos de confidencialidade dos respetivos informantes privilegiados e estas foram executadas durante os horários disponíveis que o Estabelecimento Prisional de Lisboa nos propôs.

Para concluir, é importante salientar que para nos facilitar o tratamento dos dados foi “indispensável gravar a entrevista (...). É claro que a gravação está subordinada à autorização prévia dos interlocutores” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 76). Posteriormente à realização das entrevistas, que ficaram registadas em suporte digital após o consentimento dos informantes privilegiados, tivemos de as transcrever na íntegra e diariamente para depois passarmos para a fase de tratamento de dados. Foi um processo lento devido a obrigar-nos a ouvir várias vezes as gravações, de forma a conseguirmos uma transcrição exata. Na parte dos anexos do nosso trabalho, colocámos duas entrevistas, das quais temos autorização dos informantes privilegiados. As restantes encontram-se com o investigador ou, numa versão disponível em suporte digital, quando entregámos a dissertação.

3.5 Redução e tratamento dos dados

Após a transcrição das entrevistas, seguiu-se a redução e tratamento dos dados. Esta fase foi essencial para respondermos aos objetivos que referimos inicialmente. Neste âmbito, foi fundamental a análise de conteúdo que, de acordo com Vala (2001), “é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais” (p. 101). “Em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo. Durante as entrevistas trata-se, de facto, de fazer aparecer o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjectividade dos processos” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 195). Acrescentam que “(...) o lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de complexidade como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco directivas” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 227).

Relativamente à análise de conteúdo, foram vários os autores que definiram este conceito. “Berelson (1952) definiu a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite «a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação». Adoptando esta mesma definição, Cartwright (1953) alarga o âmbito da análise de conteúdo na medida em que propõe a sua extensão a «todo o comportamento simbólico». Trinta anos depois, Krippendorff (1980) definiu análise de conteúdo como «uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto” (Vala, 2001, p. 103). Stone (1964) afirma que “por análise de conteúdo referem-se todos os procedimentos utilizados para especificar referentes, atitudes ou temas contidos numa mensagem ou num documento, determinando a sua frequência relativa” (Ghiglione e Matalon, 2001, p. 177).

Nós baseámo-nos na obra de Bardin (1977), relativamente à análise de conteúdo. O autor afirma, na sua obra *A Análise de Conteúdo*, que esta deverá ser realizada através dos seguintes passos: a) definição de categorias para separar os dados observáveis; b) definição de unidades de análise; c) distribuição das unidades de análise pelas categorias anteriormente estabelecidas; d) interpretação dos resultados obtidos nas perspetivas qualitativas.

Após recolher toda a informação, seguimos o seguinte caminho metodológico: a) em primeiro lugar, fizemos a transcrição de todas as entrevistas em que conseguimos realizar o registo de áudio, culminando num total de cento e vinte páginas que, neste momento, se encontram na posse do

investigador e duas encontram-se no capítulo dos anexos; b) após a transcrição das entrevistas, realizámos uma leitura exaustiva para conseguirmos retirar excertos que considerámos pertinentes para a nossa investigação e que utilizámos para compor o nosso texto; c) de seguida, fizemos uma divisão por categorias, de acordo com as diversas entrevistas e com as características que estavam associadas; d) feita a divisão das categorias, agrupámos toda a informação em quadros sistematizadores, onde incluimos subcategorias; e) finalmente, passámos à interpretação onde incluimos excertos de entrevistas dos nossos informantes privilegiados.

É necessário mencionar que optámos pela análise estrutural das entrevistas porque “na análise com carácter «estrutural» não se trabalha mais (ou jamais só) na base da classificação dos signos ou das significações, mas debruçamo-nos sobre o arranjo dos diferentes itens, tentando descobrir as constantes significativas nas suas relações (aparentes ou latentes) que organizam estes itens entre si” (Bardin, 1977, p. 205). Também Quivy e Campenhoudt (1998) referem a análise estrutural, dizendo que esta tem como objetivo “revelar os princípios que organizam os elementos do discurso, independentemente do próprio conteúdo destes elementos. As diferentes variantes da análise estrutural tentam, quer descobrir uma ordem oculta do funcionamento do discurso, quer elaborar um modelo operativo abstracto, construído pelo investigador, para estruturar o discurso e torná-lo inteligível” (p. 229).

Para concluir, a análise de conteúdo tem vários objetivos de investigação, sendo que “pode ser nomeadamente utilizada para: a análise das ideologias, dos sistemas de valores, das representações e das aspirações, bem como da sua transformação; (...) A reconstituição de realidades passadas não materiais: mentalidades, sensibilidades...” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p. 230).

4. Gangues juvenis – análise empírica

4.1 Gangues

4.1.1 Os membros de gangues juvenis

O quadro nº 1 sintetiza as informações recolhidas acerca das idades mais comuns dos jovens que são detidos. Nós dividimos o quadro em dois: uma parte para os profissionais da PSP e outra para os reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Quadro nº 1 - Idades compreendidas dos jovens que detêm

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none">• Dos 16 aos 21/22 anos (E01), (E02)• Dos 16/18 aos 26/27 anos (E01), (E02)• Dos 17 aos 25/26 anos (E03), (E04)• Dos 16 aos 25 anos (E05)	<ul style="list-style-type: none">• 18 anos (E08), (E12), (E13)• 12 anos (E10), (E11)• 14 anos (E14)• 16 anos (E09)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Nós decidimos começar pela média de idades dos jovens porque iremos abordar as características dos membros de gangues juvenis na zona de Lisboa. Por consequência, perguntámos aos agentes principais e ao subcomissário quais eram as idades médias das suas detenções. As repostas incidiram-se entre os dezasseis até aos vinte e seis/vinte e sete anos. Os agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, responderam dos dezasseis aos vinte e um/vinte e dois anos porque restringiram-se ao seu âmbito. Em relação ao universo da PSP, os agentes principais afirmaram que a realidade se situa entre os dezasseis/dezoito até aos vinte e seis/vinte e sete anos. Relativamente aos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, questionámos com que idade foram pela primeira vez detidos, surgindo os dezoito anos em primeiro lugar.

Assim, para os profissionais da PSP, as idades estão compreendidas entre os dezasseis e os vinte e sete anos, enquanto que nos reclusos situa-se entre os doze e os dezoito anos. Vejamos:

“Nós Escola Segura, a nossa realidade é escolas, será entre os dezasseis (...) vinte e um. A nível policial, se calhar entre os jovens entre os dezoito, dezasseis, dezoito até aos vinte e seis.” (E01)

“Até ali aos vinte e seis/ vinte e sete e depois, prontos, uma parte...” (E02)

“Dezassete até aos vinte e cinco/vinte e seis.” (E03)

“Digamos que entre os dezasseis/vinte e cinco será a idade mais usual a nível de detenções de comportamentos ilícitos.” (E05)

De seguida perguntámos, relativamente aos jovens que os profissionais da PSP detêm, qual a percentagem dos que viviam em bairros sociais. No que concerne aos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, questionámos a sua área de residência.

Quadro nº 2 - Percentagem dos que viviam em bairros sociais

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none">• Habitam na sua maioria (E01), (E02), (E03), (E04), (E05)	<ul style="list-style-type: none">• Habitava num bairro social (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E14)• Não referiu (E13)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Os profissionais da PSP responderam que, na sua maioria, habitavam em bairros sociais, embora o lugar seja propício para essa resposta porque estão próximos de uma zona cercada por bairros sociais. Em relação aos reclusos que entrevistámos, de sete moravam seis em bairros sociais.

Chegámos à conclusão de que a maioria dos jovens que são detidos provêm de bairros sociais. Vejamos:

“Daquilo que a gente conhece e com quem falo ronda os oitenta por cento.” (E02)

“Pode por noventa e cinco por cento.” (E03)

“Maioritariamente as pessoas são de lá porque também o nosso corbis de trabalho é lá.” (E05)

No quadro seguinte, perguntámos aos profissionais da PSP como definiam a personalidade dos jovens que detinham e aos reclusos do EPL como se definiam.

Quadro nº 3 - Definição de personalidades

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Influenciáveis (E03), (E04), (E05) • Não têm personalidade (E02), (E04), (E05) • Baixa autoestima (E04), (E05) • Revoltados (E01), (E02) • Problemas contra a autoridade (E01), (E02) • Sentimento de pertença por grupos (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sociáveis (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E13), (E14) • Infância afetou a sua personalidade (E09), (E10), (E12), (E13), (E14) • Calmos (E11), (E13), (E14) • Boa pessoa (E11), (E12), (E14) • Amigáveis (E08), (E14) • Não gostam de confusão (E13), (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente aos profissionais da PSP, referem estas cinco características nos jovens, sendo que o facto de serem influenciáveis e de não terem personalidade são as mais notórias. Os agentes principais e o subcomissário fazem alusão aos jovens deixarem-se influenciar por não terem personalidade e pela sua grande baixa autoestima. O subcomissário faz alusão a existir, nestes casos, uma quebra social a nível familiar e ao efeito de copiar colar a nível das personalidades, ao estilo de Sutherland (1940). Os reclusos definem-se de maneira contrária da que é referida pelos profissionais da PSP. Estes definiram-se como pessoas sociáveis, calmas, amigáveis e que não gostam de conflitos, embora um recluso, na sua entrevista, tenha respondido que explodia facilmente. É importante referir que em relação à infância afetar a personalidade, a sua maioria respondeu afirmativamente a esta questão devido a terem sido complicadas. É bastante interessante verificar que os reclusos não mencionam nenhuma das características dos profissionais da PSP, como também estes não referem nenhuma das características dos reclusos. Vejamos:

“São jovens revoltados (...) Têm um problema contra a autoridade.” (E01)

“Eu acho que eles não têm personalidade para ser concreto, e acho que eles não têm personalidade e depois o que acontece, eles vão-se juntar ao elo mais forte, vão-se juntar a alguém que eles vejam que os pode ajudar (...)” (E02)

“São influenciáveis (...) Para se inserirem num grupo, não são capazes de dizer que não a nada e acabam por fazer que coisas que pá, se calhar por eles nem (...)” (E03)

“Eu julgo que as pessoas (...) que tendem a ter comportamentos desviantes, reiterados, têm sempre por trás uma grande quebra social a nível familiar. E aí implica (...) que

tenham bastante baixa autoestima, um sentimento de pertença por grupos, que são os pares, considero que é o efeito de copiar colar desse tipo de personalidades.” (E05)

Relacionado com a questão anterior, perguntámos aos profissionais da PSP se tinham conhecimento do tipo de famílias e de amigos destes jovens, da mesma forma que questionámos os reclusos do EPL acerca da composição da sua família e dos seus amigos.

Quadro nº 4 - Tipos de família e amigos dos jovens

	Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
Família	<ul style="list-style-type: none"> • Não dão educação (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Famílias destruturadas, problemáticas e violentas (E01), (E02), (E03), (E04) • Os pais já tiveram vida criminosa (E03), (E04), (E05) • Confrontam os professores (E01), (E02) 	<ul style="list-style-type: none"> • Familiares com trabalhos mal renumerados (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E14) • Passavam tempo com a família (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E13) • Boa vida familiar (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E13) • Famílias monoparentais (E08), (E09), (E11), (E14) • Famílias tradicionais (E10), (E12), (E13) • Familiares presos (E09), (E10) • Vida familiar instável (E14)
Amigos	<ul style="list-style-type: none"> • Amigos problemáticos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Já têm histórico de prática de ilícitos (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Amigos problemáticos (E08), (E09)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação aos profissionais da PSP, e começando pela família, estes referiram que são no geral famílias destruturadas, problemáticas e violentas, onde é muito comum a violência doméstica. Abordam também o tema de confrontarem os professores, chegando, por vezes, a ameaçá-los e fazendo com que os seus educandos ganhem força contra estes. Os agentes principais e o subcomissário mencionam que são famílias que não dão educação aos jovens, não tendo estes o apoio que necessitam, e que os pais ou familiares dos mesmos já estiveram ou estão presos. Quanto aos amigos, os profissionais da PSP dizem que são problemáticos e que têm um histórico de prática de ilícitos. Os

reclusos, mais uma vez, discordam com as afirmações dos profissionais da PSP. No que diz respeito à família, a maioria refere que passava tempo com esta, sendo que só um dos sete informantes privilegiados menciona que a sua vida familiar foi instável. Na sua maioria, a família é monoparental, os encarregados de educação têm empregos mal renumerados e temos dois casos, que vão ao encontro do que os profissionais da PSP referiram, onde tinham familiares presos. É interessante ver as afirmações, da maioria dos reclusos, acerca de não manterem contacto com os amigos, existindo um informante privilegiado que referiu que só eram amigos para praticarem atos ilícitos. Vejamos:

“É assim, famílias ou são destruídas (...) Problemáticas... Já têm... Já têm violência dentro da própria família, não é? (...) os pais também, muitas vezes, não estão em casa, passam pouco tempo em casa, as próprias crianças passam pouco tempo em casa, passam muito tempo na rua.” (E01)

“(...) são pais que têm muitos por causa dos rendimentos sociais e depois não querem saber, não lhes dão educação e pensam que é a escola que vai dar educação aos miúdos e não é bem assim. Depois, na escola, lá está, criam-se esses grupos e começam desde pequenos.” (E03)

“Famílias, por norma, por norma, serão pessoas que já tenham um histórico correlacionado direta ou indiretamente com ilícitos criminais. Amigos, é exatamente a mesma coisa.” (E05)

Visto como era a vida dos jovens em termos familiares e amigáveis, decidimos que seria importante verificarmos como eram estes a nível escolar, nomeadamente os informantes privilegiados do EPL.

Quadro nº 5 - Vida dos reclusos do EPL em termos escolares

Desempenho escolar	Anos escolares obtidos	Condições das escolas
<ul style="list-style-type: none"> • Era bom aluno (E08), (E09), (E10), (E11), (E12), (E13) • Era aluno médio (E14) 	<ul style="list-style-type: none"> • 3º ciclo (E09), (E10), (E11), (E12), (E14) • 2º ciclo (E08) • Ensino secundário (E13) 	<ul style="list-style-type: none"> • A escola tinha boas condições (E08), (E10), (E11), (E12), (E13), (E14) • A escola tinha más condições (E09)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em termos de vida escolar, é interessantíssimo analisar as respostas dos diversos informantes privilegiados porque dos setes reclusos, seis afirmam que eram bons alunos e um que era médio, ou

seja, nenhum se considerava mau aluno. Esta análise é interessante porque apenas um dos informantes privilegiados tem o ensino secundário, de resto tinham, na sua maioria, o 3º ciclo, portanto, podiam ser bons alunos, mas não conseguiram almejar o ensino secundário. Na entrevista, também perguntámos acerca das condições das escolas para percebermos se estas podiam interferir ou não nos estudos, sendo que apenas um afirmou que a escola tinha más condições.

Para concluir o subcapítulo, perguntámos como é que os agentes principais e o subcomissário caracterizavam os membros dos gangues.

Quadro nº 6 - Caracterização dos membros de gangues pelos profissionais da PSP

- Maneira de se vestirem (fatos de treino, sweats, calças largas, entre outros) (E03), (E04)
- Ingénuos (E01),
- Inteligentes (E02)
- Mínimo de organização (E05)
- Maneira de comunicarem (E05)
- Linguagem própria (E05)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Os profissionais da PSP caracterizam os jovens como ingénuos, não têm noção da gravidade das situações e pensam só no momento, embora sejam inteligentes. Fazem alusão à maneira destes se vestirem e dão como exemplo fatos de treino de clubes de futebol, sweats, calças largas, entre outros. O subcomissário afirma que têm sempre um mínimo de organização como, por exemplo, truques de trocar a roupa, truques de comunicação, linguagem própria, canais de comunicação, reconhecimentos, tudo faz parte do modelo de ação hostil, da preparação do estudo até à execução dos atos, portanto, tudo tem características próprias, intrínsecas àquele grupo de pessoas, embora refira que esta situação é comum em todos os grupos. Vejamos:

“São ingénuos (...) nem têm noção da gravidade da situação, não têm noção do que eles podem levar como pena, não têm noção mesmo (...)” (E01)

“Agora eles não são parvos nenhuns.” (E02)

“(...) é as sweats, é as calças largas (...)” (E03)

“Fato treinos (...) É os capuzes metidos, é os gorros.” (E04)

“(...) cada organização, gangue, bando ou não, cada organização tem sempre um mínimo de organização (...) quer truques de trocar a roupa, quer truques de comunicação, usa o telefone ou não usa, usa o whatsapp ou não usa, será que estou em escuta? Portanto, toda a gente tem mecanismos de defesa, todos nós temos.” (E05)

4.1.2 Os gangues juvenis

Após abordadas as características dos jovens que fazem parte de um gangue juvenil, passaremos para a análise acerca da formação de gangues juvenis na zona de Lisboa

Relativamente quadro nº 7, responde à questão de se realmente é comum a atividade de gangues na zona de Lisboa.

Quadro nº 7 - Atividade de gangues na zona de Lisboa

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none">• Grupos de jovens que praticam atos ilícitos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05)• Carteiristas (E01), (E02), (E05)• Claques de futebol (E01), (E02), (E05)	<ul style="list-style-type: none">• Grupos de jovens que praticam atos ilícitos (E08), (E09), (E10), (E11), (E12),• Gangues (E13), (E14)• Não existem gangues (E08)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação ao quadro, os profissionais da PSP elencaram-nos os carteiristas, as claques de futebol e motoqueiros como gangues autênticos, ou seja, devidamente organizados, bem estruturados, onde cada um sabe a sua função e que têm bastante atividade na zona de Lisboa. No que diz respeito ao objeto do nosso estudo, afirmam que existem pequenos grupos que roubam, por exemplo, com ameaça de armas brancas, que existe a atividade de gangues e que esta, talvez, se situa com maior enfoque em zonas noturnas e centros comerciais, caso estejamos a falar de roubos e furtos. Relativamente aos reclusos, vão na mesma linha dos profissionais da PSP, afirmando que o tipo de gangue como é conhecido nos Estados Unidos da América não corresponde ao que existe em Portugal. Para os informantes privilegiados, os gangues são pequenos grupos que se juntam para praticar atos ilícitos e com quem passam a maioria do tempo. Vejamos:

“Sim, gangues organizados, é sobretudo, para nós, é as claques de futebol (...) Agora gangues assim mais pequenos sim (...) Esse tipo de grupos assim pequenos sim, existe.” (E01)

“(...) se calhar até sim por causa dos centros comerciais, zonas dos centros comerciais e zonas de diversão noturna para ofensas a integridade física, para roubos.” (E04)

“Existe, existe, não podemos dizer que não existe, existe, mais visível ou menos visível, mas existe, em várias vertentes (...) não é por acaso que volta e meia apanha-se dois ou três motards de um determinado grupo com ideologias mais extremistas (...)” (E05)

No quadro seguinte podemos ver sintetizada a nossa pergunta, onde quisemos saber se existia um líder e se havia uma hierarquia nos gangues juvenis da zona de Lisboa.

Quadro nº 8 - Existência de líder e de hierarquia nos gangues da zona de Lisboa

	Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
Existência de líder	<ul style="list-style-type: none"> • Existe e costuma ser o que influencia (E01), (E02), (E03), (E04) • Existe, mas não se sabe bem distinguir (E01), (E02) • Existe um líder (E03) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não existe líder (E08), (E011), (E12), (E14) • Existem líderes (E13) • Existe e normalmente é o cabecilha (E09) • Existe e costuma ser o que influencia (E10)
Existência de hierarquia	<ul style="list-style-type: none"> • Existência desorganizada (E01) • Existe, sabem distinguir as suas funções e têm esquematização própria (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não existe hierarquia (E12), (E13) • Existe uma hierarquia (E09), (E10) • Não existe este fenómeno em Portugal (E11), (E14) • Não refere (E08)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

No que concerne à questão do líder, todos os profissionais da PSP reconhecem que existe um líder. Os reclusos estão divididos nesta matéria porque dos setes informantes privilegiados, quatro afirmam que não existe esta figura, ou seja, mais de metade refere que não há ninguém encarregue de outros. Os restantes vão na mesma linha de pensamento dos profissionais da PSP, afirmando que existem líderes e que costumam ser quem planeia o ato ou os que influenciam os jovens. Em relação à existência de uma hierarquia, os profissionais da PSP divergem um pouco na sua resposta porque os agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, mencionam que existe, embora seja desorganizada. O subcomissário responde afirmativamente a esta questão, onde cada um sabe as suas funções e que têm esquematização própria. Relativamente aos reclusos, temos uma maioria que declara a não existência de hierarquias ou que este fenómeno não tem lugar em Portugal, um que não refere se existe ou não uma hierarquia nos gangues e apenas dois declaram que existe uma hierarquia. Vejamos:

“É sim, é desorganizado, mas há sempre um mais influente que os outros.” (E01)

“Normalmente é o (...) Ou o mais velho ou o mais (...)” (E03)

“Mau, pronto, o que faz mais asneiras (...) Até pica mais, até é capaz de picar mais o outro para fazer também.” (E04)

“(...) existe uma hierarquia e uma separação de funções e esquematização própria do que é que cada um faz e quando, isso existe.” (E05)

Relativamente ao quadro nº 9, perguntámos aos profissionais da PSP quais os atos ilícitos mais praticados pelos gangues e se houve uma evolução destes.

Quadro nº 9 - Atos ilícitos mais praticados pelos gangues e sua evolução na zona de Lisboa

Atos ilícitos mais comuns	Evolução
<ul style="list-style-type: none">• Furtos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05)• Roubos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05)• Tráfico de droga (E01), (E02), (E05)• Ofensas à integridade física (E01), (E02), (E04)• Posse e consumo de droga (E03)• Tráfico de armas (E05)• Vandalismo (E01), (E02)	<ul style="list-style-type: none">• Aumentou a delinquência juvenil (E01), (E02)• Houve um aumento da violência (E03), (E04)• Houve uma evolução de atos ilícitos praticados (E05)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação aos atos ilícitos mais comuns praticados pelos gangues, os agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, fazem alusão a um percurso. Afirmam que, em primeiro lugar, os jovens começam pelo vandalismo, depois agressões, passam para os furtos e roubos e, por fim, o tráfico de droga. Os agentes principais da Equipa de Intervenção Rápida mencionam os furtos, roubos e tráfico de droga, do mesmo modo que o subcomissário. É, portanto, visível que os atos ilícitos mais comuns para os profissionais da PSP são os furtos, roubos e tráfico de droga.

Relativamente à evolução dos respetivos atos ilícitos, os agentes principais e o subcomissário afirmaram que ocorreu um aumento e uma evolução destes. É bastante interessante ver a perspetiva dos profissionais da PSP em comparação com os dados relativos dos RASI porque, de acordo com os dados, a criminalidade grupal tem vindo a diminuir ano após ano desde 2008 e a delinquência juvenil tem sido inconstante na última década, embora tenha vindo a diminuir desde 2014. Vejamos:

“(…) é os consumos e tráfico de estupefaciente, não é? Os roubos e furtos (...) A delinquência juvenil tem aumentado imenso, não há dúvida nenhuma, eu tenho essa noção pelo menos.” (E01)

“Houve, ao longo dos anos houve, houve uma evolução, está mais violento.” (E03)

“Roubos, furtos e depois é a posse de estupefacientes, o consumo de estupefacientes (...) E as ofensas à integridade física também até porque também os roubos também podem implicar isso (...) (E04)

“(…) crimes contra a propriedade muitas vezes sem uma finalidade intrínseca (...) pessoas que sobrevivem só disso, tráfico de droga por exemplo, dedicam-se àquilo exclusivamente, tráfico de droga e armas (...) Sobre a evolução (...) evolui e aumenta, todos os dias.” (E05)

Após constatararmos quais os atos ilícitos mais comuns nos gangues da zona de Lisboa verificados pelos profissionais da PSP, é essencial verificarmos quais os atos que os reclusos do Estabelecimento prisional de Lisboa praticaram para compararmos.

Quadro nº 10 - Atos ilícitos praticados pelos reclusos do EPL

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Furtos (E08), (E09), (E12)• Roubos (E09), (E11)• Homicídio (E13), (E14)• Agressão (E10)• Tráfico de droga (E14) |
|---|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação aos reclusos e aos atos ilícitos que praticaram, constatamos que os furtos e os roubos aparecem manifestamente como os que têm maior dimensão neste universo, indo assim ao encontro do que os profissionais da PSP afirmaram.

Relacionada com a pergunta anterior, perguntámos qual foi o primeiro ato ilícito praticado por cada um dos reclusos e com que idade o praticaram.

Quadro nº 11 - Primeiro ato ilícito e a idade com que o praticou

Ato ilícito	Idade
<ul style="list-style-type: none"> • Furto (E08), (E09), (E12), (E14) • Agressão (E10) • Homicídio (E13) 	<ul style="list-style-type: none"> • 14/15 anos (E08), (E09) • 13 anos (E10) • 13/14 anos (E11) • 18 anos (E13) • 11 anos (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Após a análise deste quadro, é possível constatar que o ato ilícito mais praticado na primeira vez é o furto. No que concerne às idades, verificamos que, na sua maioria, são compreendidas entre os treze e os quinze anos. É necessário salientar que, relacionado com esta questão, perguntámos quantas vezes praticaram atos ilícitos após a primeira vez e apenas o (E08) e o (E13) é que responderam nunca mais. Todos os restantes afirmaram ter praticado várias vezes, onde o (E07), na sua entrevista, refere que é como uma bola de neve.

Ainda relativamente aos atos ilícitos, quisemos saber se os jovens os praticavam por necessidade, diversão ou para se imporem. Para esse fim, perguntámos, mais uma vez, aos profissionais da PSP e aos reclusos do EPL.

Quadro nº 12 - Prática de atos ilícitos devido a necessidades, diversão ou para imposição

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Diversão (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Imposição (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Necessidade (E01), (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade (E08), (E09), (E11), (E12), (E14) • Diversão (E09), (E10), (E12) • Imposição (E09) • Outra (E13)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação aos profissionais da PSP, constatamos que a diversão e a imposição são aspetos mais notórios para estes do que a necessidade. É necessário fazer uma nota de que a necessidade da qual falam, é uma necessidade de “ter” e não básicas. O subcomissário, na entrevista, elencou os três

aspetos, fazendo uma ressalva de que dependia consoante a dimensão e origem social. Relativamente aos reclusos, vão no sentido contrário dos profissionais da PSP, elencando a necessidade como o aspeto mais relevante para cometerem atos ilícitos, embora exista acordo de que a necessidade não é acerca de necessidade básica, mas sim de querer “ter”. É essencial não esquecermos a diversão devido a esta aparecer em segundo lugar e que é, segundo os reclusos, um aspeto a ter em conta. Vejamos:

“Eu acho que é os três (...) É complicado, é por necessidade, sem dúvida nenhuma, não é necessidade de extrema de fome, de comer não, é necessidade de ver os outros a ter.” (E01)

“Sim, numa grande fase também para se impor (...)” (E02)

“Eu, eu acho que a necessidade excluía daí, os outros dois sim (...)” (E03)

“Os outros sim, os outros dois sim, agora a necessidade? (...) necessidade para sobreviverem acho que não, não têm necessidade nenhuma.” (E04)

“Pelos três, depende da dimensão social e da origem social de cada um deles.” (E05)

4.1.3 Motivações e gangues juvenis

Encontramos, neste subcapítulo, a resposta para a nossa pergunta de investigação. Assim, para sabermos o porquê de um jovem querer ingressar num gangue, teremos de saber, em primeiro lugar, o que o motivou.

Ainda antes de abordarmos as motivações, achamos pertinente saber se alguns aspetos podem ser considerados como fatores para que um jovem queira ingressar num gangue. Perguntámos, em primeiro lugar, à diretora e à assistente social da Casa do Gaiato de Lisboa, aos jovens da instituição e aos reclusos do EPL, se se sentem desintegrados da sociedade ou estigmatizados.

Quadro nº 13 - Desintegração da sociedade e estigmatização

	Desintegração da sociedade	Estigmatização
Profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa	<ul style="list-style-type: none">• Têm dificuldades na integração da sociedade (E06)• Têm dificuldades na integração da sociedade pela perda de oportunidades (E07)• Falta de escolaridade como principal fator (E07)• Não (R1), (R2), (R4), (R5)• Não sei (R3)	<ul style="list-style-type: none">• São estigmatizados pela sociedade e às vezes pelas escolas (E06)• Não sofrem de estigma porque as pessoas gostam de ajudar os jovens (E06)• Não (R1), (R2), (R4), (R5)• Não sei (R3)
Reclusos do EPL	<ul style="list-style-type: none">• Não (E10), (E12), (E13), (E14)• Até agora não, mas quando sair não sabe (E09), (E11)• Não responde (E08)	<ul style="list-style-type: none">• Não (E10), (E12), (E13)• Até agora não, mas quando sair não sabe (E09), (E11)• Sim (E14)• Não responde (E08)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, responderam afirmativamente à dificuldade de integração na sociedade que os jovens têm. A diretora respondeu que têm dificuldades na integração da sociedade na medida em que começam a perder oportunidades no percurso escolar,

acrescentando que um jovem que tenha dezoito anos e ainda não tenha concluído o 9º ano, começa a ter poucas oportunidades. Na sua entrevista, afirma que o projeto da instituição para a autonomia e integração passa sempre pela escolaridade, tendo também toda a formação humana e espiritual por ser fundamental para conseguirem um bom emprego e terem uma vida desafogada. Esta situação fica mais difícil caso estes tenham um percurso de insucesso escolar. Refere que a falta de escolaridade é o fator que provoca mais discrepância de integração na sociedade. A assistente social, relativamente a estes fatores, acrescenta que os jovens com baixa autoestima têm bastante dificuldade em fazer amizades. A maioria dos jovens da instituição responderam que não se sentem desintegrados da sociedade. Os reclusos do EPL foram na mesma linha de resposta dos jovens da instituição, embora seja interessante destacarmos a resposta de dois reclusos. Estes afirmaram que não se sentiam desintegrados da sociedade, embora não saibam se vão sentir quando estiverem em liberdade.

Em relação ao estigma, as profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa divergem de opinião. A diretora menciona que o facto da integração laboral leva ao estigma, embora as empresas gostem de ajudar os jovens da instituição e que isso é uma vantagem para eles, existe uma sensibilidade social. A assistente social refere que são estigmatizados pela sociedade e, às vezes, pelas escolas, dependendo muito do profissional, onde são deixados para trás porque são considerados um caso perdido. Em relação aos jovens, a maioria voltou a responder que não se sentiam estigmatizados pela sociedade. No que diz respeito aos reclusos do EPL, respondem semelhantemente ao que responderam relativamente ao fator da desintegração da sociedade, embora houvesse um informante privilegiado que afirmou que se sentia estigmatizado e dois que, da mesma forma que responderam à desintegração da sociedade, não sabem se vão sentir quando estiverem em liberdade. Vejamos:

“Sim, eu acho que têm, eu acho que têm dificuldade a integrarem-se na sociedade, têm muita dificuldade em fazer, em fazer amizades (...) Eu acho que são pela sociedade e às vezes pelas escolas também (...)” (E06)

“(...) têm na medida em que começam a perder oportunidades no percurso, não é? Um jovem que tem dezoito anos ou dezanove, ainda não fez o nono ano, começam a ser poucas as hipóteses (...) Eu costumo sempre dizer-lhes que eles têm um fator muito abonatório quando concorrem a um posto de trabalho que é, e maioritariamente é abonatório, que é a morada, pronto... Porque as pessoas gostam de dar, felizmente, há esta sensibilidade social.” (E07)

Posteriormente, perguntámos se estes fatores poderão ou não levar um jovem a ingressar num gangue, análise que podemos observar no quadro seguinte.

Quadro nº 14 - Estigmatização e desintegração da sociedade como fatores para um jovem ingressar num gangue

Profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Sim (E06), (E07), (R1) • Não sei (R2), (R3) • Não (R4) • Não respondeu (R5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim (E09), (E11), (E14) • Não (E10), (E13) • Não respondeu (E08), (E12)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Constatamos que esta é uma questão que divide opiniões. Em primeiro lugar, relativamente às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, responderam afirmativamente ao facto de poderem levar um jovem a ingressar num gangue. Contrariamente a esta opinião estão os jovens da instituição porque apenas um deles responde que sim, dois respondem que não sabem, um responde que não e outro não responde. Fazendo agora alusão aos reclusos do EPL, de igual modo às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, aparece a resposta “sim” em primeiro lugar, embora dos sete informantes privilegiados, só três responderam que existia uma ligação. Vejamos:

“Sim, eu acho que sim, que podem influenciar. Eu acho que o facto de uma pessoa não se sentir amada, pode (...) Influenciá-la a entrar.” (E06)

“Claro, é mais fácil (...) todos nós precisamos de um grupo de pares.” (E07)

Além destes dois aspetos, perguntámos também aos profissionais da PSP e aos reclusos do EPL se estes tinham familiares ou amigos no mesmo gangue.

Quadro nº 15 - Amigos e familiares no mesmo gangue

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Amigos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Irmãos (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Primos (E02), (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não tinha ninguém (E10), (E11), (E12), (E13) • Amigos (E08), (E09) • Primo (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

É possível observar que existe uma divergência entre as afirmações dos profissionais da PSP e dos reclusos do EPL. Os agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, afirmam que têm amigos ou poderão ter um irmão, relativamente a alguém da família. Em relação aos agentes principais da Equipa de Intervenção Rápida, reconhecem que os jovens têm amigos no gangue e, comparativamente à família, têm irmãos ou primos. O subcomissário afirma que têm amigos e familiares no gangue. A maioria dos reclusos do EPL declara que não pertenceu a nenhum gangue, embora alguns tenham afirmado que pertenciam a um grupo, no qual cometiam determinados atos ilícitos. Mais de metade dos informantes privilegiados referiram que não tinham ninguém no gangue. Vejamos:

“Amigos (...) o familiar se falar num familiar o irmão, se for mais ou menos da mesma idade vai lá estar.” (E01)

“Os amigos são capaz de ter, os familiares não sei, só algum (...) Agora familiares... De grupo, primos... Assim, sim, sim, sim.” (E02)

“Existe, isso existe, claramente que existe (...) Sim, sim, por vezes as próprias amizades são baseadas nessas relações de ilícitos, portanto, isso claramente, grupos de amigos.” (E05)

Da mesma forma que fizemos com os aspetos sobre a desintegração da sociedade e estigmatização, perguntámos se o facto de terem amigos ou familiares num gangue é fator para que um jovem ingresse no mesmo.

Quadro nº 16 - Amigos e familiares num gangue como fatores para um jovem ingressar num gangue

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Não responde (E03), (E04), (E05) • É fundamental devido à influência (E01), (E02) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não responde (E08), (E10), (E12), (E13) • Sim (E09), (E11), (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com o quadro, temos as opiniões bastante divididas. Relativamente aos profissionais da PSP, apenas os agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, afirmam ser fatores para que um jovem ingresse num gangue. Em relação aos reclusos, a maioria não respondeu porque alegam não pertencer a nenhum. Três reclusos responderam afirmativamente a serem fatores para que um jovem ingresse num gangue, embora o (E09) não pertença a nenhum. Vejamos:

“(…) a influência dos amigos é vital para isso, sem dúvida nenhuma.” (E01)

Após esta primeira abordagem, aos aspetos que poderiam levar ao ingresso de um jovem num gangue, é altura de observarmos as motivações no respetivo quadro.

Quadro nº 17 - Motivações para um jovem ingressar num gangue

Profissionais da PSP	Profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none"> • Influência do grupo (E01), (E02), (E03), (E04), (E05) • Falta de educação (E01), (E02), (E03), (E04) • Os pais não darem a devida atenção (E01), (E02), (E04), (E05) • Os pais e familiares também já tiveram uma vida de crime (E01), (E03), (E04) • Os jovens precisarem de dinheiro para as suas coisas (E01), (E02), (E03), (E04) • Fazem o que aprendem (E03), (E04), (E05) • Famílias destruídas (E01), (E02) • Liberdade (E01), (E02) • Afirmação social (E05) • Falta de legitimação do Estado a impor determinadas regras (E05) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dinheiro fácil (E06), (E07) • Fracas competências sociais e pessoais (E06) • Baixa autoestima (E06) • Necessidade de afirmação (E06) • Fraca estrutura familiar (E06) • Grupo de semelhantes (E07) • Não têm escolha, fazem o que aprendem (R1) • Influência do grupo (R4) • Más companhias (R5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dinheiro fácil (E09), (E14) • Influência do grupo (E09), (E12) • Seio familiar fraco (E09) • Os pais não darem a devida atenção (E09) • Necessidade (E10) • Necessidade de afirmação (E10) • Luta (E12) • Cometer crimes e violarem as leis da sociedade (E13) • Não há razão específica (E11)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação a este ponto, temos diversos motivos elencados pelos nossos informantes privilegiados.

Em primeiro lugar, podemos constatar que os fatores familiares são os que aparecem em maior destaque devido aos inquiridos referirem diversas motivações ligadas ao fator familiar. Dos elencados, sobressaem: a falta de educação, os pais não darem a devida atenção aos seus filhos, os pais e familiares já tiveram uma vida de crime e famílias destruídas.

Em segundo lugar, surgem os fatores ligados ao grupo de pares, onde a influência do grupo manifesta-se como principal motivação para um jovem ingressar num gangue. São também mencionados, como motivações, o grupo de semelhantes do jovem e as más companhias a quem estão associados. Este fator está diretamente ligado ao fator de risco da família porque muitos dos jovens entram em grupos por não sentirem o apoio que deveria ser dado por esta.

São também referidos pelos nossos informantes privilegiados, como motivações para ingresso num gangue, o dinheiro fácil e a necessidade deste para comprarem o que quiserem, ficando esta situação a dever-se pelos pais terem empregos mal renumerados e que a única utilização que dão ao dinheiro é para pagar as contas, a necessidade de afirmação de que estes jovens sofrem e, por fim, praticam o que aprendem, indo ao encontro da teoria das associações diferenciais de Sutherland (1940). Vejamos:

“É a influência, sem dúvida nenhuma (...) Os primeiros princípios que aprendemos em casa é fundamental.” (E01)

“(...) a família destruturada, começa por uma família que os pais não lhe ligam muito, ele começa a precisar da tal situação também dos ténis (...)” (E02)

“É o inserir na sociedade, a sociedade que eles conhecem.” (E03)

“Inserir-se, inserir-se com os amigos, é o ambiente, é o ambiente em que estão (...) Se os amigos deles fazem isso, eles também fazem (...)” (E04)

“Afirmação social, afirmação social, integração de um determinado grupo onde eles geograficamente nascem ou permanecem e (...) pela falta de legitimação do Estado a impor determinado tipo de regras.” (E05)

“É o dinheiro fácil e são as fracas competências pessoais e sociais que têm e a baixa autoestima, muitas vezes a necessidade de afirmação.” (E06)

“Encontram um conjunto de semelhantes (...) aceitação, pronto, e, e é o seu grupo e depois tudo o que é de facilidades associadas, não é? De, de conseguir o tal dinheiro.” (E07)

4.1.4 Detenção e sentença

Para concluirmos o capítulo sobre os gangues, não poderíamos deixar de fazer alusão ao que os jovens sentem acerca da detenção e da sentença, onde iremos, num primeiro quadro, focarmo-nos na questão da detenção e, subsequentemente, da sentença.

Quadro nº 18 - Sentimento acerca da detenção

Profissionais da PSP	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none">• Os jovens quando saem voltam a fazer os mesmos atos (E01), (E02), (E04)• Os jovens arrependem-se quando chegam à esquadra pela primeira vez (E01), (E02)• O arrependimento torna-se temporário (E01), (E02)• Os jovens não se arrependem (E03), (E04)• Existe arrependimento quando é alguém que não é oriundo de um grupo (E05)	<ul style="list-style-type: none">• Arreponderam-se de cometer atos ilícitos (E08), (E09), (E10), (E11), (E12)• Tornam a reincidir depois de terem sido detidos pela primeira vez (E09), (E10), (E11), (E12), (E14)• Sentimento de impunidade (E09), (E12)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente ao quadro, podemos ver que tanto os profissionais da PSP como os reclusos do EPL, alegam que existe uma reincidência após a sua primeira detenção. Os profissionais da PSP afirmam que o arrependimento é bastante subjetivo porque só ocorre na primeira vez em que são detidos, na opinião dos agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, e do subcomissário. O subcomissário vai mais longe, acrescentando que esse arrependimento existe caso o jovem não pertença a nenhum grupo porque se pertencer saberá como funciona todo o trâmite legal. Em relação aos reclusos, podemos ver que vão na mesma linha de pensamento dos agentes principais e do subcomissário, alegando que se arrependem do que praticaram, embora voltem a reincidir. Dois informantes privilegiados afirmaram ter voltado a reincidir porque saiam da esquadra impunes, sentiam que nada lhes acontecia. Vejamos:

“E às vezes voltamos a apanhar outra vez igual a seguir (...)” (E01)

“Mas é onde eles se nota muito o arrependimento é a primeira detenção (...) Sim, depois aquilo também começa a ser um hábito.” (E02)

“Eles custa-lhes mais, custa-lhes mais estar aqui do que propriamente ser apanhado e do que vai acontecer posteriormente a nível de tribunal e tudo (...) “Volto, volto, volto, volto lá para fora, daqui a dois ou três dias vou ser detido, apanhado outra vez” eles sabem perfeitamente o que é que estão a fazer, era o que ele estava a dizer, mas não se chateiam.” (E04)

“Por norma, mesmo sendo a primeira vez, já se sabe exatamente o que é que vai acontecer no dia seguinte com o Sr. Dr. Juiz em tribunal porque já tem esse background do seu grupo de amigos, do seu gangue.” (E05)

No que concerne ao sentimento da detenção, focámo-nos no que sentiram os reclusos do EPL quando souberam a sua sentença.

Quadro nº 19 - Sentimento dos reclusos do EPL acerca da sentença

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Vontade de cometer suicídio (E10), (E13)• Depressivo (E11), (E14)• Injustiça (E08)• Apreensivo (E09)• Aliviado (E09)• Triste (E09)• Desmoralizado (E10)• Medo (E12) |
|--|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente à sentença, os jovens tiveram sentimentos semelhantes à da detenção. Podemos constatar que os que se situam em primeiro lugar são a vontade de cometer suicídio e o estado depressivo em que ficam. É de notar que todos apresentam sentimentos negativos. Destacamos o sentimento de alívio porque é o único positivo neste quadro, embora só seja elencado porque o informante privilegiado (E09) esperava ter uma pena mais pesada do que a que realmente teve.

4.2 Casa do Gaiato de Lisboa e EPL

4.2.1 Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

De seguida, analisaremos os jovens que habitam na Casa do Gaiato de Lisboa. Começamos pela caracterização destes, depois passaremos para a sua motivação de ingresso em gangues, os atos ilícitos mais praticados pelos jovens e, por fim, quais são as condições da instituição.

No seguinte quadro é possível vermos as idades compreendidas dos jovens que habitam na Casa do Gaiato de Lisboa.

Quadro nº 20 - Idades compreendidas dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none">Dos 14 aos 25 anos (E06), (E07)	<ul style="list-style-type: none">19 anos (R1), (R2)17 anos (R3)16 anos (R4)14 anos (R5)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

As profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa referiram que, de momento, as idades compreendiam-se entre os catorze e os vinte e um anos no lar de infância juventude, podendo estender-se até aos vinte e cinco anos no apartamento de autonomização. Em relação aos cinco jovens, informantes privilegiados da nossa investigação, tinham as idades compreendidas entre os catorze e os dezanove anos. Vejamos:

“Olhe, atualmente, o mais novo tem catorze anos e... Portanto, o acolhimento residencial, a resposta do acolhimento residencial (...) É dos catorze aos vinte e um, se bem que agora a Lei de Promoção e Proteção prevê que o acolhimento possa ser até aos vinte e cinco anos.” (E06)

“A partir dos catorze, é o mais novo agora... Até vinte e dois, vinte e cinco aliás, temos no apartamento de autonomia (...)” (E07)

Relativamente à questão da personalidade, no quadro nº 21 podemos observar como é que as profissionais da instituição caracterizam os jovens e como estes se caracterizam a si mesmos.

Quadro nº 21 - Definição da personalidade dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> • Fragilidade (E06), (E07) • Baixa autoestima (E06), (E07) • Instáveis a nível emocional (E06), • Revolta (E07) • Vulnerabilidade (E07) • Marcados por passados complicados (E07) 	<ul style="list-style-type: none"> • Personalidade amigável (R1), (R5) • Não sei definir (R2), (R3), (R4)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Começando pelas profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, a diretora afirma que são todos muito diferentes, embora refira a vulnerabilidade pelas situações de vida de cada um como característica comum. Todos têm passados complicados, onde, de acordo com a entrevista, faltou a base mais estruturante, a família, e as retiradas são sempre complicadas. Acrescenta que a maior parte dos jovens chegaram à instituição por causa das famílias não reunirem condições para cuidar dos mesmos, portanto, houve sempre períodos, alguns bastante amplos, de alguma negligência, algum abandono, o crescer sozinho, onde a diretora afirma que a falta da família as coloca sempre numa situação de maior fragilidade. Voltando às características comuns, refere a revolta devido à família tê-los abandonado e complexos de inferioridade. A assistente social refere que são muito instáveis a nível emocional, têm baixa autoestima. Na sua entrevista, acrescenta que esta situação se deve por terem sido abandonados pelos pais, tornando os percursos destes muito frágeis e influenciáveis, com poucos objetivos de vida. Em relação aos jovens, podemos constatar que têm dificuldades em definir-se, onde apenas o (R1) e o (R5) afirmam ter uma personalidade amigável. Vejamos:

“Eu acho que eles, eles são muito instáveis a nível emocional (...) Baixa autoestima.” (E06)

“(...) alguma vulnerabilidade pela sua situação de vida (...) O que os trouxe até aqui foram sempre histórias (...) Difíceis, complicadas, onde faltou a base mais estruturante que é a família e as retiradas são sempre problemáticas.” (E07)

Ainda relacionado com a definição da personalidade dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa, perguntámos às profissionais se o fator da família influenciou, de alguma maneira, a personalidade dos jovens, como perguntámos a estes se a infância afetou a personalidade de cada um.

Quadro nº 22 - Família e infância como fatores que influenciaram a personalidade dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> Família como principal fator de influência de personalidade (E06), (E07) 	<ul style="list-style-type: none"> A infância mudou a personalidade (R1), (R2), (R5) A infância não mudou a personalidade (R4) Não sabe (R3)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente às profissionais da instituição, a diretora refere que afeta determinantemente nestes primeiros anos de vida, é um fator crucial, o mais importante. A assistente social acrescenta que, na sua opinião, a fraca estrutura familiar os torna mais frágeis e mais vulneráveis a poderem enveredar por comportamentos de risco. Em relação aos jovens da instituição, é possível constatar que mais de metade dos jovens afirmam que a infância mudou a sua personalidade, embora a resposta do (R1) e (R5) seja num sentido positivo. Vejamos:

“(...) acho que a fraca estrutura familiar os torna mais frágeis e mais vulneráveis a poderem, a poderem aqui enveredar por comportamentos de risco (...)” (E06)

“Afeta determinantemente sim, nestes primeiros tempos de vida (...) É um fator crucial.” (E07)

No que diz respeito aos passados mais comuns dos jovens, é possível observarmos, no quadro, as respostas das profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, assim como as dos jovens.

Quadro nº 23 - Passados dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> Famílias monoparentais (E06), (E07) Progenitores toxicodependentes (E06), (E07) Abandono (E06), (E07) Progenitores alcoólicos (E06), (E07) Famílias muito pobres (E06) Famílias destruídas (E07) Maus tratos físicos e psicológicos (E06) 	<ul style="list-style-type: none"> Boa infância (R1), (R3), (R5) Altos e baixos (R2) Não responde (R4)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com o quadro, as profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa afirmam que o passado mais comum dos jovens são famílias monoparentais, progenitores toxicodependentes ou alcoólicos e abandono, sendo que, de acordo com a assistente social da instituição, o abandono ocorre principalmente por parte das progenitoras. Podemos, de igual modo, constatar que as profissionais elencam ainda como passados comuns as famílias com poucas posses financeiras e destruturadas e maus tratos físicos e psicológicos. Relativamente aos jovens, três referem que tiveram uma boa infância, um respondeu que teve altos e baixos, tendo respondido na entrevista que não foi má, e um não respondeu. Vejamos:

“São problemas de álcool na família (...) Alcoolismo por parte dos progenitores e abandono por parte, por parte, principalmente, das progenitoras, das mães, sim (...) Mas sobretudo maus tratos físicos, psicológicos (...)” (E06)

“Famílias muito pobres e destruturadas (...) Muitos abandonos (...) Destruturção familiar, portanto, a maior parte o pai abandonou a mãe (...) Um ou outro caso das mães toxicodependentes ou com outros comportamentos aditivos.” (E07)

Relacionado com as questões anteriores, virámos a nossa atenção para a família, onde quisemos saber como estes descrevem a sua vida em termos familiares, se passavam tempo com a família e quais as profissões de quem cuidava deles.

Quadro nº 24 - Vida em termos familiares dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Vida em termos familiares	Tempo passado com a família	Profissões dos encarregados de educação
<ul style="list-style-type: none"> • Não responde (R2), (R3), (R4) • Boa vida familiar (R1) • Vida familiar com altos e baixos (R5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Passava tempo (R1), (R2) • Passava tempo às vezes (R4) • Passava pouco tempo (R5) • Não responde (R3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhadores na construção civil (R2), (R5) • Reformados (R1) • Desempregado (R2) • Empregada de limpeza (R4) • Empregada num restaurante (R5) • Não responde (R3)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Através das informações do quadro, podemos observar que só dois informantes privilegiados respondem ao fator da vida em termos familiares, onde o (R1) afirma ter tido uma boa vida familiar e o (R5) uma com altos e baixos. Em relação ao tempo que passavam com a família, a maioria refere que passava tempo com esta, embora dos quatro que responderam, o (R4) e o (R5) só passavam tempo com a família às vezes e pouco tempo. Para finalizar, perguntámos as profissões de quem estava ao seu encargo, sendo que a profissão de trabalhador na construção civil é a que aparece em primeiro lugar. É de salientar que são todas profissões mal remuneradas.

Ainda relacionado com a temática das famílias, quisemos saber, em primeiro lugar, se os jovens tinham conhecimento desta ou se nunca chegaram a conhecê-la.

Quadro nº 25 - Conhecimentos das famílias pela parte dos jovens da Casa do Gaiato

Profissionais da Casa do Gaiato	Jovens da Casa do Gaiato
<ul style="list-style-type: none"> • Todos conhecem (E06), (E07) • Tentam manter contacto com as famílias (E07) 	<ul style="list-style-type: none"> • Mantêm contacto com a família (R1), (R2), (R3), (R4), (R5)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

No que concerne a este aspeto, as profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa afirmam que todos têm conhecimento. A assistente social acrescenta que a maior parte dos jovens que são retirados já são crescidos. A diretora adita que tentam manter o contacto com a família de uma forma muito assumida de há três anos para cá porque a casa não tinha este modelo pedagógico e volta a reforçar a ideia de que a família é fundamental, afirmando que promovem encontros entre ambos e que esta ação tem um grande impacto sobre eles. Relativamente aos jovens, afirmam que mantêm contacto com a família. Vejamos:

“Têm (...) Porque estes jovens, a maior parte dos que nós temos cá, já são retirados... Já são crescidos.” (E04)

“Todos conhecem, sim, neste momento todos os que aqui temos conhecem, sim.” (E05)

Em segundo lugar, quisemos saber se o facto de os jovens terem ou não conhecimento da sua família, poderá ser um fator para a procura de outra.

Quadro nº 26 - Procura por outra “família”

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> • Não sentem os grupos que costumam frequentar como família (E06) • Forte ligação entre os jovens (E07) • Sentem a instituição como família (E07) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim (R2), (R3), (R4), (R5) • Os jovens sim, os funcionários não (R1)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente a esta questão, a diretora afirma que existe uma forte ligação entre os jovens porque cresceram juntos na instituição, portanto, é normal que existam laços fraternos, laços de pertença e até de saudades. Refere que sentem a instituição como família porque sabem que é da Casa do Gaiato de Lisboa que vem o cuidado como de família, é a quem eles recorrem quando precisam. A assistente social aborda esta questão relativamente aos grupos que eles frequentam e não a instituição, acrescentando que os jovens não consideram esses grupos como a verdadeira família, acabam por criar uma forte ligação porque passam muito tempo juntos, mas quando precisam de algo não está lá nenhum membro para os apoiar. Adita que os jovens sentem muito a necessidade de se inserirem nestes grupos devido à sua baixa autoestima, que se fica a dever pela exclusão por parte da sociedade e por parte deles próprios, pelo motivo de acharem que se evidenciam melhor pela negativa. Em relação aos jovens, a maioria respondeu que sim por terem crescido sempre com estes, embora o (R1) tenha respondido que não considerava os funcionários como família. Vejamos:

“(...) eu não acredito que eles os sintam verdadeiramente como a sua família, mas acabam por passar muito tempo (...) Juntos, não é? (...) Eu acho que estes miúdos, por exemplo, devido à sua baixa autoestima, sentem muito a necessidade de ser aceites (...) e muitas vezes eles são aceites nesses grupos.” (E06)

“(...) é lógico que (...) laços fraternos, laços de pertença e de até de saudades e de (...) De nostalgia passada, é com os que aqui cresceram (...) Eles recorrem à casa também, não é só aos rapazes com que eles cresceram (...) Sabem que é dali que vem o cuidado como de família, não é?” (E07)

Após termos abordado o fator da família, quisemos conhecer a vida dos jovens em termos escolares. Em primeiro lugar, procurámos saber se eram bons alunos e quais os níveis escolares de cada um.

Quadro nº 27 - Desempenho e nível escolar dos jovens da Casa do Gaiato

	Desempenho escolar	Nível escolar
Profissionais da Casa do Gaiato	<ul style="list-style-type: none"> • Reprovações (E06), (E07) • Casos que conseguem seguir um percurso normal escolar (E07) • Casos com dificuldades de aprendizagem claras e que estão em alternativas (E07) • Baixo rendimento escolar (E06) • Maus alunos (E06) 	<ul style="list-style-type: none"> • Faculdade (E07) • 12º ano (E07) • Cursos profissionais (E07) • 6º ano (E06)
Jovens da Casa do Gaiato	<ul style="list-style-type: none"> • Bom aluno (R1), (R2), (R5) • Aluno intermédio (R3) • Mau aluno (R4) 	<ul style="list-style-type: none"> • 12º ano (R1) • 10º ano (R2) • 9º ano (R4) • Não responde (R3), (R5)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Em relação às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, referem que a maior parte teve reprovações. A diretora afirma que a fase da vida que fez com que viessem para a instituição foram sempre fases de alguma negligência do bom acompanhamento escolar. Posteriormente, afirma que existem casos em que conseguem seguir um percurso escolar normal, onde dá como exemplo jovens que estão na faculdade, no décimo segundo ano e em cursos profissionais. Por fim, têm alguns casos com dificuldades de aprendizagem claras e que estão em alternativas. A assistente social menciona ainda que têm um baixo rendimento escolar, uma baixa escolaridade e que, na sua maioria, não são bons alunos. Em relação aos jovens, a maioria afirma que são bons alunos, embora todos já tenham reprovado anos escolares. Vejamos:

“(…) estes jovens com estas características, em que têm uma baixa escolaridade, é verdade e é uma baixa escolaridade, um baixo rendimento escolar (…)” (E06)

“Eu acho que todos, não há aqui nenhum caso agora dos que aqui estejam que não tenha tido reprovações nalgum ano (…). A fase da vida que os levou a vir parar a uma instituição foram sempre fases de um, de algum, não digo abandono escolar, mas alguma negligência do bom acompanhamento escolar (…)” (E07)

Em segundo lugar, quisemos saber quais eram as condições das escolas que os jovens frequentavam.

Quadro nº 28 - Condições das escolas dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none">• O método de ensino deveria ser diferente relativamente aos cursos profissionais (E06), (E07)• Fazem bons acompanhamentos (E07)• Têm muita oferta a nível de cursos profissionais (E06)	<ul style="list-style-type: none">• Tem condições (R1), (R3), (R4), (R5)• Não responde (R2)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

No que diz respeito às escolas, as profissionais da instituição referem que o método de ensino deveria ser outro. A diretora afirma que era importante terem em atenção o perfil destes jovens porque os cursos profissionais reúnem uma série de alunos com o mesmo tipo de problemas e com uma carga horária excessiva. A funcionária vai na mesma linha de pensamento, referindo que as escolas têm condições e muitas ofertas a nível de cursos profissionais, mas faz alusão a uma carga horária muito pesada para jovens que têm dificuldades de concentração, portanto, não faz sentido este método de ensino para estes, deveria ser adaptado de maneira a colherem mais frutos. Relativamente aos jovens, a sua maioria diz que as escolas têm boas condições. Vejamos:

“Eu acho que as escolas e eu acho que o ensino no nosso país não está adequado ao perfil destes jovens (...) Quer dizer, não faz sentido um jovem com este perfil e estas características, tenha uma carga horária das oito da manhã às seis e meia da tarde (...) Não faz sentido, se estes jovens já têm uma dificuldade enorme, não é?” (E06)

“As escolas também na sua maioria fazem um bom acompanhamento destes alunos, pronto, não fazem aquilo que não podem que é poderem alterar alguns programas (...) uma carga horária (...) Até superior às do ensino regular, o que é um absurdo, não é?” (E07)

Finalmente, era também de grande importância sabermos quais os atos ilícitos que estes jovens praticam para compararmos com os atos praticados pelos jovens que não habitam numa instituição e vermos as diferenças e semelhanças. No quadro seguinte, podemos constatar as respostas das profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa relativamente a esta questão.

Quadro nº 29 - Atos ilícitos praticados pelos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Furtos (E06), (E07)• Tráfico de estupefacientes (E06), (E07)• Abusos sexuais (E07) |
|--|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com o quadro, as profissionais da instituição referem os furtos e o tráfico de estupefacientes como os atos ilícitos mais praticados pelos jovens. A assistente social acrescenta, na sua entrevista, a venda dos furtos, que servem para obterem dinheiro para o consumo de haxixe. Faz ainda referência a furtos reportados na escola e que, muitas vezes, estes acontecem entre os jovens da instituição. A diretora menciona também os abusos sexuais, devido a já terem ocorrido alguns na instituição. Vejamos:

“Pequenos furtos, vendas de furtos (...) E venda desses objetos para obterem dinheiro, consumos de haxixe (...) Nas escolas já tivemos queixa (...) Sim, desconfianças que, de facto, tivesse havido, de um jovem que vive cá, que tivesse havido furtos dos colegas de telemóvel, de um telemóvel e entre eles, eles queixam-se imenso que desaparecem coisas (...)” (E06)

“Roubos, tráfico (...) Abusos sexuais, já têm acontecido alguns (...)” (E07)

4.2.2 Condições da Casa do Gaiato de Lisboa

Após tratadas as várias características ligadas aos jovens da instituição, é fundamental descrevermos quais as condições da Casa do Gaiato de Lisboa. Iremos analisar como prestam ajuda aos jovens, quais as rotinas e se mantêm a ligação com os jovens após as suas saídas, para sabermos até que ponto essa ligação é importante.

Começaremos pela ajuda que é prestada aos jovens, análise que poderemos ver no quadro seguinte.

Quadro nº 30 - Ajuda prestada aos jovens pela Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none">• A instituição acompanha tudo o que estiver relacionado com os jovens (E06), (E07)• Ajuda por parte dos voluntários (E06), (E07)• Têm a organização que a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo prevê (E07)• Acompanhamento dos jovens por parte dos técnicos gestores de casos e educadores (E07)• Tentam dar-lhes o máximo de experiências positivas através de atividades extracurriculares (E06)	<ul style="list-style-type: none">• Não diz como a instituição ajuda (R1), (R3), (R4)• Comida (R2), (R5)• Dormitório (R2), (R5)• Dinheiro (R2)• Condições para acabar a escola (R2)• Roupa (R5)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

No que diz respeito às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, estas referem que a instituição acompanha tudo o que estiver relacionado com os jovens, como a escola, a saúde, as rotinas diárias, a medicação, os desportos, as atividades lúdicas e a ajuda que é prestada pelos voluntários. A diretora, na sua entrevista, revela que têm a organização que, hoje em dia, a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo prevê. Têm uma equipa educativa, uma equipa técnica, uma equipa de pessoal auxiliar, a cozinha, o refeitório e a lavandaria. Cada um tem o seu técnico de gestor de caso, depois têm educadores que são pessoas que trabalham na linha da frente com os jovens e que estão com eles durante o dia, trabalhando em turnos. A assistente social, na sua entrevista, acrescenta que uma das grandes armas é tentar proporcionar-lhes o máximo de atividades positivas porque enquanto estão ocupados, não estão a cometer atos ilícitos. As atividades extracurriculares são bastante variadas,

podendo ser futebol, andebol, basquetebol, campos de férias no Verão, entre outros. Em relação aos jovens entrevistados, uns não conseguem dizer de que forma são ajudados e outros afirmam que, caso não fosse a instituição, não tinham onde dormir, onde comer, roupa para vestir e possibilidade de estudar. Vejamos:

“É assim nos jovens, todos os jovens, portanto, nós acompanhamos a nível das necessidades básicas (...) De estar presente, de reunir com os diretores de turma, delinear estratégias para melhor cativar os jovens e encaminhá-los para um percurso escolar e social e pessoal positivo, muitas conversas amigáveis e de tentar consciencializar para certos assuntos, não é? A nível da saúde também, muitos encaminhamentos para psicologia e psiquiatria quando é necessário, pedopsiquiatria, e atividades extracurriculares de coisas que lhes dão prazer (...) e depois também os nossos voluntários (...)” (E06)

“(...) nós temos a organização que hoje em dia a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo prevê, temos uma equipa educativa, uma equipa técnica, uma equipa de pessoal auxiliar... A cozinha, o refeitório, a lavandaria (...) Cada um tem o seu técnico de gestor de caso, depois têm educadores (...) é pessoal que trabalha, como eu costumo dizer, na linha da frente e que está com eles durante o dia, trabalham em turnos ... Em que tentamos fazer com voluntários também (...) acompanhamos a escola, acompanhamos as rotinas diárias, a medicação, a saúde (...) Os desportos, tudo (...)” (E07)

De seguida, passamos para as rotinas que são praticadas, na Casa do Gaiato de Lisboa, pelos jovens.

Quadro nº 31 - Rotinas dos jovens da Casa do Gaiato de Lisboa

Profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa	Jovens da Casa do Gaiato de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> • Arranjarem-se quando acordam (E06), (E07) • Escola (E06), (E07) • Ir às famílias (E06), (E07) • Desporto (E06), (E07) • Atividades extracurriculares (E06), (E07) • Atividades desenvolvidas pelos voluntários (E06), (E07) • Estudo na sala de estudo (E06) • Explicações (E06) • Procura de trabalho (E07) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dormir (R1), (R2), (R3) • Estudar (R1), (R2), (R5) • Escola (R2), (R5) • Trabalhar (R1) • Comer (R3) • Treinos (R5) • Sair (R2) • TV (R2) • Jogar à bola (R2) • Não responde (R3)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente às profissionais da instituição, afirmam que todos se preparam quando acordam, onde fazem a sua higiene, tomam o pequeno almoço, a sua medicação e depois, na sua maioria, vão de transportes públicos para a escola. Estas fazem ainda referência aos jovens visitarem as famílias ao fim de semana, à prática de algum desporto ou a frequência de atividades extracurriculares, sendo que existem outras desenvolvidas pelos voluntários. Os jovens referem que as rotinas são basicamente dormir, estudar e ir à escola. Vejamos:

“(...) de manhã fazem todos a sua higiene, tomam o pequeno almoço e vão para a escola, estão na escola, almoçam na escola, regressam da escola ao final do dia, alguns vão para as atividades extracurriculares (...) Ao fim-de-semana, alguns deles também vão para, para os desportos (...) voluntários que às vezes veem cá e os levam a passear, os levam a museus, os levam ao cinema, os levam à praia (...)” (E06)

“A maior parte anda na escola, pronto, há um ou outro que já terminou o curso e está numa fase de tentar procurar trabalho... Acordam de manhã, vão para escola, tomam o pequeno-almoço todos, vão para a escola (...) temos só dois que não estão em nada, não estão no desporto, não estão no teatro (...) ao fim-de-semana alguns vão às famílias nos fins-de-semana que estão assim acordados (...) E depois temos as atividades daqui mais culturais e recreativas... Aí são sempre proporcionadas, a maioria das vezes, pelos voluntários de saídas (...)” (E07)

Para completarmos a informação dos dois quadros anteriores, perguntámos se a instituição mantém ligação com os jovens após a sua saída e até que ponto esta é importante. As profissionais da instituição afirmam que continua a existir uma ligação com os jovens após as suas saídas e que este contacto é bastante importante. Nas entrevistas, referem que a ligação é feita através de um esforço expresso num programa que têm, chamado “Porta Aberta”, para manterem esta casa como visita e depois como auxílio para quem saiu e precisa novamente de apoio. Vejamos:

“Sim, geralmente mantêm (...) eu acho que é importante eles perceberem que esta casa fez parte, é parte integrante, não é? Da vida deles (...) E que tem a porta aberta, não é? E sempre que eles precisarem, eles podem voltar, voltar para visitar, para apresentarem muitas vezes às namoradas, às mulheres, aos filhos que já os têm.” (E06)

“Sim, sim mantêm (...) Eu acho muito importante sim (...) Acho que é um esforço que até... Bastante expresso numa resposta que nós temos que é, chama-se a Porta Aberta que é manter esta casa como... Para já para visita (...) E esperamos sempre uma visita boa e que estejam numa, em boas condições na sua autonomia de vida, mas também para ajudar em necessidades que surgem.” (E07)

4.2.3 Jovens do Estabelecimento Prisional de Lisboa

É altura de virarmos a nossa atenção para os jovens que estão, de momento, no Estabelecimento Prisional de Lisboa. Neste subcapítulo, iremos caracterizar os informantes privilegiados da mesma forma que fizemos com os jovens da Casa do Gaiato de Lisboa, embora analisaremos apenas os quadros que não foram analisados no subcapítulo dos membros de gangues juvenis e gangues juvenis. Começaremos pela compreensão de idades dos reclusos do EPL.

Quadro nº 32 - Idades dos jovens reclusos do EPL

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• 22 anos (E10), (E11), (E12), (E14)• 21 anos (E08), (E09)• 19 anos (E13) |
|---|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com o quadro, podemos constatar que a maioria dos jovens tem vinte e dois anos. Temos depois dois reclusos com vinte e um anos e apenas um com dezanove anos.

De seguida, perguntámos aos reclusos como tinha sido a sua infância, pergunta esta que está diretamente relacionada com o quadro nº 3.

Quadro nº 33 - Infância dos reclusos do EPL

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Boa infância (E08), (E11), (E12), (E13), (E14)• Atribulada (E09), (E14)• Jogava à bola na rua (E08)• Passada com a família (E10) |
|---|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Relativamente ao quadro, podemos observar que, a maioria dos informantes privilegiados, afirmam que a sua infância foi boa. É importante salientar que houve um inquirido que respondeu, na sua entrevista, que a sua infância foi boa a nível de ter brincado bastante, mas atribulada a nível familiar.

Relacionado com o quadro nº 10, perguntámos aos reclusos do EPL se já alguma vez tinham usado armas brancas ou de fogo na prática de atos ilícitos.

Quadro nº 34 - Uso de armas brancas ou de fogo na prática de atos ilícitos

- Nunca usou (E08), (E10), (E12)
- Usou armas brancas (E11), (E14)
- Usou armas de fogo (E09), (E13)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Após a análise ao quadro, constatamos que é uma questão que está dividida ao meio porque três informantes privilegiados afirmam nunca terem usado nenhum tipo de armas quando praticaram determinado ato ilícito e temos quatro informantes que afirmam ter usado, sendo que dois usaram armas brancas e os outros dois armas de fogo.

Outro aspeto que achamos de grande importância é saber se a estes jovens foram dadas ou não oportunidades na vida. Podemos ver a análise no quadro seguinte.

Quadro nº 35 - Oportunidades dadas aos reclusos do EPL

- Teve (E08), (E13)
- Teve, mas não aproveitou (E11), (E14)
- Não procurou (E09), (E10)
- Teve dificuldades em ter (E12)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

No que diz respeito à análise deste quadro, é possível constatar que uma grande maioria respondeu que teve oportunidades, embora dois dos jovens que responderam afirmativamente, na sua entrevista, expressaram que não as aproveitaram. Relativamente a outros dois informantes privilegiados, afirmaram não ter procurado oportunidades, mas caso procurassem podiam ter encontrado. Por fim, temos apenas um jovem que respondeu negativamente a esta questão e a resposta deve-se à dificuldade que o jovem tem a dialogar, torna-se um entrave para que surjam oportunidades.

Para finalizar, abordamos a questão de como os jovens acabaram por se envolver num gangue, estando esta questão diretamente relacionada com os quadros nº 16 e 17.

Quadro nº 36 - Como os jovens acabaram por se envolver num gangue

- Não se envolveram em nenhum gangue (E08), (E10), (E11), (E13)
- Não pertenciam a um gangue, mas sim a um grupo de amigos (E12)
- Não era um gangue, mas sim um grupo que praticava atos ilícitos (E09)
- Influência (E09)
- Dinheiro fácil (E09)
- Porque era o que via e tinha curiosidade (E11)
- Porque aqui tinha o apoio que não tinha em casa (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Todos estes jovens estão ligados ao mundo do crime, embora não sejam necessárias ligações a um gangue. É possível constarmos essa mesma conclusão através da resposta que aparece em primeiro lugar no quadro. Destes sete informantes privilegiados, só três afirmam pertencer a um grupo, embora apenas um mencione que pertencia realmente a um gangue. Interessante será a análise aos restantes dois informantes privilegiados porque o (E09) afirma que não pertencia a um gangue, mas sim a um grupo que praticava atos ilícitos, que vai ao encontro da nossa definição do conceito “gangue”. O (E12) refere que pertencia a um grupo de amigos, grupo esse que se assemelha a um gangue porque o informante privilegiado praticava atos ilícitos com os membros do grupo, acabando por dizer, na sua entrevista, que hoje em dia já não mantém contacto com estes.

4.2.4 Condições e Capacidades do Estabelecimento Prisional de Lisboa

As condições e capacidades do Estabelecimento Prisional de Lisboa são de extrema importância para o nosso estudo devido a estarem diretamente relacionadas com os jovens. Iremos começar por analisar as condições deste, seguida da análise das capacidades de intervenção e de ressocialização de que o estabelecimento dispõe para com os jovens. Estas informações foram fornecidas pelos informantes porque não constavam no nosso guião da entrevista.

Quadro nº 37 - Condições do EPL

- Péssimas (E11), (E12), (E13), (E14)
- Não responde (E08), (E09), (E10)
- Não dão oportunidades (E12)
- Não podem fazer nada (E12)
- Os guardas não têm as melhores atitudes (E12)
- Às vezes saem pior do que entraram por causa da revolta (E11)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com as afirmações dos informantes privilegiados, podemos constatar que são da opinião de que as condições do Estabelecimento Prisional de Lisboa são péssimas, sendo a resposta que aparece em primeiro lugar no quadro. Os informantes privilegiados fazem também alusão a que o estabelecimento não lhes dá oportunidades, que não podem fazer nada, que os guardas não têm as melhores atitudes para com eles e que, por vezes, os reclusos saem pior do que quando entram por causa da revolta que sentem no estabelecimento.

Feita a análise sobre as condições do Estabelecimento Prisional de Lisboa, passaremos para as capacidades de intervenção e ressocialização do mesmo, para vermos até que ponto pode um jovem destes sair ressocializado de um estabelecimento prisional.

Quadro nº 38 - Capacidades de intervenção e ressocialização do EPL

- Não responde (E08), (E09), (E10)
- Não existe (E12), (E14)
- Existe uma intervenção e ressocialização por partes das pessoas que trabalham no EPL (E13)
- Existe ressocialização por parte de alguns guardas, mas a maioria não faz (E11)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

De acordo com o respetivo quadro, podemos constatar que só dois informantes privilegiados responderam afirmativamente à questão das capacidades do Estabelecimento Prisional de Lisboa, embora o (E11) diga que só é feita por uma minoria. É notório que a grande parte dos informantes ou não respondem ou afirmam que não existe nenhuma destas duas capacidades da parte do estabelecimento.

4.2.5 Mudanças para ex-membros de gangues

Para finalizar a temática sobre os jovens reclusos e sobre o Estabelecimento Prisional de Lisboa, quisemos saber, na opinião destes, o que poderia ser feito para melhorar a interação com os jovens que sejam ex-membros de gangues.

Quadro nº 39 - Melhorias na interação com os jovens que sejam ex-membros de gangues

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Não responde (E08), (E09), (E10), (E12), (E13)• Existir mais oportunidades de estudar na prisão (E11)• Existir trabalho para os reclusos (E11)• Melhor alimentação e condições (E11)• Fiscalização do trabalho dos técnicos (E14) |
|---|

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

A análise a este quadro é extremamente interessante porque se compararmos este com os dois anteriores constatamos que, embora os reclusos tenham afirmado que o Estabelecimento Prisional de Lisboa não tem condições e capacidades de intervenção e ressocialização para com estes, verificamos que a maioria não tem ideias para que existam melhorias a este nível. Temos apenas dois informantes privilegiados que respondem com algumas ideias, sendo estas as de existir mais oportunidades na prisão, trabalho para os reclusos, melhor alimentação e condições e que o trabalho dos técnicos deveria ser fiscalizado.

4.3 Meio Envolvente

4.3.1 Perspetivas para o futuro dos jovens

Para concluirmos as respetivas análises, é importante fazermos alusão às perspetivas de cada um dos informantes privilegiados acerca do futuro dos jovens que ingressaram num gangue.

Quadro nº 40 - Perspetivas para o futuro dos jovens que ingressaram num gangue

Profissionais da PSP	Profissionais e jovens da Casa do Gaiato de Lisboa	Reclusos do EPL
<ul style="list-style-type: none">• Prática de atos ilícitos ou trabalhar em empregos precários (E01), (E02), (E03), (E04)• Irão ser delinquentes (E01), (E02)• Futuro igual ao dos familiares e amigos (E03), (E04)• Pode conseguir sair deste meio, mas a pessoa tem de querer sair e de ser ajudada (E05)	<ul style="list-style-type: none">• Presos, mortos ou com graves problemas de saúde devido aos consumos (E06)• Irão percorrer uma vida de crime, do delito e do alcoolismo (E07)• Caso formem uma família, poderão ter uma vida igual à nossa (E07)• Trabalhar numa área que gostam (R1), (R2), (R3), (R4), (R5)	<ul style="list-style-type: none">• Arranjar um emprego (E08), (E09), (E11), (E12), (E13)• Arranjar casa (E08), (E12)• Constituir família (E11), (E12)• Tirar carta de condução (E11)• Voltar para a sua família e aumentá-la (E13)• Dar uma boa vida à sua família (E09)• Nunca mais voltar à prisão (E09)• Voltar para o estrangeiro (E10)• Viajar pela Europa (E12)• Voltar a estudar (E11)• Ajudar os outros (E14)

Fonte: Recolha de dados – Entrevistas 2017/2018

Os profissionais da PSP, não perspetivam um futuro radiante para estes jovens. Relativamente aos agentes principais, pertencentes ao Programa “Escola Segura”, referem que irão ser delinquentes porque como não estudaram, só conseguirão empregos precários, isto no caso de conseguirem. De acordo com a entrevista, os agentes principais acrescentam que com uma profissão precária, não vão conseguir sustentar os seus vícios e vão optar pelo caminho da delinquência, o dinheiro fácil obtido através do tráfico, do furto e dos roubos. Os agentes principais da Equipa de Intervenção Rápida vão na mesma linha de pensamento dos agentes principais referidos anteriormente, acrescentando que irá ser um futuro complicado, igual ao dos familiares e dos amigos. Por fim, o subcomissário afirma que

existem todas as condições para que os jovens não sigam este caminho, desde que seja por vontade própria e queiram ser ajudados.

No que concerne às profissionais da Casa do Gaiato de Lisboa, a diretora, focando-se principalmente nos jovens da instituição, afirma que se lembra de dois/três casos em que não perspetiva uma vida muito longe do crime, do delito e do alcoolismo. Também refere a organização social de cada um, onde caso constituam família e consigam sossegar no seio familiar, é da opinião que irão ter uma vida igual à da sociedade em geral. Já a assistente social da instituição menciona que a realidade passará pela prisão, morte ou então por graves problemas de saúde devido aos consumos, embora existam sempre casos de sucesso. Fazendo ainda alusão à Casa do Gaiato de Lisboa, os jovens que habitam na instituição responderam que, no futuro, iam conseguir emprego na área que mais gostam.

Para concluir, o que os reclusos do EPL mais perspetivam para o seu futuro é arranjar emprego, casa e constituir família. Vejamos:

“Delinquentes, infelizmente (...) Não estudam... Olhe não estudam, não têm aproveitamento escolar, vão ter uma profissão precária, se tiverem (...) E depois, o tráfico dá-lhes cinco/seis/sete/ dez mil euros por mês, o que é que aquela pessoa vai achar?” (E01)

“E como começam desde o início no dinheiro fácil que é o caso por exemplo do tráfico, do furto e dos roubos (...)” (E02)

“(...) vai ser ou inseridos em bairro na venda de estupefacientes como há esses grupinhos ou é esses empregos mais fáceis (...)” (E03)

“O futuro que os familiares e os amigos têm (...)” (E04)

“Há sempre um futuro, basta a pessoa querer ser ajudada.” (E05)

“Muitos deles, infelizmente, acabam por parar nas prisões, não é? Muitos deles, ou acabam mortos, não é? (...) Ou com graves problemas de saúde, não é? Devido aos consumos.” (E06)

“Haverá dois/três casos que eu não perspetivo uma vida muito longe sempre do crime (...) Se encontrarem uma namorada e se, se... Se constituírem família e se conseguirem sossegar nesse... Nessa base, eu acho que a vida deles será uma vida igual à nossa.” (E07)

5. Considerações finais

5.1 Características fundamentais dos resultados

Posteriormente à realização da nossa investigação, que permitiu dar resposta aos objetivos a que nos propusemos responder no início da mesma, é altura de fazermos um balanço acerca de todo o trabalho que foi desenvolvido em torno deste fenómeno, elencando as principais conclusões.

De acordo com Matos et al. (2009) “a delinquência juvenil é, atualmente, uma das áreas de preocupação política e social mais emergente” (p. 36). É preciso salientar que na investigação que realizámos, existiu uma preocupação, da nossa parte, em perceber o fenómeno dos gangues na zona de Lisboa e as razões que levam um jovem a ingressar nestes, embora seja impossível tocar no tema sem abordar a delinquência juvenil. Através de Negreiros (2008) e Matos et al. (2009) podemos constatar que existem diversas teorias que tentam explicar o porquê de o fenómeno da delinquência juvenil ocorrer como, por exemplo, a teoria das associações diferenciais de Sutherland (1940), estando esta ligada ao Modelo Sociocognitivo.

Como já pudemos observar, é um tema atual e que despoleta diversas investigações em seu redor, mas ainda não respondemos às razões de um jovem ingressar num gangue. Começaremos por elencar os dois maiores fatores de risco, que são: o familiar e o do grupo de pares. Começando pelo primeiro, aparece no nosso estudo como o principal fator de risco para que um jovem ingresse num gangue. Patterson, DeBaryshe e Ramsey e Vitaro Tremblay, Kerr, Pagani e Bukowski (2000, 1997, citados por Matos et al., 2009), seguindo o Modelo Sociocognitivo, referem as relações familiares inadequadas, criminalidade na família, disciplina ineficaz, práticas parentais disruptivas, ineficácia parental e o testemunho de violência parental como fatores de risco familiares. Farrington (1998, 2001, citado por Matos et al., 2009) acrescenta o comportamento parental pobre na educação, incluindo uma disciplina rígida e autoritária e supervisão deficiente. Também Chaillou (1995, citado por Carvalho, 2000) afirma que a ausência de referências familiares estáveis é a questão fulcral na origem da violência de jovens contra outros indivíduos, ou até mesmo, contra si próprios. Os aspetos mencionados anteriormente, vão ao encontro dos nossos resultados empíricos devido aos nossos informantes privilegiados elencarem a maioria destes fatores como razões para que jovens ingressem num gangue. Prosseguindo com o fator familiar, é de salientar que no art. 36º nº 5 da CRP vem estipulado que os pais têm o dever de educação e manutenção dos filhos e no artigo 67º nº 2 alínea c) que o Estado deve cooperar com os pais na educação destes. Ainda na CRP, nos arts. 69º e 70º, é feita a proteção às crianças e jovens por parte do Estado, só resta saber se, por vezes, é realmente concretizada. Assim como na CRP, a Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo,

aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de setembro promove a proteção a todas as crianças e jovens que estejam em perigo através de várias ferramentas que esta lei proporciona como, por exemplo, a intervenção através das CPCJ. Phillips (2009) afirma que “impor barreiras dói, negar algo custa, mas é uma forma de amar” (p. 69), ou seja, é mais que obrigatório impor barreiras porque caso não o façam, não preparam a criança para o mundo real, acrescentando que “os limites devem começar a ser colocados quando ainda andam ao colo. É geralmente nessa altura que dizemos pela primeira vez sim quando devíamos ter dito não”. Nós concluímos que o fator familiar é o maior fator de risco para que um jovem ingresse num gangue porque, para nós, a educação é fundamental. De forma a fundamentarmos a nossa conclusão, damos a título de exemplo o caso do tsunami de 2011 no Japão¹⁴. O jornalista da CNN, Jack Cafferty, chamou a atenção para o facto de não existirem pilhagens após um desastre daquela natureza, um fenómeno que seria impensável ocorrer na nossa realidade. Esta situação ficou a dever-se à educação que está demasiado enraizada na cultura, passada de geração em geração. Num cenário de tragédia, onde a maioria da população perdeu tudo, a honra e o fazer o que está correto falam mais alto devido a ter-lhes sido inculcada essa educação. Achamos assim que, embora existam outros fatores para que um jovem ingresse num gangue, o fator familiar surge como o maior fator de risco.

No que diz respeito ao grupo de pares, através dos nossos resultados empíricos, podemos constatar que a influência deste é bastante importante para que um jovem entre no mundo do crime e dos gangues. Dishion e Andrews (1995, citados por Matos et al., 2009) destacam que uma fraca relação com os pais, falta de motivação escolar, problemas de comportamento, uso precoce de substâncias, uso de substâncias pelos familiares próximos e acontecimentos stressantes na vida são fatores para que seja necessário fazer uma intervenção preventiva seletiva a estes jovens. Embora este fator se destaque em segundo lugar, concluímos que está diretamente ligado ao fator familiar porque se deve à falta de educação e do apoio dos pais, que depois os jovens ingressam nestes grupos. Podemos constatar estes factos com as afirmações de Ferreira e Machado Pais, onde afirmam que “os amigos, os colegas, os *sócios* passaram a adquirir uma outra visibilidade, que se revela preponderante quando no lugar da família se encontra um enorme vazio (físico ou emocional). As vivências na rua parecem suceder-se e o(s) grupo(s) constitui(em) o principal escape à família, assumindo-se como um ponto de referência e segurança para além de possível referente identitário central” (1999, 1999, citados por Carvalho, 2005, p. 86). É relevante destacar que diversos autores, como Farrington (1998, citado por Matos et al., 2009), abordam as características individuais como justificação para estes comportamentos, embora, no nosso estudo, não concluímos que seja um fator para que um jovem ingresse num gangue.

¹⁴ CNN, <http://caffertyfile.blogs.cnn.com/2011/03/15/why-is-there-no-looting-in-japan/>, consultado a 2 de julho de 2018.

Após termos abordado estes dois fatores de risco, constatámos que, em relação à atividade de gangues na zona de Lisboa, não existem como no caso dos Estados Unidos da América. Os profissionais da PSP afirmam que gangues são as claques de futebol, os carteiristas e os motoqueiros. Afirmam que os grupos são constituídos por jovens que se relacionam para praticar atos ilícitos. Os jovens do Estabelecimento Prisional de Lisboa vão na mesma linha de pensamento, mencionando que em Portugal não existe uma realidade de gangues como noutros países, embora existam grupos que praticam atos ilícitos.

Nos inquiridos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, verificámos que a maioria tem um baixo nível de escolaridade, só um dos sete informantes privilegiados afirma ter o ensino secundário. É um aspeto que nós consideramos ter impacto para que um jovem entre num gangue e pratique atos ilícitos porque, devido à baixa escolaridade, não lhes permite conseguirem empregos fixos e bem remunerados. Em vez disso, apenas conseguem empregos mal remunerados e precários, fazendo com que prefiram, por exemplo, o tráfico de estupefacientes, do que terem um emprego, por ganharem mais dinheiro, não terem horários a cumprir e é algo que já sabem fazer.

Outro fenómeno interessantíssimo que conseguimos observar foi a evolução dos atos ilícitos. Os nossos informantes privilegiados alegam que existe uma evolução ao longo dos tempos, onde nos deram como exemplo uma bola de neve porque começam no furto e, conforme vão ganhando experiência, passam para outros mais graves, como, por exemplo, o roubo e o tráfico de estupefacientes. Negreiros (2008), fazendo uma ligação entre este aspeto, aborda a curva idade-crime. Lahey e Waldman (2004, citados por Negreiros, 2008) afirmam que quanto mais cedo o jovem inicia a atividade delinquente, existe uma tendência para que este cometa um maior número de atos ilícitos, persistem por períodos mais longos e apresentam uma atividade delinquente mais heterogénea e diversificada. De salientar que os atos ilícitos que já foram praticados por jovens da Casa do Gaiato de Lisboa e pelos reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa são semelhantes, onde concluímos que se deve ao fator de risco familiar.

Relacionado com o aspeto referido no parágrafo anterior está a detenção e a sentença. Nós concluímos, através das afirmações dos nossos informantes privilegiados, que o sistema está a funcionar de forma errada porque, em vez de punir, passa uma ideia de impunibilidade. A maioria dos jovens, reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, afirma que continuou a praticar atos ilícitos depois de terem sido detidos pela primeira vez porque sentiram que nada lhes acontecia. Esta situação ocorria porque eram detidos, posteriormente eram levados para a esquadra e passado pouco tempo estavam novamente na rua. Os profissionais da PSP, nomeadamente os agentes principais do Programa “Escola Segura”, vão na mesma linha de pensamento, afirmando que o processo demora muito tempo até que seja tomada alguma medida e que, por vezes, demora vários anos. O sistema jurídico é algo

que, na nossa opinião, deveria ser repensado para que fosse feita uma ressocialização precoce aos jovens de forma a conseguirem viver uma vida totalmente normal. No que diz respeito à sentença, existe um contrassenso porque os profissionais da PSP referem que não existe arrependimento por parte dos jovens, o único arrependimento que existe é o de terem sido apanhados. Contrariamente a estas afirmações estão as dos nossos informantes privilegiados do Estabelecimento Prisional de Lisboa que afirmam, na sua maioria, estar bastante arrependidos e que não voltariam a praticar nenhum tipo de atos ilícitos.

No que concerne à área de habitação dos jovens, se pode ou não ser um fator para que ingressem num gangue, Matos et al. (2009) afirmam que “a formação de gangs ocorre frequentemente nos espaços onde a sociedade não proporciona respostas efetivas para as necessidades dos jovens” (p. 71). Pela nossa investigação e pelas informações que obtivemos junto dos nossos informantes privilegiados, chegámos à conclusão que tem influência devido a conviverem com outros jovens na mesma situação que a sua, onde, mais uma vez, surge o fator de risco do grupo de pares. Ainda em relação aos dados obtidos através da nossa investigação, dos jovens que entrevistámos no Estabelecimento Prisional de Lisboa, apenas um dos jovens não vivia num bairro social, o que vai ao encontro da nossa conclusão.

Relacionada com a questão anterior, quisemos saber se o fator da desintegração da sociedade e da estigmatização, em torno dos jovens que vivem em bairros instáveis, poderiam ser fatores para o ingresso de um jovem num gangue. Chegámos à conclusão de que poderão ser, indo, desta forma, ao encontro do que queríamos comprovar com a teoria de Becker (1963), embora os jovens afirmem que não se sentem desintegrados nem estigmatizados. Tanto ao nível da desintegração da sociedade como da estigmatização, é possível constatar que os reclusos e os jovens da Casa do Gaiato de Lisboa afirmaram, na sua maioria, que não sentiam nenhum dos fatores, embora dois reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa respondam que não se sentem nem desintegrados da sociedade nem estigmatizados, mas não sabem como será quando saírem em liberdade.

Não podíamos deixar de elencar o fator pobreza, onde tínhamos como objetivo saber se este fator poderia levar um jovem a ingressar num gangue. Existem diversos autores que afirmam existir uma relação entre o crime e a pobreza. Hill, Barbarin e Garnezy (2002, 1999, 1991, citados por Matos et al., 2009) referem que a pobreza está relacionada com o crime. Hill (2002) afirma que vários estudos longitudinais têm mostrado que a relação entre um baixo estatuto socioeconómico e os problemas de comportamento é mediada devido a determinados processos relacionados com disfunções familiares. Barbarin (1999) afirma que a pobreza coloca as crianças em risco de imaturidade, hiperatividade e dificuldades nas relações com os pares. Garnezy (1991) menciona que existe um ciclo de problemas em ambientes empobrecidos. Também Ferreira (2011), afirma que situações de maior privação económica tendem a induzir um maior número de práticas criminais, sobretudo quando são

acompanhadas ou acentuadas por fortes desigualdades. Após observadas estas afirmações, analisámos as afirmações de todos os informantes privilegiados, onde perguntámos se os jovens cometiam atos ilícitos por necessidade, diversão ou imposição. Os profissionais da PSP colocaram a necessidade em último lugar, enquanto os jovens, reclusos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, a colocaram em primeiro. É preciso referir que tanto os profissionais da PSP como os jovens dizem que a necessidade é a de “ter” e não necessidades básicas. Nós concluímos que a pobreza é um fator para que se ingresse num gangue porque a maioria destes jovens têm a necessidade de “ter” e, esta situação, faz com quem pratiquem atos ilícitos de modo a conseguirem o “dinheiro fácil” para depois comprarem o que quiserem. Com este fator, conseguimos comprovar as teorias de Merton (1938) e Sutherland (1940) porque é possível constatarmos que os jovens escolhem um caminho ilegítimo para conseguirem atingir o sucesso, algo que de outra forma não conseguiriam devido, sobretudo, à sua baixa escolaridade, e acabam por praticar o que aprendem com os outros membros do grupo.

Para concluir, achamos que caso existam mais programas de prevenção e intervenção para os jovens é possível mudar as dificuldades comportamentais que estão diretamente ligadas à delinquência juvenil, de acordo com Negreiros (2008) e Matos (2005, citado por Matos et al., 2009). Somos da opinião que a educação por parte dos pais tem de mudar porque é bastante permissiva. Em forma de alerta e devido a concluirmos que o fator familiar e, consequentemente, a educação são os maiores fatores de risco para um jovem ingressar num gangue, terminamos com duas frases que achamos fulcrais para o nosso trabalho. Phillips (2009) afirma que “a incapacidade dos pais modernos de contrariarem os filhos, está a criar uma geração de tiranos” (p. 68) e acabamos com uma carta a quem Fernandes (2001) faz referência no seu livro, sendo a carta um apelo de um sobrevivente de um campo de concentração direcionada ao diretor do New York Times “eis o meu apelo: ajudem os vossos alunos a serem humanos. Que os vossos esforços nunca possam produzir monstros instruídos, psicopatas competentes, Eichmanns educados. A leitura, a escrita, a aritmética só são importantes se tornarem as nossas crianças mais humanas”.

5.2 Recomendações de ação

Não podíamos finalizar o nosso trabalho sem fazer alusão às recomendações de ação. É essencial para que, depois de todo o estudo, se conclua que através de determinadas medidas se poderá combater o fenómeno estudado.

Em primeiro lugar, achamos que deveriam ser aplicados mais programas de prevenção e intervenção para ajudar estes jovens. Matos et al. (2009), elencam diversos programas de prevenção desenvolvidos a nível nacional e internacional para combater o fenómeno da violência. No caso das intervenções com jovens agressores, Henderson e Hollin (1983, 1986, citados por Matos et al., 2009) afirmam que estas baseadas em programas de competências sociais têm mostrado eficácia neste tipo de intervenção. Andrews e colaboradores (citado por McMurren, 1996) “verificaram que as abordagens cognitivo-comportamentais são mais eficazes” (Matos et al., 2009, p. 141). Referir ainda Izzo e Ross (1990, citados por McMurren, 1996), que “verificaram que a inclusão de uma competente cognitiva tornava os programas duas vezes mais eficazes” (Matos et al., 2009, p. 141). Podemos elencar o autocontrolo, a autoinstrução, o controlo da ira, a descentração, o treino de resolução de competências sociais e programas multimodais como as principais competências trabalhadas neste tipo de programas. De acordo com Farrington (1996, citado por Matos et al. 2009, p. 144) “a impulsividade e outras características da personalidade dos agressores podem ser alteradas usando as várias técnicas do treino comportamental e cognitivo de promoção de competências interpessoais”. Negreiros (2008) também faz alusão às estratégias baseadas no desenvolvimento de competências, onde o autor vai ao encontro do que Matos et al. (2009) referem acerca do treino de competências sociais, a aprendizagem de resolução de problemas e autocontrolo. Para acabar este ponto e reforçar mais esta ideia, fazer referência a Chartier (1991, citado por Benavente, 2002) onde o autor propõe o tratamento institucional como um dos recursos terapêuticos para jovens delinquentes. Fazemos também referência à Carta de Compromisso entre a Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco e os Órgãos Policiais, onde têm como objetivos: estabelecer ações de cooperação técnico-científica no âmbito do sistema de promoção dos direitos e proteção das crianças em risco/perigo, nas áreas em que as competências e especializações das partes outorgantes se complementem; desenvolver um projeto que vise harmonizar conteúdos formativos nos domínios da Promoção e Proteção dos Direitos da Criança, da intervenção Tutelar Educativa e da intervenção Tutelar Cível, nomeadamente nas ações de formação inicial e contínua que se propõem promover nas áreas da competência da respetiva intervenção; realizar iniciativas e ações conjuntas ou articuladas, no âmbito da Carta de Compromisso; entre outros. Demos destaque a estes objetivos porque são os que achamos mais importantes para que

os Órgãos Policiais consigam realmente proteger e defender os direitos e interesses de crianças e jovens em risco.

Em segundo lugar, viramos a nossa atenção para a família, nomeadamente para os pais destes jovens, em consequência de termos concluído que o fator familiar é o de maior risco para um jovem ingressar num gangue. Farrington (1996, citado por Matos et al., 2009) afirma que é importante uma abordagem centrada no treino dos pais quando ocorre uma ausência de supervisão parental e uma deficiente educação parental das crianças. Kazdin, Siegle e Bass (1992, citados por Matos et al. 2009) verificaram que o treino de autogestão dos pais e o treino de competências de resolução de problemas, são os mais eficazes na redução da delinquência autorrevelada. Farrington (2001, citado por Matos et al., 2009) refere vários programas de prevenção eficazes, como, por exemplo, os que incluem visitas ao domicílio e programas de formação parental para fornecer aos pais estratégias de gestão parental mais eficazes. Negreiros (2008), também aborda a questão familiar, fazendo alusão, em primeiro lugar, que caso a criança nasça num meio vulnerável, irá potenciar o risco de se tornar delinquente. Patterson (1982, 1992, citado por Negreiros, 2008) afirma que os pais que tendem a ter comportamentos antissociais, afetam negativamente a criança, despoletando os aspetos mais negativos desta e fazendo com que seja mais provável seguir o caminho da delinquência. Ainda Patterson (1982, citado por Negreiros, 2008, p. 113) refere que, nestes casos, costuma existir “uma deficiente supervisão das atividades da criança”. Devido a tais questões, diversos autores como Kumper et. al (1996) e Dishion et al. (1996) (citados por Negreiros, 2008, p. 114) têm dedicado especial atenção aos treinos dos pais, baseando-se nos resultados que “apontam a existência de défices fundamentais ao nível de competências educativas específicas nos pais cujos filhos apresentam comportamentos anti-sociais”. Em relação a este aspeto, Naouri (2009) afirma que se deveria voltar à firme autoridade parental, não com os castigos corporais de outrora, mas que têm de ser estes no controlo da situação porque caso não seja assim, correm o risco do laxismo parental, situação esta que se vai repercutir mais tarde na criança.

Em terceiro e último lugar, achamos que deveria ser revisto o sistema jurídico, nomeadamente, o que está diretamente relacionado com menores. De acordo com as afirmações dos profissionais da PSP, principalmente dos agentes principais do Programa “Escola Segura”, afirmam que é um processo que demora bastante tempo e, devido a essa situação, causa uma sensação de impunibilidade aos jovens. É preciso ter em conta que ao abordarmos mal esta questão podemos condenar um jovem para a vida toda, não através de pena perpétua porque não tem lugar no nosso sistema legal, embora uma medida que seja mal pensada e aplicada poderá ter efeitos semelhantes. Fará com que ande sempre neste meio, entre a vida criminosa e a prisão, porque nunca foi ressocializado. É essencial que questões desta matéria sejam resolvidas o mais rápido possível para que o jovem sofra o menor impacto possível

de tal medida e que consiga aproveitar uma segunda oportunidade, através da ressocialização, ao estilo do que referimos no primeiro ponto das recomendações de ação e que, desta forma, consiga levar uma vida com normalidade.

Para concluir, estas são as recomendações de ação que propomos após todo o nosso estudo e achamos que são verdadeiras ferramentas para que possam melhorar o combate à delinquência juvenil e à integração e formação de gangues na zona de Lisboa.

Como futuras linhas de investigação, sugerimos que se deva estudar até que ponto um emprego pode afastar um jovem da delinquência, devido a estes terem bastante tempo livre, a maioria não estuda nem trabalha. Sabemos que já existem trabalhos sobre esta matéria, mas achamos interessante aprofundar o tema da criminalidade praticada pelo sexo feminino porque, através do nosso estudo, não conseguimos entrevistar uma única jovem e, por intermédio das informações dos nossos inquiridos, ficámos com a sensação de que existe mais criminalidade praticada pelo sexo feminino do que a que se tem conhecimento. E, para finalizar as nossas propostas de futuras linhas de investigação, estudar mais acerca de outros gangues que existem na nossa realidade como as claque, os carteiristas e os gangues de motoqueiros.

6. Bibliografia

6.1 Bibliografia geral

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Raquoy, D. & Saint- Georges Batista, L. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Bacelar, J. (2013). *Legislação de Direito Constitucional*. 3.^a edição, Quid Juris.
- Bardin, L. (1977). *A Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bazon, M., Komatsu, A., Panosso, I. & Estevão, R. (2011). Adolescentes em conflito com a lei, padrões de comportamento infracional e trajetória da conduta delituosa: um modelo explicativo na perspetiva desenvolvimental. *Adolescência e Conflitualidade*, nº 5, pp. 59-87.
- Becker, H. (1963). *The Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benavente, R. (2002). Delinquência Juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, nº 4, pp. 637-645.
- Carvalho, M. (2000). Violência urbana e juventude: o problema da delinquência juvenil. *Revista Infância e Juventude*, nº 3, pp. 27-47.
- Carvalho, M. (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Revista Infância e Juventude*, nº 49, pp. 71-93.
- Carvalho, P. (2010). Gangues de rua em Luanda: De passatempo a delinquência. *Sociologia, Problemas e práticas*, n.º 63, pp. 71-90.
- Cloward, R. & Ohlin, L. (1962). Delinquency and Opportunity: A Theory of Delinquent Gangs. *The British Journal of Criminology*, volume 3.
- Cohen, A. K. (1955). *Delinquent Boys: The Culture of the Gang*. 1.^a edição. New York: The Free Press.
- Costa, J. & Soares, S. (2002). *O Gang e a Escola (agressão e contra-agressão nas margens de Lisboa)*. Edições Colibri.
- Costa, M. C. (2012). Breve Reflexão sobre a História dos Direitos da Criança em Portugal: o Papel da CNPCJR. Instituto Politécnico de Lisboa, pp. 75- 83. Edições Colibri.
- Dias, M. (2013). *Gangues juvenis em Portugal: contextualização do fenómeno na perspetiva de profissionais*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

- Dupéré, V., Lacourse, É., Willms, J. D., Vitaro, F. & Tremblay, R. E. (2007). Affiliation to youth gangs during adolescence: The interaction between childhood psychopathic tendencies and neighborhood disadvantage. *J. Abnormal Child Psychol*, nº 35, pp. 1035-1045. Springer Edition.
- Fernandes, J. (2001). Saberes, Competências, Valores e Afetos Necessários ao Bom Desempenho Profissional do/a Professor/a. Edições Plátano.
- Ferreira, E. (2007). Fatores de resistência a opções delinquentes – Um estudo exploratório. Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação, Atelier: Direito, Crimes e Dependências, pp. 35-43.
- Ferreira, E. (2011) Privação económica e criminalidade – O caso português (1993-2009). *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 67, pp. 107-125.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*, 4.^a edição, Oeiras, Celta Editora.
- Haymoz, S., Maxson, C. & Killias, M. (2014). Street gang participation in Europe: A comparison of correlates. *European Journal of Criminology*, volume 11 (6), pp. 659-681.
- Howell, J. C. (2010). Gang Prevention: An Overview of Research and Programs. *Juvenile Justice Bulletin*, pp. 1-24.
- Klein, M. W., Weerman, M. F., & Thornberry, T. P. (2006). Street Gang Violence in Europe. *European Journal of Criminology*, volume 3 (4), pp. 413-437.
- Lahey, B. B., Gordon, R. A., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., & Farrington, D. P. (1999). Boys Who Join Gangs: A Prospective Study of Predictors of First Gang Entry. *Journal of Abnormal Child Psychology*, volume 27, nº 27, pp. 261-276. Plenum Publishing Corporation.
- Lima, M. P. (1995), *Inquérito Sociológico: Problemas de Metodologia*, 4.^a edição, Lisboa, Editorial Presença.
- Lourenço, N. (2000). Emergência da sociedade urbana. Conselho Consultivo Formação das Forças e Serviços de Segurança – MAI. Curso de formação: Prevenção da Criminalidade e Sentimento de Insegurança.
- Matza, D. & Sykes, G. M. (1961). Juvenile Delinquency and Subterranean Values. *American Sociological Review*, volume 26.
- Matza, D. & Sykes, G. M. (1957). Techniques of Neutralization: A Theory of Delinquency. *American Sociological Review*, volume 22.
- Merton, R. (1938). Social Structure and Anomie, *American Sociological Review*, volume 3.
- Morden, H. K., Mago, V. K., Deol, R., Namazi, S., Wuolle, S. & Dabbaghian, V. (2014). Youth Gang Formation: Basic Instinct or Something Else. V. Dabbaghian and V. K. Mago (eds.),

Theories and Simulations of Complex Social Systems, Intelligent Systems Reference Library 52, capítulo 11, pp. 161-177. Springer-Verlag Berlin Heidelberg.

- Moreira, G. B. (2012). Gangues Juvenis, uma perspetiva dos agentes de segurança pública. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Naouri, A. (2009). Pais demissionários, filhos caprichosos. Revista Visão, pp. 94-96.
- Pereira, A., & Poupá, C. (2016). Como Escrever uma Tese, Monografia ou Livro Científico usando o Word. 6.^a edição. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.
- Phillips, A. (2009). A importância de um “Não”. Revista Única, pp. 68-70.
- Poiares, N. (2013). Mudar a Polícia ou Mudar os Polícias – O papel da PSP na sociedade portuguesa. Lisboa: Bnomic.
- Poiares, N. (2014). Desvio e Educação in Gomes, A. (Coord.), Enfermagem Forense, pp. 251-258, volume 1, Lisboa: LIDEL.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Ramalho, L. F. (2015). O Fenómeno da Delinquência Juvenil na Formação de Gangues em Portugal: um estudo exploratório do projeto ISRD-3. Porto: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa.
- Sebastião, J. (2008). Violência e agressividade juvenil – podemos falar de escolas violentas? VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 1-18.
- Sebastião, J. (2013). Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 71, pp. 23-37.
- Sharkey, J. D., Shekhtmeyster, Z., Chavez-Lopez, L., Norris, E., & Sass, L. (2010). The protective influence of gangs: Can Schools compensate? Aggression and Violent Behavior, 16, pp. 45- 54. Elsevier, Ltd.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (2001) (Orgs.), Metodologia das Ciências Sociais, 11.^a edição, Porto, Edições Afrontamento.
- Sutherland, E. H. (1940). White-Collar Criminality. American Sociological Review, 5.
- Sutherland, E. H. & Cressey, D. R. (1974). Criminology. 10^a edição. Santa Barbara: J. B. Lippincott Company.
- Tisseron, S. (2004). As crianças e a violência nos ecrãs. Porto: AMBAR.
- Vala, J. (2001). A Análise de Conteúdo, em Silva, A. S. e Pinto, J. M. (Orgs.), Metodologia das Ciências Sociais, 11.^a edição, Porto, Edições Afrontamento, pp. 101-128.

- Whyte, W. F. (1993). *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*. 4.^a edição. Chicago: University of Chicago Press.

6.2 Outros documentos consultados

- Carta de Compromisso entre a Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco e os Órgãos Policiais.
- Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de setembro.
- RASI 2006.
- RASI 2007.
- RASI 2008.
- RASI 2009.
- RASI 2010.
- RASI 2011.
- RASI 2012.
- RASI 2013.
- RASI 2014.
- RASI 2015.
- RASI 2016.
- RASI 2017.

7. Glossário de abreviaturas e siglas

Art. – artigo

Nº – número

ATM – Automated Teller Machine

CNPCJR – Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

CNPDPJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CNN – Cable News Network

CPCJ – Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

CRP – Constituição da República Portuguesa

DGRSP – Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

EPL – Estabelecimento Prisional de Lisboa

EUA – Estados Unidos da América

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

MAI – Ministério da Administração Interna

PSP – Polícia de Segurança Pública

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

TV – Televisão

XL – Extra Large

XXL – Extra Extra Large

8. Anexos

Anexo I – Entrevistas dos informantes privilegiados

Entrevista nº1

Local: Esquadra da 4ª divisão policial

Dia e Hora: 12/12/2017, às 14:00

Função: Subcomissário da PSP

Anos de experiência: sete anos de serviço operacional

(Introdução e agradecimentos iniciais)

Entrevistador: Qual a idade média dos jovens que detêm?

Informante: Assim dados concretos não lhe sei dizer, mais ou menos...

Entrevistador: Mais ou menos, por exemplo de 14 a 20, assim...

Informante: Portanto menores, menores, detenção de menores por factos ilícitos são em número muito inferior ao nível considerado maior de idade, mas digamos que entre os dezasseis/vinte e cinco será...

Entrevistador: A idade...

Informante: A idade mais usual a nível de detenções de comportamentos ilícitos.

Entrevistador: Sim sim...

Informante: Andará por aí, mais ou menos.

Entrevistador: Ok...

Informante: Mas esses dados, salvo erro, o RASI não, não tem.

Entrevistador: No RASI tem as taxas de delinquência juvenil.

Informante: Sim...

Entrevistador: Mas ao certo mesmo, mas aqui é mais uma ideia só para ter a idade, idade...

Informante: Sim, é a ideia que eu tenho.

Entrevistador: Destes jovens que detêm, qual mais ou menos a percentagem dos que vivem em bairro, em bairros sociais?

Informante: O senhor faz-me essa pergunta a mim é injusto porque nós trabalhamos essencialmente em zonas urbanas sensíveis, nós Esquadra de Intervenção e Fiscalização Policial.

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Maioritariamente as pessoas são de lá porque também o nosso corbis de trabalho é lá.

Entrevistador: Pois, exatamente...

Informante: Mas digamos que pode-se dizer que abrange várias origens sociais, claramente, cada vez mais, com o surgimento de novas drogas.

Entrevistador: Novos tipos de crime...

Informante: “Novas armas”, toda a gente quer ter, toda a gente quer experimentar, portanto abrange, mas se me faz a pergunta a mim tenho de lhe dizer que originariamente são mais de zonas urbanas sensíveis, porque também é essa zona que trabalhamos

Entrevistador: É a vossa zona, pois era isso que...

Informante: Exatamente...

Entrevistador: Se tivesse de definir a personalidade destes jovens, que praticam os atos ilícitos e que estão envolvidos em delinquência juvenil, como é que, como é que definia?

Informante: Personalidade?

Entrevistador: O tipo de, como, as suas, se tem baixa autoestima, se é bom aluno...

Informante: Eu julgo que as pessoas, portanto, que tendem a ter comportamentos desviantes, reiterados, têm sempre por trás uma grande quebra social a nível familiar. E aí implica, a meu ver, que tenham bastante baixa autoestima, um sentimento de pertença por grupos, que são os pares, considero que é o efeito de copiar colar desse tipo de personalidades, portanto será uma personalidade amorfa, que não é intrínseca nem individual e é mais social da vivência do jovem e do sítio de onde vem e onde está, portanto será assim que eu considero, não é uma pessoa que tenha personalidade própria.

Entrevistador: Dele, exatamente...

Informante: É uma pessoa que vai subtrair da envolvimento que tem e pronto e vai, e os traços de personalidade depois digamos, de certa zona por exemplo de uma zona urbana sensível, eu posso dizer que os traços de personalidade são muito idênticos a uma grande maioria dos habitantes de lá, que se dedicam unicamente a ilícitos criminais. Se passarmos para outra zona urbana sensível, há grandes parecenças, existem, mas cada um tem...

Entrevistador: A sua própria...

Informante: Exatamente, têm traços pessoais de revolta, de repulsa, não todos negativos também há positivos, em zonas urbanas sensíveis também, por vezes, também há aquele sentimento de camaradagem, de entre ajuda ainda que...

Entrevistador: Entre eles...

Informante: Ainda que muitas das vezes não seja focalizado para ações lícitas, mas existe, existe e também se organizam para ações lícitas, não podemos dizer que não, também existe, por norma os bairros sociais, inclusivamente têm várias ações, têm várias instituições sociais de apoio de idosos, de alzheimer, disto e daquilo, portanto funciona. Agora que eles funcionem para aquilo é que...

Entrevistador: Pois, é que já não...

Informante: Aí já ponho a minha dúvida, portanto. A nível da personalidade, que era a pergunta, julgo eu...

Entrevistador: Sim...

Informante: Acho que não é uma personalidade própria, mas sim subtraída do meio onde estão.

Entrevistador: E de pressão, e poderá se dizer também da pressão do grupo em que estão inseridos?

Informante: Sim claramente, sim, sim, isso subscrevo completamente.

Entrevistador: Em relação já tipo, ao tipo de famílias e amigos, tem conhecimento de como, como é que são as famílias destes jovens e os amigos?

Informante: Famílias, por norma, por norma, serão pessoas que já tenham um histórico correlacionado direta ou indiretamente com ilícitos criminais. Amigos, é exatamente a mesma coisa, portanto não sei se lhe respondo à pergunta...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim. E estes jovens costumam ter os familiares e os amigos no gangue? Ou naquele grupo de jovens que praticam vandalismo ou furto ou roubo?

Informante: Dizer-se que isso por regra acontece não será correto. Que existe existem situações porque, passando a fase da delinquência juvenil, digamos assim, portanto começam a casar, ter filhos, emprego, já, já se estão...

Entrevistador: Sim, sim, numa idade já posterior...

Informante: Já estão calejados, eventualmente funcionou ou não a reinserção social, portanto tendem incutir nos mais novos, certos mecanismos de defesa para que não engrenem nessa vida, portanto, mas há pessoas que, portanto, não se orientam, não conseguem endireitar a sua vida e seguem do início ao fim com certos tipo de comportamentos e parâmetros e naturalmente os que os rodeiam, os familiares inserem-se nesses grupos e daí estão juntos mas, portanto, falando assim em números, da minha perceção, eu acho que não é correto estar a dizer que é a maioria. É díspar, depende do bairro, depende

do grupo, depende do crime em si, determinado de tipo de crimes pressupõe uma associação familiar ou outro tipo de se eu precisar de uma casa de recobro, para ter uma arma ou para ter estupefacientes, por norma não vou usar de um amigo, vou usar de uma avó, de um...

Entrevistador: Sim...

Informante: Alguém que também coaduna com isso, ou terá um proveito ilícito também com isso, ainda que não esteja diretamente...

Entrevistador: Ligado...

Informante: Diretamente ligado, mas não lhe consigo estar agora dizer que a maioria das pessoas são familiares, inserem-se no mesmo gangue, isso também não será correto dizer. Partilham-se entre bairros, por vezes entre negócios, não será correto dizer que a estrutura familiar engrena diretamente no gangue, por norma, não é correto afirmar isso.

Entrevistador: A pergunta era se havia familiares ou...

Informante: Existe, isso existe, claramente que existe.

Entrevistador: E também em relação aos amigos, se também muito deles, se os amigos fazem parte do gangue?

Informante: Sim, sim, por vezes as próprias amizades são baseadas nessas relações de ilícitos, portanto, isso claramente, grupos de amigos. O próprio grupo de amigos caracterizar um gangue isso subscrevo, completamente, existe, isso existe.

Entrevistador: Agora em relação à atividade dos gangues. É comum a atividade de gangues na zona de Lisboa? Por exemplo, aqui na zona de Alcântara, que é uma zona mais conhecida de sair à noite, vamos lá, é mais comum, é menos comum?

Informante: Existe, existe, não podemos dizer que não existe, existe, mais visível ou menos visível, mas existe, em várias vertentes. Nesta zona do antigo Casal Ventoso ainda está isso muito patente, a nível de tráfico de droga existe. Estamos a falar de gangues, criminalidade organizada, mais ou menos organizada mais ou menos visível, mas existe durante o dia, existe durante a noite, zonas de diversão de noturna todos os fenómenos que existem associados, não podemos dizer que não existem porque existem, podem é não estar muito visíveis, mas não é por acaso que volta e meia apanha-se dois ou três motards de um determinado grupo com ideologias mais extremistas, quem diz grupos de motards diz outro tipo de grupos.

Entrevistador: Claro, exato...

Informante: Ideais mais extremistas que estão associados à noite, instruções, segurança ilícita, armas de fogo, porque é que elas andam aí com determinado tipo de pessoas? Portanto, isso existe agora estarem visíveis na sua atividade cada vez mais são cautelosos, isso são, quer de dia, quer de noite.

Entrevistador: Mas e acha que praticam mais de dia ou de noite? Esta atividade é mais...

Informante: Hoje em dia é...

Entrevistador: Ela por ela...

Informante: Ela por ela, é, ela por ela. Nós pensamos muito que à noite desenvolve-se muito...

Entrevistador: Exatamente...

Informante: Claramente também se desenvolve, mas durante o dia a olhos visto também, posso dizer que será ela por ela.

Entrevistador: E até de dia, se calhar as pessoas não suspeitam tanto, não estão, se calhar tão atentas ou vigilantes em relação...

Informante: Sim, a malha urbana diurna encobre também muita situação. Portanto, é mais fácil, por exemplo uma pessoa que usa transportes públicos para fazer transportar determinado objeto ilícito do ponto A ao ponto B. É mais fácil durante o dia que aquele autocarro não ser alvo de uma intervenção policial do que à noite, se calhar há uns tempos atrás não era assim. À noite há mais possibilidade dele ser intercetado numa confusão de um grupo...

Entrevistador: Pois, qualquer...

Informante: Durante o dia, toda a gente anda de autocarro, portanto se utilizar esse meio, estamos a falar num exemplo, se utilizar esse meio de transporte a olhos visto pode andar aí e a probabilidade de não ser alvo de uma interação policial é mais elevada do que se andar na noite. Portanto, a malha urbana, hoje em dia, julgo que tanto durante o dia como durante a noite é ela por ela...

Entrevistador: Ela por ela...

Informante: Sim, permite bastante.

Entrevistador: Em relação à dinâmica dos gangues, como descreveria os gangues existente na zona de Lisboa?

Informante: Como descrevo os gangues? Felizmente, acho que, bem agora temos um caso que não me deixa dizer isto, mas pronto, com a situação dos ATM...

Entrevistador: Ahh sim, que agora até foi notícia...

Informante: Sim, será um caso que não me deixa dizer que os gangues não estarão muito ativos, mas se pensarmos e analisarmos em bom rigor, não temos atividade de gangue pura e dura como existe noutros países.

Entrevistador: Como por exemplo os Estados Unidos da América.

Informante: Exatamente, ou como teve a existir nesse fenómeno, mas a um fenómeno pontual e, felizmente, por norma visa, somente, ilícitos contra a propriedade, por norma, portanto não temos esse fenómeno. Se os tivermos de caracterizar, penso que são moderados, muito moderados, cautelosos e respeitam bastante as forças policiais uma vez que, portanto, estamos a falar neste exemplo do caso dos ATM, cada vez que chegamos mais perto, tiravam o pé e pronto sempre a arranjar maneiras novas de...

Entrevistador: Sim...

Informante: De efetuarem os ilícitos, mas, penso eu, que não temos uma realidade muito dura ao nível de gangues.

Entrevistador: Como aquele, como é conhecido, lá está, como referiu noutros países como por exemplo...

Informante: Sim...

Entrevistador: Os Estados Unidos. E em relação aos jovens, acha que se poderá definir como um gangue ou como um grupo?

Informante: Será mais grupo.

Entrevistador: Grupos...

Informante: Eu acho que a expressão mais adequada será essa, ainda que possamos falar de gangues com expressão e caracterização própria...

Entrevistador: Até mais...

Informante: Acho que é difícil vê-los no nosso dia a dia porque não há essa expressividade. Podemos falar nos jogos de futebol...

Entrevistador: Sim...

Informante: Há toda uma dinâmica de grupos, mais ou menos organizados, que por trás do desporto, das claque e afins promovem vários ilícitos, mas são situações pontuais e há uma ideologia desportiva neste caso por de trás. Portanto, deturpado ou não, é uma manifestação que pode mover milhões em situações ilícitas, mas é pontual, é pontual e eles sabem que a desenvolvê-la naquele âmbito, estão sob vigilância policial a que estão sujeitos a. Agora no dia a dia termos fenómenos de gangues, vai havendo situações esporádicas mais de acerto de contas de um lado e de outro, mas não temos uma atividade, acho que não neste momento...

Entrevistador: Sim, sim, algo que seja alarmante...

Informante: Sim, não temos uma atividade regular, não temos, portanto, não temos confrontos semanais nem mensais, tão pouco, entre malta de um bairro com outro, temos é desentendimentos pontuais...

Entrevistador: Exato...

Informante: Entre a pessoa A e a pessoa B...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: E tratam naquele momento e naquela hora. Agora situações de violência extrema alastradas no tempo entre gangues acho que, neste momento, neste momento, felizmente, não temos.

Entrevistador: E como descreveria os membros de gangues da zona de Lisboa? O estilo, a maneira de vestir, se existe uma simbologia entre eles, códigos?

Informante: Eu acho que isso, cada vez mais, é uma postura que temos que evitar. Identificar gangues, estamos a falar de gangues estamos-nos a esquecer de uma situação que existe, mas lá está, não é a olhos vistos, mas por exemplo temos muita gente oriunda de países de Leste que trabalham em gangue, e aí sim podemos falar da palavra gangue, diariamente por furtos, por crimes, em crimes contra a propriedade e que não têm tanta expressividade porque eles focalizam única e exclusivamente em crimes contra a propriedade, portanto não usam crimes contra as pessoas, não fazem roubo...

Entrevistador: Certo...

Informante: Fazem sempre um furto...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Na cautela não fazem a um português, fazem a um estrangeiro. É uma criminalidade, podemos dizer é um gangue é, é porque há relações claras entre eles, trabalham em grupo, revezam-se, portanto, em países da Europa, entre eles dentro da Europa, dentro do mesmo país entre cidades só que não têm aquela expressividade de alarme social porque utilizam sempre o crime contra a propriedade nunca utilizando a violência, não tem expressividade social. Por norma, a nível de descontentamento e insegurança, por norma, os alvos também não são portugueses, são meticolosos nisso, mas é uma realidade de gangues que temos, que não está tão sedimentado em bairros nem na...

Entrevistador: Certo...

Informante: Na criminalidade nacional entre fronteiras, mas que existe, esse tipo de gangue existe, existe e se calhar neste momento é o que está mais ativo.

Entrevistador: E as pessoas não dão tanta atenção...

Informante: Não... Não porque vejamos, a carteira desaparece, o dinheiro desaparece, mas a carteira depois vai aparecer com os documentos, pronto perdeu-se o dinheiro.

Entrevistador: Pois...

Informante: Mesmo os turistas que são assaltados, a polícia recuperou ou depois apareceu, o problema aparentemente está resolvido. Por norma, é feito contra turistas, mesmo penalmente não tem expressividade porque morrem arquivados, muitos deles quando não são públicos e mesmo os nacionais é como lhe digo, é um crime contra a propriedade pronto, roubou, os documentos aparecem, e, por norma, como não há violência, como não há violência vai passando mais, mas é uma realidade que temos, que temos...

Entrevistador: Que tem vindo a aumentar...

Informante: Sim, sim... Portanto, esse tipo de gangue temos, pode-se dizer que é um tipo de gangue e isso existe, é expressivo, não é nacional, transfronteiriço, existe e cada vez há mais pronto. Lisboa é uma cidade, é um destino turístico...

Entrevistador: Cada vez mais...

Informante: E esse tipo de gangues, e estamos a falar nos termos corretos, que se dedicam aos crimes contra a propriedade, contra o património, portanto, viajam entre várias cidades da Europa só com este intuito, portanto, mas isso é um diferente tipo de gangue...

Entrevistador: Exato...

Informante: Que está de passagem, que vem faz o que tem a fazer e vai para outro sítio, para não ficar conotado nem com as forças policiais nem com o sistema judiciário. Isso é uma realidade que temos, é um problema que temos, afeta a segurança claramente, não alarma muito socialmente quer pelas vítimas que são escolhidas e quer pelos meios que são utilizados, portanto, são astuciosos...

Entrevistador: No que fazem...

Informante: Não há contacto físico, se for preciso devolvem a carteira sem dinheiro, a própria pessoa que a rouba, é então uma criminalidade inteligente, itinerante e que não é violenta e por isso julgo que podemos falar, existe, este gangue existe, ativo, já há muitos anos, não despoleta um alarme social...

Entrevistador: Tão...

Informante: Junto das pessoas... Mas eu agora fugi da sua questão.

Entrevistador: Não... Descreveu também mais ou menos, a questão era como descreveria os membros?

Informante: Sim.

Entrevistador: E eu depois perguntei-lhe se existiria os símbolos...

Informante: Sim...

Entrevistador: Aqueles códigos...

Informante: Sim...Isso existe sempre, portanto, cada organização, gangue, bando ou não, cada organização tem sempre um mínimo de organização...

Entrevistador: Possível...

Informante: Entre as partes e entre os pares, isso existe, quer truques de trocar a roupa, quer truques de comunicação, usa o telefone ou não usa, usa o whatsapp ou não usa, será que estou em escuta? Portanto, toda a gente tem mecanismos de defesa, todos nós temos...

Entrevistador: Claro...

Informante: E quem se dedica a este tipo de atividades também os tem. E a linguagem própria, canais de comunicação, reconhecimentos, tudo faz parte do modelo de ação hostil, da preparação do estudo até à execução dos atos, portanto, isso tudo tem características próprias, intrínsecas aquele grupo de pessoas, mas isso existe em todo o lado.

Entrevistador: Quem costuma liderar? Existe uma hierarquia?

Informante: Sim... Voltamos à mesma situação. Há sempre...esse tipo de situações existe sempre, mas é, será transversal, será transversal a todo o tipo de criminalidade digamos assim, a não ser que seja um lobo solitário, pronto essa pessoa depende de si e de si só, mas estando a trabalhar a dois tem que haver sempre alguém que seja...

Entrevistador: Que lidere...

Informante: Sim é natural, é natural que uma personalidade se imponha sempre e tem que haver, tem que haver e isso existe, existe claramente, portanto, nos gangues, cada um tem a sua função, cada um faz exatamente aquilo que tem a fazer, quem faz uma vigilância, por exemplo, um grupo de três carteiristas, um gangue, há um que vigia só, só faz isso, há um que indica a vítima e é essa pessoa que escolhe porque é mais perspicaz a escolher, acerta mais vezes na carteira recheada e há o terceiro que faz a carteira, há-de haver um quarto que tem um carro para fugir com a carteira, portanto, está tudo esquematizado. Quem fala a este nível, mesmo a nível local é a mesma coisa, vejamos um bairro onde se desenvolve o tráfico de droga, há um vigia, há a pessoa que vende, e depois há aquela pessoa que tem todo o dinheiro e não toca em nada, portanto isso...

Entrevistador: Mas que também faz parte...

Informante: Sim... Mas isso existe claramente, existe uma hierarquia e uma separação de funções e esquematização própria do que é que cada um faz e quando, isso existe, mas será transversal.

Entrevistador: Pois, em todo, mais ou menos em todo o tipo...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Em relação à prática de ilícitos, quais são os atos ilícitos mais praticados ou mais verificados pelos gangues?

Informante: Por gangues... Portanto, estamos a falar nesta vertente de que estávamos a falar de países...

Entrevistador: Aqui mais no âmbito assim da delinquência também juvenil, praticado...

Informante: Certo. Então, nesse âmbito em concreto, crimes contra a propriedade muitas vezes sem uma finalidade intrínseca, ou seja, roubar um carro, vamos roubar um carro só para ter o carro para ir desbundar um dia ou outro, depois vamos roubar outro carro porque a polícia já sabe deste, teremos essa parte. Portanto, só por usufruto, para, sem um...

Entrevistador: Um propósito...

Informante: Sim, um propósito aparente e substancial. Depois teremos, já no segundo nível, teremos gangues que se dedicam única e exclusivamente à obtenção de um proveito com aquele tipo de ações, portanto, aí podemos falar... São pessoas que sobrevivem só disso, tráfico de droga por exemplo, dedicam-se àquilo exclusivamente, tráfico de droga e armas por exemplo, para subsistirem na vida e acho que esta será as duas grandes diferenças da tipologia de ação de...

Entrevistador: De um gangue...

Informante: De um gangue, dos nacionais que temos e da delinquência juvenil. Aqueles que fazem só por fazer, pronto para se integrarem com o grupo porque, para terem um carro, querem ir do ponto A para o ponto B pronto furtam um carro em vez de irem de autocarro e depois temos outro tipo de gangue que já faz, já utilizam as atividades ilícitas como forma de subsistência.

Entrevistador: Assim vai, até responde mais ou menos aqui a uma pergunta também que eu tinha que era se **os jovens que pertencem a gangues praticam os atos ilícitos por necessidade, por diversão ou para se imporem?**

Informante: Podemos dizer que é pelos três.

Entrevistador: Pelos três...

Informante: Pelos três, depende da dimensão social e da origem social de cada um deles. Se tivermos a falar, por exemplo, um determinado grupo que pratica ilícitos contra a propriedade só por diversão, muito provavelmente até proveem de boas famílias e há casos, não têm necessidade de cometer aquele tipo de ilícito criminal, fazem-no só para estarem integrados naquele grupo e fazem-no, acho que podemos dizer, fazem-no só porque sim, não têm necessidade de o fazer porque se pedirem um carro ou se...

Entrevistador: Têm-no...

Informante: Se tiverem que comprar um carro, comprem um carro, mas para estarem integrados naquele tipo de grupo, de gangue, pode-se dizer, praticam aquele tipo de ações. E depois temos o outro revés da medalha que são pessoas que nunca viram outro tipo de subsistência durante a sua infância, e quando chega a altura deles vão fazer exatamente o mesmo porque sabem que aquele tipo de conduta trás um proveito, um proveito económico direto, fácil, têm alguns sustos têm mas muitos dos que vão são substituídos, nem todos vão presos e veem ali uma forma fácil de obterem um rendimento direto e imediato, portanto acho que será... Podemos dividir, assim, em dois grandes grupos.

Entrevistador: Ok...

Informante: Atualmente...

Entrevistador: Como descreveria a gravidade destes atos ilícitos? Houve uma evolução, estagnou, diminuiu?

Informante: Depende da finalidade do que as pessoas querem fazer, mas isso já falámos aqui, do caso dos ATM, que claramente teve um aumento no último ano. Se falarmos em gangues que se dedicam, que se dedicam a crimes contra a propriedade em países como o caso de, por exemplo, oriundos de países de leste e que se deslocam para os países unicamente com esse propósito, portanto, já é uma situação que é claramente só focalizada para aquilo... Perdi-me, desculpe lá...

Entrevistador: Não faz mal... Como descreveria a gravidade destes atos ilícitos?

Informante: A evolução...

Entrevistador: Se houve evolução.

Informante: Sim...

Entrevistador: E em relação por exemplo aos jovens, acha que houve um aumento...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Houve...

Informante: Sobre a evolução, deste segundo grupo que estávamos a falar, evolui e aumenta, todos os dias e depois o local, que eu considero que é inconstante porque depende de muitas variáveis. A intervenção policial pode ser suficiente para, a intervenção social pode ser, a reinserção social após uma intervenção policial pode ser suficiente, portanto essa será mais instável, aumenta ou diminui. Os problemas vão haver sempre, isso vão haver sempre mas é tudo uma conjugação de fatores naquele momento, que nos locais que não são tão organizados, pode fazer toda a diferença às vezes sem um modo e um método bastante bem aplicado pode fazer a diferença ao fim do dia, portanto é difícil estar-lhe a dizer se as coisas evoluem. O Casal Ventoso foi desmembrado já há muitos anos e hoje em dias as coisas acontecem exatamente, não direi exatamente igual...

Entrevistador: Igual mas, sim ainda...

Informante: Mas...Sim, portanto, continua a ser uma zona...

Entrevistador: Sensível...

Informante: De renome a nível de tráfico de estupefacientes. Agora não acontece com antigamente, à luz do dia, à vista de todos porque também socialmente é mais censurável, mas não deixa de existir, por mais pessoas que se prendam não deixa de existir. A diferença que se faz é, que se pode vir a fazer é, determinado gangue que se dedique àquilo pode a determinada altura do tempo decidir que aquilo já não tem proveito, o proveito imediato já não, já não, já não, já não se vai sobrepor ao risco que eles estão a correr. E pode acontecer, e acontece, não lhe vou dizer que acontece com todos, mas acontece pessoas que chegam a uma altura da vida que dizem pronto “para mim chega, vou ser pai” porque têm ali um conjunto, mas lá está, é um conjunto de várias circunstâncias porque foi detido um amigo quando ele foi pai e a mãe veio da cadeia, por exemplo, esse conjunto todo de circunstâncias e o facto de se calhar até se ter conseguido um emprego para o rapaz na junta, esse conjunto todo de circunstâncias pode ser...

Entrevistador: Faz com que ele pense...

Informante: Fundamental para aquela pessoa sair do grupo. Saindo uma pessoa, duas, três do grupo por vários motivos, por vontade deles ou não, portanto, aquela atividade pode ficar extinta por maior ou menor tempo, com mais ou menos expressividade. Portanto, os locais é mais difícil estar a dizer-lhe se aumenta ou se não aumenta, se tem aumentado ou não. Existe, existe é uma realidade, continuará a existir sim, agora a cadência de existência dos fenómenos varia muito, varia muito por vários fatores, não é possível estar a dizer-lhe que tem aumentado nos últimos tempos...

Entrevistador: Exato... Claro, claro...

Informante: Se me perguntar se existe narcotráfico ali no Loureiro, na zona do Casal Ventoso, existe mas não existe como existia em Janeiro deste ano, mas eu também não lhe sei garantir se em Janeiro, daqui a um mês, se a situação vai ficar pior do que a que está atualmente e que o que foi em Janeiro no início deste ano, é uma coisa que é muito inconstante...

Entrevistador: Ok...

Informante: É muito difícil de caracterizar...

Entrevistador: Como descreveria a atuação destes grupos? É mais comum atuarem sozinhos ou em grupo?

Informante: Não, nunca sozinhos.

Entrevistador: Sozinhos?

Informante: Não, nunca sozinhos.

Entrevistador: Nunca sozinhos...

Informante: Não, depende, cada caso é um caso, mas na zona deles é sempre em grupo porque é a força que têm é essa, a força que têm é essa, por isso é que, por norma, também as intervenções policiais nestas zonas também têm que ser em grupo e nunca isolada porque eles têm do lado de lá têm conhecimento do terreno, geográfico, do grupo, das potencialidades de cada um deles e, portanto, por norma, por norma, e dá-lhes mais segurança, atuam sempre em grupo, que é a segurança deles é trabalharem em grupo.

Entrevistador: Ok, ok... **Quando praticam estes atos ilícitos, é comum o uso de armas sejam estas brancas ou de fogo?**

Informante: Sim, isso tem sido uma realidade. Existem, existem muitas armas.

Entrevistador: Mais brancas ou, ou, mais de fogo?

Informante: Isso... As de fogo existem, mas também pela sua perigosidade são mais difíceis de apanhar, são mais bem escondidas digamos assim. Armas brancas vão-se apanhando constantemente, com alguma frequência, armas brancas ou objetos...

Entrevistador: Sim...

Informante: Objetos contruídos unicamente com finalidade de agressão, soqueiras, bastões, extensíveis, esses objetos vão aparecendo porque também não lhes está associada uma pena digamos, essencialmente elevada e já as armas de fogo a conversa é outra, também é mais difícil apanhá-las, mas que existem existem, infelizmente volta e meia a gente apanha armas que estão com as pessoas pronto...

Entrevistador: Exatamente...

Informante: Sem as devidas licenças... Mas existe. Isso é uma realidade que vai andar sempre intrínseca, quer à delinquência juvenil, quer a gangues...

Entrevistador: Pois...

Informante: Dependendo da prática a que se propõe, dependendo do MO, do objetivo a atingir, mas é sempre, é sempre algo que está inerente, sim...

Entrevistador: Ok...

Informante: Isso sim...

Entrevistador: **E os jovens arrependem-se destas práticas, destes, destes atos que acabam por delinquir?**

Informante: Eu julgo que não, esta é a minha opinião. Acho que o arrependimento, se não for criado pelas instâncias, torna-se banal porque depende só da pessoa e da sua estrutura familiar e do seu grupo de amigos. Agora se a pessoa volta para o mesmo sítio, se não teve uma ação do estado exemplar...

Entrevistador: Volta à casa de partida...

Informante: Exatamente, o topo onde partiu e todos os outros pensam que aquilo é... Não que seja legal, mas que é...

Entrevistador: Que não acontece nada...

Informante: Que é natural, portanto, não vai haver repercussão...

Entrevistador: Exato...

Informante: Vamos fazer, pagamos a multa e não há problema para ninguém. A nível do arrependimento, vai depender mesmo, é o que eu tenho sentido, depende muito da estrutura social que depois está em casa porque a nível, nível judicial é muito difícil haver um nexo de causalidade do comportamento com... Determinado comportamento com determinado tipo de repercussão do Estado é muito difícil e as que há são muito leves, portanto, se me perguntar se o crime compensa atualmente, não todo o tipo de crime não é, mas as instâncias judiciais também, pronto, a moldura penal que temos é muito garantística e ainda bem que é assim mas há determinado tipo de situações que devia ser mais pesada. E estamos a falar em gangues, já falámos por carteirista, é uma situação que se desenvolve todos os dias e que a moldura penal, quer dizer... A pessoa é turista, vai abandonar o país, mesmo que seja aplicada uma pena de multa é uma carteira que fazem, basta apanharem a carteira certa 400 euros...

Entrevistador: Pois...

Informante: Portanto, está feito. É uma carteira, são cinco minutos de ação ilícita, demoram mais tempo em tribunal, mas pronto está feito, podem voltar outra vez à prática criminal porque ficam em liberdade. Para terem uma repercussão é preciso praticarem muitos, muitos, muitos furtos qualificados e aí sim, dependendo sempre da pessoa que vai aplicar a sanção...

Entrevistador: Pois...

Informante: Ficarem, terem uma medida de coação mais, mais pesada, essa sim tem efeito, mas essa é a medida de coação mais rara que existe, portanto, daí torna-se difícil que o arrependimento per si só exista, sim.

Entrevistador: Ok... **Em relação à detenção dos jovens, como descreveria o sentimento de um jovem que é detido pela primeira vez?**

Informante: O sentimento... Por norma, mesmo sendo a primeira vez, já se sabe exatamente o que é que vai acontecer no dia seguinte com o Sr. Dr. Juiz em tribunal porque já tem esse background do seu grupo de amigos, do seu gangue...

Entrevistador: Pois porque normalmente já houve amigos que...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Também foram presentes...

Informante: Portanto, sempre pessoas que venham desses meios, o sentimento é de imparcialidade. Portanto, já sabem o que é que vai acontecer, já sabem exatamente o que é que têm de assinar, se não souberem ligam para alguém que há-de aparecer e vai explicar, portanto, o sentimento final é quase igual ao inicial, é de impunidade. Pronto foi apanhado com isto ou com aquilo, a polícia faz os papéis, ele assina os papéis que já sabe que tem que assinar ou os que acha que tem que assinar, os outros que acha assim meio estranhos sabe perfeitamente que não tem que assinar, não tem problema nenhum e depois também sabe que no dia a seguir, sendo primário ou... Sabem, portanto, os tramites judiciais...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: E o estado da arte judicial para cada tipo de crime, isso sabem. E depois saberão também ver, e estão com esse à vontade porque sabem que se a situação começar a complicar, têm que acionar este ou aquele ou aquele mecanismo. Portanto, se o que quer saber é se as pessoas ficam assustadas ou pensativas ou... E agora o que é que eu vou fazer ou se perguntam como é que se pode, por norma não, por norma não. Mais depressa, uma pessoa que é detida pela primeira vez porque até é consumidor, mas saiu com mais um bocadinho de casa e é a primeira vez que se vê numa situação daquelas, tem um ou outro amigo que ouviu falar e essa pessoa sim, vê-se claramente que está em pânico, não sabe o que é que há-de fazer.

Entrevistador: Agora... Assim...

Informante: E procura aconselhar-se connosco, o que é que há-de fazer, o que é que não há-de fazer, se vai correr bem, se vai ter problemas, se não. Quando a pessoa é oriunda deste tipo de grupos...

Entrevistador: Já não...

Informante: Não, portanto, a conversa é a mínima e indispensável para que a diligência seja a mais rápida possível, entrar e sair da esquadra.

Entrevistador: Ok...

Informante: Portanto, acho que é assim que eu posso caracterizar...

Entrevistador: Em relação à minha pergunta de investigação, que é saber quais, quais, quais as razões... Quais as razões que levam um jovem a pertencer num gangue, qual é a sua opinião? Porque é que eles querem pertencer ou ingressar num gangue?

Informante: Afirmação social, afirmação social, integração de um determinado grupo onde eles geograficamente nascem ou permanecem e, e talvez pela, pela falta de legitimação do Estado a impor determinado tipo de regras, porque, isto é o meu ponto de vista...

Entrevistador: Claro...

Informante: Se eu verificar que tenho um conjunto de amigos... Eu dou-lhe o meu caso, tenho 29 anos, sou oficial de polícia, tenho o meu ordenado. Se eu tivesse um grupo de amigos que se dedicasse a práticas ilícitas, exatamente com a mesma idade, sem nunca ter tido problemas a sério judiciais, com rendimentos bastante superiores ao que eu tenho é fácil a determinada altura uma pessoa pensar, “Mas espera lá, porque é que eu estou do lado de cá?”, quem diz isto...

Entrevistador: Pois, pois, pois, pois...

Informante: Diz tudo o resto. Um canalizador, uma pessoa que se levanta às oito, chega às oito e depois olha para o lado, no mesmo bairro, na mesma casa, se calhar do mesmo bloco, ele é a única pessoa que levanta-se cedo, chega tarde...

Entrevistador: E não ganha...

Informante: E anda de transportes públicos, e os seus filhos andam numa escola pública ou se calhar ainda não tiveram oportunidade de ir à escola e ele vê todos os seus vizinhos, sem metade do esforço, terem melhores condições para os seus filhos, terem as melhores condições pessoais de transportes, têm carros, têm tudo. Portanto, é fácil, é muito fácil, dar o salto para o lado errado, até ao momento que o Estado comece a decidir que determinado tipo de condutas têm que ser sancionáveis, portanto, também não defendo um estado policial de imposição de penas, mas acho que já é tempo de verificar quais é que são os ilícitos mais, mais usuais e mais gravosos e que as pessoas consideram, que sejam socialmente censuráveis, e esse sim apostar numa penalização mais severa. E pelo menos o que eu vejo, tráfico de drogas, não deve haver qualquer tipo de facilidade do Estado, independentemente de ser traficante, consumidor, posse para consumo, não deve haver facilidade. Portanto, uma pessoa que é apanhada duas/três vezes com cinco/seis gramas de haxixe, tem que haver uma altura que é penalizada e diz-se “Tá’ bem, mas no total foi apanhado só com 15 gramas no total”, tá’ bem, mas foi apanhado 3 vezes...

Entrevistador: Pois...

Informante: É uma pessoa que se o Estado não fizer nada...

Entrevistador: Vai continuar...

Informante: De 15 gramas facilmente passa a 15 quilos, é tudo uma questão de tempo, lugar e espaço porque já se safou bem três vezes, conhece o grupo certo, propõe ir buscar determinado tipo de substância, um carro, isto ou aquilo e ele vai pensar e vai assumir que é exatamente igual, já foi apanhado três vezes, não vai acontecer nada e vai buscar um carro, mas traz quilos.

Entrevistador: Pois, já não é gramas...

Informante: E agora vamos ver, será que o Estado nesse dia dos quilos vai agir concretamente? Não é garantido, eu tenho experiência pessoal e não é garantido, portanto, a medida aplicada não será uniforme, depende do juiz que vai aplicar e é toda esta instabilidade que leva a que o lado de lá... Eu sou-lhe sincero, eu estando no lado de lá se tiver de ir à roleta vou porque pode correr bem, porque já correu bem a muita gente. Há muita gente em prisão domiciliária, há muita gente com apresentações

semanais e foram apanhadas com, podemos falar, com quilos. E fala-se, drogas leves, será? Será drogas leves? E tudo o resto que rola em torno disso...

Entrevistador: Pois, exatamente...

Informante: E quem fala de droga, fala de tudo o resto, é como o furto, o carteirista é exatamente a mesma coisa. Enquanto o Estado permitir que haja uma baixa penalização desta conduta, toda a gente vai continuar a fazê-la porque é fácil, o rendimento é muito elevado, portanto, basta acertar numa carteira fácil...

Entrevistador: Pois e não tem assim grande trabalho...

Informante: Não, imagine um grupo de carteiristas no castelo de S. Jorge de manhã, basta fazer uma carteira de um, vamos falar de um chinês, a carteira certa, digamos assim, com 500 euros, está feito. Esse dia pode trabalhar com total à vontade, mesmo sem medo nenhum de ser apanhado, se for apanhado a multa está paga...

Entrevistador: Pois...

Informante: E o resto é lucro, o resto que a polícia não levar naquela atuação é lucro. Portanto, agora imagine, é todos os dias nisto e acho que falta é ao Estado ser mais interventivo em determinado tipo de comportamentos que potenciam a formação de gangues, este caso, tráficos de droga, portanto, tudo que seja socialmente censurável e que se veja por trás que tem que haver uma organização mínima, porque há, aí sim o Estado devia ser mais interventivo a nível de responsabilização e julgo que seria uma grande ajuda.

Entrevistador: Sim...

Informante: Não deixarmos só no ónus das instituições de reinserção, policiais, sociais, mas também judiciais e o Estado assumir que aquela conduta não é aceitável logo de início, portanto, penso que seria mais fácil.

Entrevistador: O que perspectiva para o futuro destes jovens?

Informante: É tudo... É complicado, é muito complicado. As instituições sociais existem, e vou-lhe ser sincero, acho que a malta não faz mais porque não pode, a todos os níveis: polícias, Santa Casa, tudo. O problema é que é preciso do lado de lá a pessoa querer ser ajudada, esse é logo o problema de início e é o problema final...

Entrevistador: Pois, muitos também não querem...

Informante: Não querem. E mesmo querendo, vão voltar outra vez àquele ciclo de estarem em casa a ser ajudados, sim senhor estão a trabalhar e a receber 500 euros por mês e o resto do prédio está a fazer milhares de euros. E quando forem pais, até já podem ter engrenado na vida, mas quando forem pais não vão ter dinheiro para pôr o filho na escola...

Entrevistador: Pois...

Informante: E sabem que ali há um proveito direto. Portanto, isto é uma luta injusta, mas pergunta-me qual o futuro? Há sempre um futuro, basta a pessoa querer ser ajudada e basta um conjunto de todas as circunstâncias estarem alinhadas naquela direção porque é possível, portanto, há situações e há casos que as pessoas são ajudadas, ou porque o polícia falou com o presidente da junta ou porque o presidente da junta falou com não sei quem e é fácil e as coisas funcionam, mais por carolice, às vezes, do que por ferramentas sociais. Mas, mesmo a nível de reinserção quando são presos, tenho algumas dúvidas se funcionam, sinceramente, vê se muita reincidência, mesmo no período...

Entrevistador: Voltam a delinquir...

Informante: Mesmo no período pós-encarceramento, mas pronto é um caminho e o futuro existe sempre, basta, basta que a pessoa efetivamente queira sair desse meio e queira ser ajudada. Portanto, tendo estes dois fatores no mínimo acho que o Estado consegue garantir...

Entrevistador: O futuro...

Informante: Sim, o mínimo de condições para ter um futuro fora deste tipo de meio, acho que sim.

Entrevistador: Para concluir, quer acrescentar mais algum fator?

Informante: Não, não, só dizer-lhe, eu tenho sete anos de serviço operacional, tive a comandar uma esquadra genérica, que é diferente destas funções, mas onde tive a oportunidade de ajudar muita gente e sei os nomes das pessoas e as pessoas sabem o meu nome, tanto eu, estou-lhe a dar o meu exemplo pessoal...

Entrevistador: Claro, claro, claro, claro...

Informante: Tanto eu, como vários colegas de policiamento de proximidade e afins. Portanto, assinalo que mesmo existindo organizações, gangues, grupos, chamamos-lhes o que queiramos, se as pessoas quiserem e há determinado tipo de... É como lhe digo, o momento tem que ser o mais apropriado porque às vezes uma conversa de um polícia para um jovem, pô-lo a pensar e abrir logo a porta certa isso funciona, eu não lhe vou dizer que não funciona porque, porque funciona, é preciso é que do lado de lá a pessoa queira. Querendo, e sendo de boa família, a família também apoiando essa decisão, portanto, estão todos os ingredientes juntos para...

Entrevistador: Para que funcione...

Informante: Sim, e funciona, isso funciona. Atualmente a minha função é outra, é mais de, portanto, patrulhamento de reposição e de apoio aos carros de patrulha, de serviço normal, ainda assim cada vez mais evito de ir aos bairros só de... Em resposta e... Vamos fazer uma rusga ou... Que é para minimizar a ostensividade...

Entrevistador: Pois...

Informante: E a aceitação tem sido, portanto, tenho ficado bastante perplexo até porque a aceitação desse tipo de patrulhamento... A carrinha ir não só para ir prender alguém, não só para fazer parar um carro numa busca...

Entrevistador: Mas para mesmo...

Informante: Tomar um café...

Entrevistador: Exato...

Informante: Comer uma maçã lá da senhora da mercearia ali de... Portanto, a aceitação é muito grande e as pessoas pedem para nós irmos estacionar a carrinha e para estarmos ali... Para irmos lá enquanto os putos vão jogar à bola.

Entrevistador: Até faz sentir... Até os faz sentir mais integrados na sociedade...

Informante: Sim, sim... Portanto, e, e as respostas que eu lhe dei decorrem muito da minha...

Entrevistador: Experiência...

Informante: Da minha experiência profissional, que não é muita, isso tem que ser dito, e também é uma visão muito pessoal dos factos, não podemos, tanto eu como os meus colegas, nunca podemos, ninguém de nós pode assumir a posição da polícia.

Entrevistador: Exatamente...

Informante: Muitas das vezes também é o que está nos livros, a gente pensa que... Ou que está no RASI por exemplo, mas depois verdadeiramente há pequenos pormenores...

Entrevistador: Que fazem...

Informante: Que fazem a grande diferença. E o que eu lhe disse a bocadinho do Estado decidir e sancionar determinado tipo de condutas é fundamental, a nível de, de... A nível de existência ou não de gangues. Se determinado comportamento for facilitado, a nível policial, também, a nível judicial, se for facilitado a todos os níveis, a pessoa quando for liberta deste processamento do Estado, vai voltar para o mesmo porque não teve uma repercussão direta ou se teve foi fraca, portanto, e acho que este é um papel fundamental do Estado, não que seja um Estado punitivo como já disse há momentos...

Entrevistador: Há pouco...

Informante: Mas que comece a capacitar as pessoas que determinado tipo de ação tem de ter uma consequência e é esta, e seja uniforme e pesada, pronto, que é para... Para dissolver quem ainda nem sequer está no gangue e está a pensar engrenar e com aquele exemplo já não vai, já não vai engrenar.

Entrevistador: Persuadi-lo...

Informante: Sim...

Entrevistador: De uma certa forma...

Informante: Você de manhã falou com a malta da Escola Segura e existe, pronto, há ações de sensibilização e afins, concordo, subscrevo, mas tem que haver depois outra sensibilização que eu chamo coerciva. Não basta explicar a um jovem... Posso explicar, posso mostrar um powerpoint a dizer os malefícios da droga, faz mal e se fores apanhado com droga vais a tribunal...

Entrevistador: Exato...

Informante: Tens essa pena de prisão. Pode-se fazer, deve-se fazer, é importantíssimo, mas também é importante, se esse jovem não percebeu nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira, também é importante mostrar-lhe exatamente o que é que significa aquilo que lhe foi mostrado num slide, num powerpoint, eu chamo a isso uma sensibilização coerciva, que é levá-lo a tribunal, se calhar se acontecer...

Entrevistador: Que é para ele sentir...

Informante: E essa pessoa, ainda antes de entrar num grupo, já sabe que aquela situa... Que aquela ação tem uma situação desagradável que é ir falar com o juiz, que é pagar uma pena de multa e entre os pares vai passar a mensagem muito mais facilmente, da segunda vez que virem o powerpoint, a meio do ano, já é diferente porque há um colega ali que foi a tribunal e aquilo, a verdade é o que eles estão a dizer, não é conversa e teve de pagar 400 euros e se calhar de hoje para amanhã 400 euros, epá tá' bem, pronto, eu pago mas enquanto são miúdos...

Entrevistador: Pois...

Informante: Estão no 12º, todos terem 10 euritos todos os dias para comprar o lanche já é bom, e 400 euros, portanto, já, já mexe. Portanto, espero que tenha contribuído para o seu estudo.

Entrevistador: Contribuiu sim senhor. Muito obrigado.

(Agradecimentos finais)

Entrevista nº2

Local: Casa do Gaiato de Lisboa

Dia e Hora: 16/01/2018, às 16:00

Função: Diretora da Casa do Gaiato de Lisboa

Anos de experiência: três anos de serviço

(Introdução e agradecimentos iniciais)

Entrevistador: Então começando pela primeira... Pela primeira pergunta, quais as idades dos jovens que aqui vivem? Uma média...

Informante: No lar de infância/juventude...

Entrevistador: Sim...

Informante: A partir dos catorze, é o mais novo agora... Até vinte e dois, vinte e cinco aliás, temos no apartamento de autonomia um que tem... Eu estou a falar só dos jovens em lar de infância/juventude...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Ou apartamento de autonomização, um que tem vinte e três que pode ir até aos vinte e cinco porque está na faculdade, sim...

Entrevistador: Ok... Se tivesse de definir a personalidade dos jovens, como a definiria?

Informante: Eles são todos muito diferentes, são... São indivíduos diferentes...

Entrevistador: Sim...

Informante: Com características diferentes... Se calhar, características comuns entre eles, alguma vulnerabilidade pela sua situação de vida, não é? Que...

Entrevistador: Pois...

Informante: O que os trouxe até aqui foram sempre histórias...

Entrevistador: Complicadas...

Informante: Difíceis, complicadas, onde faltou a base mais estruturante que é a família e as retiradas são sempre problemáticas. A maior parte deles chegou aqui por razões apenas de, de... De as famílias não reunirem condições para, para os ter com eles e o que teve, portanto, embora hoje as coisas sejam muito funcionais de uma forma mais célere, houve sempre períodos, alguns bastante amplos, de

alguma negligência, algum abandono, o crescer sozinho, pronto... Em termos de... Isto não é fragilidade, alguma vulnerabilidade por comportamentos de risco...

Entrevistador: Claro...

Informante: Que não é só pela circunstância de onde vieram, mas também pelo facto de viverem em instituição, ou seja, o faltar a família...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: Coloca-as sempre numa situação de maior fragilidade. Depois poderei dizer que alguns, mas isso tudo também está um bocado relacionado com a causa do acolhimento, a revolta nalguns também é um fator comum... Não digo em todos, mas...

Entrevistador: Da família os ter abandonado...

Informante: Sim, sim, sim, sim... Não só o abandono, mas o facto de não poderem estar com a família ou porque... Temos aqui algumas situações que é por razões de pobreza, o que é... O que eu discordo em absoluto, não é? Porque...

Entrevistador: Sim, sim, não tem...

Informante: Nunca poderia acontecer, não é? Isso também gera alguma revolta, sermos privados do nosso, no fundo, do nosso núcleo de afeto...

Entrevistador: Sim...

Informante: Por essa razão ou perceber que as pessoas, que apesar da sua fragilidade económica, também têm vontade de estar connosco, as mães, não é? Gera também sentimentos de revolta...

Entrevistador: Sim...

Informante: Pronto...

Entrevistador: Sim...

Informante: Algum complexo de inferioridade também, pronto... Se calhar estou a falar de traços comuns, depois muitas coisas diferentes entre eles...

Entrevistador: Pois, pois...

Informante: Sim...

Entrevistador: Pois...

Informante: Sim...

Entrevistador: Pois... E pegando agora na, no fator família, **até que ponto acha que o fator família afeta a personalidade de cada um dos jovens?**

Informante: Afeta determinantemente sim, nestes primeiros tempos de vida...

Entrevistador: É o se calhar...

Informante: É um fator crucial...

Entrevistador: O maior não?

Informante: Sim...

Entrevistador: Destes...

Informante: É, é, sim sem dúvida...

Entrevistador: Destes todos...

Informante: Sim, de um a dez, dez, pronto.

Entrevistador: Sim.

Informante: Sim, sim, é importantíssimo, sim.

Entrevistador: Passando agora para, para a história de vida dos jovens, **quais os passados mais comuns entre estes jovens?** Ou seja, o tipo de famílias de que veem...

Informante: Famílias muito pobres e destruídas, pronto, habitualmente são estas duas condições... Muito pobres, eu acho que isso é uma variável comum a todos os nossos rapazes e não estou a falar só dos que temos agora...

Entrevistador: Sim.

Informante: Eu quando aqui cheguei para esta função que exerço, tínhamos sessenta e dois e todas as famílias de origem eram muito vulneráveis economicamente, portanto, depois eu penso que todo o outro conjunto de problemática vem associada, não é?

Entrevistador: Sim.

Informante: A situação de um grande risco de humano, um grande risco de pobreza, é a pobreza, nalguns casos, extrema. Muitos abandonos... Destruição familiar, portanto, a maior parte o pai abandonou a mãe...

Entrevistador: Ficando famílias monoparentais...

Informante: Um ou outro caso... Sim, sim, sim... Um ou outro caso das mães toxicodependentes ou com outros comportamentos aditivos...

Entrevistador: Sim...

Informante: Sim... E são, são estes os fatores mais, mais comuns...

Entrevistador: Dos, dos jovens...

Informante: Estou, estou-me a lembrar de um caso, de pais que entretanto tiveram... Porque um pai estava preso, a mãe ao ter que trabalhar, isto é muito frequente também...

Entrevistador: Sim...

Informante: É muito frequente nos jovens em risco fora da... Das instituições, os que estão sinalizados e o facto dos, do... O pai não está e as mães têm que trabalhar, são pobres, têm que ter...

Entrevistador: E eles ficam sozinhos...

Informante: Ficam muito tempo sozinhos...

Entrevistador: Sim.

Informante: Entregues a eles próprios e obviamente são presas fáceis de tudo quanto é...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim...

Informante: Mal da sociedade sim...

Entrevistador: Sim, porque as mães precisam de trabalhar para sustentar a casa...

Informante: Claro, claro, claro...

Entrevistador: Mas não estão em casa...

Informante: Claro...

Entrevistador: Os filhos ficam assim, ficam desamparados, não é? Muitas vezes...

Informante: Sim, sim, sim, sim, sozinhos...

Entrevistador: Sim...

Informante: Como são pobres, às vezes o que é, tudo o que é esquema para ter dinheiro fácil eles alinham, mas isso é como os nossos aqui também...

Entrevistador: Pois, claro...

Informante: Pronto e... E habitualmente esses esquemas são esquemas ilícitos, pronto, sim.

Entrevistador: Sim... **Os jovens têm conhecimento da sua família ou nunca chegam a conhecê-la?**

Informante: Todos conhecem, sim, neste momento todos os que aqui temos conhecem, sim. Há um ou outro, um caso nestes, dos que estão cá agora que não conheceu a mãe, mas depois, entretanto... Estou, estou a falar, não estou a falar dos casos que a mãe morreu...

Entrevistador: Sim...

Informante: Pronto, estou a falar de casos em que a mãe abandonou...

Entrevistador: Sim, pronto, nesses casos...

Informante: Pronto, mas que depois... Estou-me a lembrar de um caso específico que mais tarde vi a mãe em tribunal, pronto, porque o tribunal chamou a... Conseguiu cha... Conseguiu que a mãe viesse...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: E que a família viesse, pronto, mas todos conhecem as famílias, sim...

Entrevistador: E man...

Informante: Ou um tio, tentamos manter o contacto...

Entrevistador: Era isso que eu ia perguntar...

Informante: Tentamos promover os contactos, sim...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: De uma forma muito assumida de há três anos para cá, a casa não tinha este, este modelo pedagógico, não é? E nós até... Havia um lema da... Que estava associado ao modelo pedagógico antigo, que foi muito válido no seu tempo que era ser “De rapazes, pelos rapazes, para os rapazes” pressupondo que eles seriam família uns dos outros e cuidadores uns dos outros, pronto. Obviamente que isso se calhar no tempo de outra sociedade, eu estou a falar de uma geração de quarenta/cinquenta, ainda funcionou, a partir de...

Entrevistador: Era válido, agora já...

Informante: Sessenta, setenta, oitenta, noventa...

Entrevistador: Sim...

Informante: Foi, começou a ser muito grave... E urgia aqui, quando eu, quando nós falamos que a casa está a passar por um processo de refundação, mas as primeiras coisas foi assumir a mudança do lema que passou a ser “De família” tentado o mais possível criar aqui um ambiente familiar e também trazer...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Pessoas com o seu pedigree, vá, familiar cá para casa, “Para as famílias” e sendo que cada um tente tem sempre uma família, portanto, e “Pelas famílias” porque temos nos nossos pressupostos trazer também famílias que passem com eles os fins-de-semana, que também se entreguem neste cuidado...

Entrevistador: Que mantenham o contacto mesmo, que...

Informante: Sim... A família é fundamental, pronto. Nós o que é que fizemos logo no primeiro ano quando mudou o lema? O Natal é para ser passado em família, se bem que eles vivem aqui a maior parte do tempo, um dia na sua autonomia terão sempre que... A maior parte deles irá sempre procurar, até porque eles nunca irão sair para empregos muito bem renumerados, temos que perceber que a maioria vê estes rapazes, aquilo que conseguem na escolaridade média, algum ou outro consegue um curso superior, depois um emprego e sabemos como é que são os ordenados e para manter uma casa eles têm sempre que recorrer...

Entrevistador: E hoje em dia as coisas ainda estão piores...

Informante: A alguém, a algum suporte familiar, e tentámos, tentamos que... Que eles vão quando não há condições para irem e estou a falar condições mesmo nível de...

Entrevistador: Sim...

Informante: Económico, materiais, para irem... Já convidámos os familiares a passarem cá o Natal e promovemos sempre o encontro ou lá ou cá com os familiares...

Entrevistador: Isso é muito bom...

Informante: Sim, sim, sim, tentamos o mais possível promover...

Entrevistador: Isso é muito bom...

Informante: E...

Entrevistador: E causa um grande impacto sobre...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Sobre eles, não é?

Informante: Sim, sim, sim, sim...

Entrevistador: Até que ponto acha que a família... Os jovens de cá se tornam uma família para, para, para todos, para os jovens? Os rapazes terem...

Informante: Sim, estou a perceber a pergunta, sim... É assim, eles, os que aqui estão, muitos deles estão aqui de, de pequeninos e tiveram este período todo até há três anos atrás, em que passavam aqui a maioria do tempo, da sua vida, e depois um período de para aí uma semana no Verão e uns dias no Natal com a sua família, portanto, é lógico que laços e que até veja até pelos mais velhos que daqui saíram, que laços fraternos, laços de pertença e de até de saudades e de...

Entrevistador: Sim, sim, é normal...

Informante: De nostalgia passada, é com os que aqui cresceram... É assim, eles sentem-se e sempre que há uma emergência, estou me a lembrar de quando eles às vezes vão para a família, vão para os pais e acontece uma emergência qualquer que eles precisam de alguém, em que circunstâncias em que habitualmente é a família que aparece...

Entrevistador: Ok...

Informante: Eles recorrem à casa também, não é só aos rapazes com que eles cresceram, mas... Mas também à própria equipa educativa, a nós, à equipa técnica, recorrem sempre como, como alguém que... Sabem que é dali que vem o cuidado como de família, não é?

Entrevistador: Exatamente, exatamente, sempre foram habituados...

Informante: Pronto, e um cuidado mais estruturado e um, um atender mais às necessidades que eles hoje já conhecem, estou a falar de ter que ir ao hospital, ter de decidir sobre uma doença normal...

Entrevistador: Qualquer coisa assim...

Informante: Sim, qualquer coisa desse género...

Entrevistador: Desse género...

Informante: Sim, sim, sim, sim...

Entrevistador: A nível escolar, poder-nos-ia dizer qual o nível escolar que ati... Que atingem? Se costumam ser bons alunos? Se as escolas também têm boas condições?

Informante: A maior parte teve reprovações, aliás não é a maior parte, é... Eu acho que todos, não há aqui nenhum caso agora dos que aqui estejam que não tenha tido reprovações nalgum ano...

Entrevistador: Que não estão no ano que deveriam...

Informante: Exatamente...

Entrevistador: Deveriam estar...

Informante: Sim, sim, sim... A fase da vida que os levou a vir parar a uma instituição foram sempre fases de um, de algum, não digo abandono escolar, mas alguma negligência do bom acompanhamento escolar, sim, portanto, nem que tenha sido nesse ano ou nesses anos e no ano em que entraram, habitualmente é...

Entrevistador: Acontece...

Informante: Sim, acontece. Depois há casos que têm boas capacidades cognitivas e conseguem ser resilientes a todas as outras circunstâncias que os trouxeram até aqui e conseguem depois apanhar um percurso normal escolar, pronto, temos na faculdade, temos no décimo segundo ano, depois temos muitos em cursos profissionais, tentamos o mais possível...

Entrevistador: Sim...

Informante: Apontar essa vias, depois temos alguns casos com dificuldades de aprendizagem claras e que estão em alternativas. As escolas também na sua maioria fazem um bom acompanhamento destes alunos, pronto, não fazem aquilo que não podem que é poderem alterar alguns programas e nisso eu, com os professores, também sou crítica porque para aqueles alunos que têm muita dificuldade por exemplo, com, relativamente ao ausentismo, há problemas comportamentais, muitas vezes os cursos alternativos para estes jovens, para já tiveram reprovações...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: Já tiveram...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Percursos de insucesso, muito até por questões indisciplinadas... Depois as alternativas que vão existindo para eles se encaixarem, reúne uma série de alunos com o mesmo tipo de problemáticas...

Entrevistador: Pois...

Informante: Nas mesmas salas...

Entrevistador: Pois...

Informante: E com uma carga horária...

Entrevistador: Excessiva...

Informante: Até superior às do ensino regular, o que é um absurdo, não é?

Entrevistador: Claro...

Informante: Porque eles não aguentam, pronto...

Entrevistador: Se eles já têm dificuldade...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Se meterem ainda mais horas...

Informante: Pronto...

Entrevistador: Pior, pior será...

Informante: E... A dificuldade que nós sentimos com as escolas, não é com a escola em si, com os professores e com os diretores de turma ou as, ou, ou responsáveis de curso, mas é acima de tudo com o sistema porque não, não prevê, acho que devia ser mais ao contrário, mais prático, não os... Não os ter sempre todos juntos, não é? Não, não faz sentido...

Entrevistador: E não ter aquela carga horária...

Informante: Claro, depois é um stress aquela carga horária para miúdos todos com o mesmo perfil, praticamente e tudo reunido a terem de passar não sei quantas horas e habitualmente as escolas assim muito fora... Estou, estou me a lembrar de alguns que entram bastante longe daqui às oito da manhã, portanto, saem daqui às seis e depois chegam aqui às sete da noite, andaram treze hora fora de casa, não é? Pronto, e... E claro que eles não aguentam essas horas todas na escola e costumam, muitos deles, associar-se ali àqueles problemas que habitualmente também, estranhamente, existem nos portões das escolas, não é? À luz, à luz do dia e sim... E estes nossos miúdos são muito... Muito aliciados por isso, sim...

Entrevistador: Influenciáveis, não é?

Informante: Sim, sim, sim, sim... Ali, portanto, é aquela gente que toda a gente sabe que para às portas das escolas, com as finalidades do tráfico...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: E de, de introduzir dentro das escolas a droga, tem sido frequente os nossos miúdos serem apanhados nestas coisas sim porque eles tudo o que é dinheiro fácil...

Entrevistador: Pois...

Informante: Pronto...

Entrevistador: Pois...

Informante: Sim...

Entrevistador: E é uma maneira de se calhar também de... De se in...De se In... Infiltrarem num grupo...

Informante: Sim, sim...

Entrevistador: Terem alguém que...

Informante: Acima de tudo, eu acho que nem é por aí, é, é pelo dinheiro porque eles têm...

Entrevistador: Mais pelo dinheiro fácil...

Informante: Eu estou a falar dos nossos, não quer dizer que não exista outros casos que seja pelo grupo...

Entrevistador: Claro, claro, claro...

Informante: Mas em relação aos nossos, eu vejo claramente que tem a ver com o dinheiro, pronto, e claro que se calhar, muitas vezes, essas pessoas são... É um tipo mais velho, que conduz, que tem um carro e que até oferece alguma proteção, tem assim algum ascendente...

Entrevistador: Pois...

Informante: Sobre os outros, pronto, acredito que também por aí eles confiem em quem menos devem confiar claro, sim, sim...

Entrevistador: Agora sobre as motivações de ingresso num gangue, estes jovens têm dificuldades a integrarem-se na sociedade?

Informante: Os nossos?

Entrevistador: Sim.

Informante: Os daqui?

Entrevistador: Sim.

Informante: É assim, têm na medida em que começam a perder oportunidades no percurso, não é? Um jovem que tem dezoito anos ou dezanove, ainda não fez o nono ano, começam a ser poucas as hipóteses de...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: Porque integrar-se na sociedade, o nosso projeto de autonomia e integração passa sempre por a escolaridade, preparem-se para... Claro que também tem toda a formação humana e...

Entrevistador: Claro.

Informante: Que é fundamental e espiritual na nossa... Que nós defendemos aqui muito também, mas a formação em termos profissionais é fundamental para terem...

Entrevistador: Um emprego ou uma vida...

Informante: Um emprego e poderem...

Entrevistador: Exatamente, mais desafogada...

Informante: Isso fica, obviamente, dificultado quando eles têm um percurso de insucesso escolar associado, não é? Pronto. Claro que às vezes acontece... Não acontece aos dezasseis, não acontece aos dezassete, não acontece aos dezoito, mas aos dezanove depois e temos aqui situações assim, de que andaram ali uns anos... Porque eu, não é por... Não tem nada a ver... O sistema de ensino e as repostas que eles têm, as propostas aliás, que eles têm de, de formação e que dão a equivalência ao décimo segundo ano em cursos profissionais, não lhes exige nada de extraordinário, aquilo são matérias básicas, basicamente exige é que eles compareçam...

Entrevistador: Pois...

Informante: Façam trabalhos mínimos, se empenhem minimamente, é tudo pelos mínimos, mas ainda assim não...

Entrevistador: Não obedecem a esses critérios...

Informante: Não, pronto. Quando eles vão percebendo que... Começa a chegar aquela idade de ter que sair, não conseguem arranjar um emprego, até havia uma ou outra oportunidade satisfatória, mas foram à entrevista...

Entrevistador: Não ficaram...

Informante: E não entraram porque não tinham escolaridade mínima...

Entrevistador: Pois...

Informante: Pronto, e a escolaridade mínima já foi fator de exclusão uma, duas, três vezes, aí já houve um ou outro caso que se interessasse novamente pela escola...

Entrevistador: Porque percebeu que precisava

Informante: E que se esforce... Pronto, sim, sim... Mas a mai... Maior dificuldade de integração, eu estou a falar dos nossos aqui, passa por isto porque nós tentamos muito com esta abertura que fazemos às famílias e às famílias de fora, tentamos o mais possível que eles façam uma vida tal como fazem as minhas filhas em casa e como eu fazia e como fazem muitos jovens na idade deles, terem grupos fora, frequentarem campos de férias...

Entrevistador: Exatamente, exatamente...

Informante: Pronto... E portanto, em termos relacionais e sociais não há nenhuma razão de, deles não estão aqui entre muros, não estão, não estão num regime fechado...

Entrevistador: Sim.

Informante: Estão num regime aberto, portanto tudo isso é proporcionado e tudo isso é, é também incentivado. O fator mais complicado é, de facto, começa a haver uma grande discrepância...

Entrevistador: Sim...

Informante: Com os jovens da idade deles, não é? Um jovem, hoje, de dezanove anos está no segundo ano da faculdade, normal se o percurso tiver corrido tudo bem, temos aqui alguns, com essa idade, que estão no nono... Pronto, começa a criar, pronto...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim...

Informante: Se calhar em termos sociais também afeta...

Entrevistador: Sim...

Informante: Mas acima de tudo, a integração social passa por esta questão da integração laboral.

Entrevistador: Sim...

Informante: Poder ser feita de uma forma eficaz, não é? E muitas vezes não é, é mais difícil, sim...

Entrevistador: E acha que isso também leva ao estigma?

Informante: Leva, sim, sim, sim, sim, sim, acho que se sentem, vão começando a sentir o estigma, pronto...

Entrevistador: Muitas vezes são rotulados como... Não com... Que não conseguem chegar lá ou acha que não é tanto por aí?

Informante: Não, eu, eu, eu, francamente, se calhar uma ou outra exceção tem acontecido, mas, francamente, eu acho que os nossos... Há uma certa condescendência pelo facto... Eu costumo sempre dizer-lhes que eles têm um fator muito abonatório quando concorrem a um posto de trabalho que é, e maioritariamente é abonatório, que é a morada, pronto... Porque as pessoas gostam de dar, felizmente, há esta sensibilidade social...

Entrevistador: Sim...

Informante: E gostam de dar oportunidades aos nossos rapazes neste, neste sentido. Agora, por exemplo, empresas maiores onde até é aliciante trabalhar, eles que já começam... Até porque nós

também fazemos muita propaganda às empresas onde é bom e sempre que há uma oportunidade de uma entrevista, fazemos uma festa num determinado sítio porque ele é bom, se eles depois tentam e não entram porque têm o décimo segundo ano, não têm o décimo segundo ano... Ninguém os inferioriza lá, mas nós aqui é que vamos...

Entrevistador: Pois, sim, sim...

Informante: Explicando “Pronto era isto que andávamos a explicar há não sei quantos anos atrás”.

Entrevistador: Que agora precisavam...

Informante: Sim, que agora precisavam “E se calhar valia a pena porque... Porque assim não passarão de empregos muito básicos” e até hoje em dia, até na Junta de Freguesia para jardineiro...

Entrevistador: É preciso o décimo segundo...

Informante: É preciso o décimo segundo ano, pronto...

Entrevistador: Até para varredor ou...

Informante: Exatamente...

Entrevistador: Qualquer coisa assim...

Informante: Pronto... E é mais por aí, sim, sim, sim... Empregos que lhes dão estabilidade, não empregos precários, exigem o décimo segundo ano e não é que ninguém lhes diga... Já nos aconteceu, entidades patronais não quererem ninguém aqui da Casa do Gaiato porque houve uma experiência com um ou outro que correu muito mal...

Entrevistador: Não correu bem e...

Informante: Pronto, sim, sim, sim, mas felizmente já... As coisas já estão a melhorar, mas é mais por aí. Agora acho que não os estigmatizam por isso, acho que ninguém os inferioriza por isso, antes pelo contrário, quer nas escolas, quer com... Nós temos, por vezes, telefonemas de empresas, de pessoas que querem contratar e que nos perguntam se temos...

Entrevistador: É muito bom...

Informante: Sim, sim, sim...

Entrevistador: E acha que tanto terem... Os jovens terem dificuldades de se integrar na sociedade e de serem estigmatizados, pode levar a ingressarem num gangue?

Informante: Claro, é mais fácil.

Entrevistador: É?

Informante: Sim, sim, ou seja, eles têm sempre, todos nós precisamos de um grupo de pares.

Entrevistador: Sim...

Informante: Não é?

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: De um grupo de semelhantes e pronto, exatamente o que procuram se não conseguem... A força, a motivação para, para crescer, não é? Acabam por se acomodar a uma vida, pronto... Mais...

Entrevistador: Menos, menos lícita...

Informante: Exatamente, menos lícita, mais fácil também, claro que depois mais tarde é mais difícil...

Entrevistador: Sim...

Informante: Sim...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Sim...

Entrevistador: Mas naquela altura não é algo que...

Informante: Claro, sim, sim...

Entrevistador: Existem programas para que estes jovens possam ter uma vida como outro... Como outro jovem qualquer?

Informante: Todo o projeto educativo, todo o nosso plano de intervenção é a máxima de normalidade, sim... Todo. Como eu já expliquei para trás...

Entrevistador: Sim, sim...

Informante: Todos os serviços são na comunidade, já houve tempos em que a própria escola era cá dentro, todos os serviços: o acompanhamento psicológico, médico... Porque estou, quando digo isto hoje em dia já é normal...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Mas antigamente era tudo, pronto... Tudo como é na nossa casa, se calhar, pronto, a mesa das nossas refeições é mais pequenina...

Entrevistador: Pois...

Informante: Com menos gente, mas...

Entrevistador: Mas...

Informante: Mas tirando isso, pronto, e também o facto de querermos... Quisemos dimensionar, portanto, aquela média durante os setenta anos desta casa, por geração era cento e cinquenta rapazes, portanto isto era uma resposta massificada, pronto. Neste momento, nós, o projeto refundação da casa visa haver diferentes respostas e o lar na infância/juventude é até vinte e três, é o máximo...

Entrevistador: Ok...

Informante: Mesmo assim já é grande...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim...

Informante: Já é, mas é vinte e três, portanto, porquê também ser pequeno? Para que seja o mais possível...

Entrevistador: Dar...

Informante: Dar...

Entrevistador: Mais ajuda, conseguir ajudar de melhor forma...

Informante: Sim, tentar que estejam integrados em atividades extracurriculares na escola, ir ao médio fora, pertencer a grupos como todos os nossos jovens...

Entrevistador: Claro, claro, claro...

Informante: Foram integrados na família que pertencem...

Entrevistador: Claro...

Informante: Sim... Sim, todo o nosso plano é nesse sentido, sim...

Entrevistador: Ok... **Existem apoios para que estes jovens possam ter uma educação superior?**

Informante: Sim, sim... Nós vivemos ainda sem protocolo de, com a Segurança Social, nós temos, vivemos há estes anos todos com... Ainda por mais, nos últimos três anos, foi necessário investir muito para os licenciamentos e para tudo...

Entrevistador: Sim, sim, sim, cada vez também é mais uma ferramenta...

Informante: Tivemos de investir... Sim, sim, sim, sim... E foi tudo com benfeitores, sempre que há aqui, temos pessoas anónimas que chegam cá e que me dizem... Anónimas, não são anónimas...

Entrevistador: Sim...

Informante: São particulares...

Entrevistador: Sim...

Informante: Embora tenhamos muitos donativos anónimos, mas que pessoas particulares que chegam cá e que me dizem que querem apoiar o melhor aluno que... Um aluno que se destaque...

Entrevistador: Sim...

Informante: Sim, pronto, portanto, e não houve, aliás nós temos até o nosso rapaz agora que está no ensino superior, entrou numa privada e nós adiantamos sempre, ele tem, tem bolsa, mas há sempre aquele período de...

Entrevistador: Sim, que é... Que é preciso...

Informante: De demora e que é preciso adiantar e nós disponibilizamos sempre para adiantar e incentivamos, não estou a dizer que o façam, não é?

Entrevistador: Claro, claro...

Informante: Para nós é uma alegria e incentivamos e procuramos, claro que nos viramos sempre... Um bocadinho a razão da minha excessiva ocupação tem um bocadinho a ver... Passa por aí é... Como não temos a garantia dos fundos da coisa, eu ando sempre dividida...

Entrevistador: De volta...

Informante: Para obtenção de todos apoios para o funcionamento da cas, pronto... Mas, sim, não há impedimento económico para eles estudarem, não há...

Entrevistador: Ok... **Acha que existe uma equidade entre os jovens da nossa sociedade?** Se, se têm todos a mesma oportunidade vamos lá...

Informante: Não...

Entrevistador: Não...

Informante: Não têm, não têm, depende muito do berço que temos e da família onde nascemos... Também me questiono muito por isso, não é? Porque é que uns nasceram em determinados contextos...

Entrevistador: E outros não...

Informante: E outros não? Pronto, porque é que eu nasci num contexto e eles não? Ele, não, não tem de todo... É muito... Para o bem e para o mal e acho que para o bem e para o mal, muitas vezes para

o bem, maioritariamente para o bem, a destruturação familiar e o que os trouxe até uma, uma instituição e viverem numa instituição é marcante, portanto também os marca para o bem porque...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Muitas vezes conseguem, a maioria... Nós nunca fizemos um estudo follow up objetivo, rigoroso, temos assim uma análise...

Entrevistador: Mais ou menos...

Informante: Por alto, mas a maioria integra-se bem profissionalmente, familiarmente, portanto... Agora...

Entrevistador: Na...

Informante: Até aos vinte e até ao... Até essas idades, a vida não lhes foi fácil, não lhes foi tão confortável e tão...

Entrevistador: Como... Sim, sim...

Informante: Sim, como viver numa família não, sim...

Entrevistador: Ou pelo abandono...

Informante: Claro, sim, sim, sim...

Entrevistador: Logo por aí marca logo, não é?

Informante: Sim, todas as experiências de... Foram ali fraturantes a determinada idade, sim, sim, mas pronto...

Entrevistador: Passando agora para a prática de atos ilícitos, dos jovens que cometeram atos ilícitos e que aqui vivem, quais os mais comuns?

Informante: Roubos, tráfico... Abusos sexuais, já têm acontecido alguns, sim, sim...

Entrevistador: Ok... Quando praticaram estes atos ilícitos, praticaram por necessidade, diversão ou para se imporem?

Informante: É assim... Temos que classificar porque roubos e tráfico não é por necessidade, se bem que eu reconheça que numa família normal, as semanadas que os filhos têm é, é superior...

Entrevistador: Sim...

Informante: Estou a falar numa família de classe média, vá...

Entrevistador: Sim, sim, sim, claro...

Informante: Vou falar normal, de classe média, é superior ao que os nossos rapazes têm... Eles também não lhes falta nada, não é? Hoje não lhes falta absolutamente nada...

Entrevistador: Não têm aquela necessidade...

Informante: Não há uma necessidade, não é para comer.

Entrevistador: Básica...

Informante: Claro... Eles... Por diversão, um bocadinho também, por dentro da diversão e o quererem mais, não é? Porque eu estou a falar das necessidades que eu vejo...

Entrevistador: Sim...

Informante: Mas eles devem sentir outras, se calhar é por necessidades, pronto... Aquelas que nós achamos que são as reais, não têm... As reais...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Aquelas que, de facto, justificariam uma coisa assim... E estou a falar em relação aos roubos e ao tráfico. Em relação a questões sexuais, é défices de controlo dos impulsos, às vezes passados já onde as situações existiram também, sim...

Entrevistador: Pois, e depois...

Informante: Devidamente acompanhados sim, todos os casos que existiram aqui, todos até com... Até com rapazes que, portadores de alguma debilidade mental, todos foram reportados à Polícia Judiciária, todos têm um acompanhamento profano, todos, todos, todos, sim e ainda... Habitualmente o, o... A medida acaba sempre por ser o acompanhamento psiquiátrico e psicológico e uma, uma vigilância muito...

Entrevistador: Mais apertada...

Informante: Muito fechada, mais apertada, mas tem a ver com, com défices de, de, do controlo dos impulsos não tem a ver com mais nada, nem, nem digo que tenha a ver com prazer, é défices mesmo de controlo dos impulsos...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim, sim...

Informante: E uma afetividade muito desorganizada, pronto, sim...

Entrevistador: Ok... **Em relação ao funcionamento da Casa do Gaiato, o que é aqui feito para ajudar estes jovens?**

Informante: Tudo o que se faz numa casa, mas em tamanho XL, sim...

Entrevistador: Pois, porque...

Informante: Exato, XXL aliás... É assim, nós temos a organização que hoje em dia a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo prevê, temos uma equipa educativa, uma equipa técnica, uma equipa de pessoal auxiliar... A cozinha, o refeitório, a lavandaria, portanto, gostávamos de não ter lavandaria, de não ter uma lavandaria... Não termos uma lavandaria grande...

Entrevistador: Sim...

Informante: Para eles irem aprendendo essas competências, mas isso no apartamento de autonomização têm, uma casa igual à nossa...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Pronto, mas é tudo igual, portanto, é feito neste sentido, eles têm... Cada um tem o seu técnico de gestor de caso, depois têm educadores... Educadores que são... É, é pessoal que trabalha, como eu costumo dizer, na linha da frente e que está com eles durante o dia, trabalham em turnos... Em que tentamos fazer com voluntários também, não é? O acompanhamento das suas tarefas da vida diária, das rotinas... Tentamos... Somos com... O facto de não termos os acordos também nos faz funcionar com menos funcionários do que aquilo que devíamos e se calhar funcionários não com o melhor perfil, pronto... Mas é o que temos e...

Entrevistador: E o que têm que aproveitar...

Informante: Sim e é o que temos que fazer, sim, mas é o acompanhamento... Tentamos que seja ao máximo, acompanhamos a escola, acompanhamos as rotinas diárias, a medicação, a saúde...

Entrevistador: Tudo...

Informante: Os desportos, tudo...

Entrevistador: Tudo...

Informante: Tudo sim, sim... Os desportos e as artes, o teatro, tento promo... Tentamos muito, muito promover o teatro aqui dentro...

Entrevistador: Isso é também muito bom...

Informante: Sim ou o desenho... É, sim, sim, sim...

Entrevistador: Pode-nos descrever as rotinas dos jovens que aqui vivem? Durante a semana?

Informante: A maior parte anda na escola, pronto, há um ou outro que já terminou o curso e está numa fase de tentar procurar trabalho... Acordam de manhã, vão para escola, tomam o pequeno-almoço

todos, vão para a escola, têm horários muito distintos, vão todos... Já não temos carrinhas a levar ninguém à escola, vão todos de...

Entrevistador: Transportes...

Informante: Transportes...

Entrevistador: Públicos...

Informante: Sim e... Habitualmente levam as refeições, alguns têm refeição na escola, mas preferem levar essa, essa... Porque alguns queixam-se que a refeição não é boa e nós...

Entrevistador: Sim...

Informante: É uma coisa que, felizmente, não nos falta são bens alimentares e conseguimos que eles levem os lanches e isso tudo, alguns tomam a medicação, tomam-na de manhã, mas tentamos que as medicações sejam sempre administradas...

Entrevistador: À hora...

Informante: Pelo pessoal da equipa educativa, sempre... E depois a maioria vai regressando a partir da hora de almoço até ao fim da tarde, depois quase todos, tirando um ou dois, andam no desporto, sim...

Entrevistador: Isso é bom para eles...

Informante: Temos dois que não estão em nada, sim temos só dois que não estão em nada, não estão no desporto, não estão no teatro, não estão...

Entrevistador: Nada...

Informante: Na música, não estão em nada, pronto, não querem estar em nada, não se interessam... Vamos dizendo que eles sim, eles tentam, tentamos sempre que eles façam alguma coisa, aproveitam as férias culturais com os voluntários, as idas aos museus, a conhecer, pronto... Claro que não te... Não podemos forçar ninguém...

Entrevistador: Claro, claro...

Informante: Pronto e basicamente é isto, ao fim-de-semana alguns vão às famílias nos fins-de-semana que estão assim acordados, não são todos em nenhum caso... E têm, os que andam no futebol, quase todos os fins de semana, têm... Ou do basket...

Entrevistador: Sim, ou um jogo ou...

Informante: Sim, têm jogos... E depois temos as atividades daqui mais culturais e recreativas... Aí são sempre proporcionadas, a maioria das vezes, pelos voluntários de saídas, pronto, cinemas, teatro, museus, pronto, passeios, é...

Entrevistador: Isso é bom...

Informante: É... É bom sim...

Entrevistador: Quando os jovens saem da instituição, mantêm ligação com esta?

Informante: Sim, sim mantêm, sim...

Entrevistador: Até que ponto acha que... Que isso é, é importante?

Informante: Eu acho muito importante sim, mantêm... Acho que é um esforço que até... Bastante expresso numa resposta que nós temos que é, chama-se a Porta Aberta que é manter esta casa como... Para já para visita...

Entrevistador: Sim...

Informante: Para... E esperamos sempre uma visita boa e que estejam numa, em boas condições na sua autonomia de vida, mas também para ajudar em necessidades que surgem...

Entrevistador: Sim, sim, sim...

Informante: Eventualmente e que precisam de apoios materiais pontuais, precisam de, porque a vida descambou completamente, precisam de ser ajudados novamente alguns casos que já que temos que estavam na rua e que tivemos que fazer um acordo com eles de um acompanhamento, acolhimento e intervenção, pronto... Mas eu acho muito positivo porque nós todos gostamos de sentir o conforto da casa dos pais também que existe e como porto de abrigo, não é?

Entrevistador: E para eles esta é...

Informante: Exato, sim, sim...

Entrevistador: A casa deles, não é?

Informante: Sim, sim, sim... É também é isso que faz muito... O perceber que aqui já partiram mil cento e não sei quantos rapazes e que eles poderão sempre vir cá passear, mostrar aos seus filhos, é... É uma das razões que faz esta direção manter-se e lutar para que a casa...

Entrevistador: É gratificante.

Informante: Sim, sim e que nos faz lutar para que a casa se mantenha aberta porque isto é mais que uma instituição, é uma casa de família de, de, de muita gente, não é? Portanto...

Entrevistador: Exato, exatamente...

Informante: É muito importante, sim...

Entrevistador: Agora em relação à minha pergunta de investigação, qual ao... Qual a opinião acerca das razões que levam um jovem a pertencer a um gangue? Já falámos do fator do dinheiro fácil, de serem estigmatizados, de não se integrarem tanto na sociedade...

Informante: É...

Entrevistador: Acha...

Informante: Encontram um conjunto de semelhantes... Há um ou outro, nós já pass... Já passaram por aqui casos desses que são, para mim profissionalmente, até difíceis de entender que há... Têm gozo nos comportamentos delinquentes, já... Foi um caso.

Entrevistador: Sim.

Informante: Mas um caso mais explícito de gostar do que é ilícito e de tudo o que é ilícito e de ter uma capacidade extraordinária para enganar e para aliciar todos os outros, é impressionante sim, e aliás, esse caso teve que sair com menos de dezoito anos.

Entrevistador: Porque já estava...

Informante: E pedimos mesmo uma medida de proteção dos outros jovens para esse que era um dos mais novos, é assim casos impressionantes, que a mim me impressionou muito, não é? Saber como é que é possível e perceber que naquela vida não se deslumbra um grande horizonte que seja fora daquilo que eu digo que é para lá da linha vermelha, pronto... Acho que é a afinidade... Para já, habitualmente, os gangues têm um líder e acho que o líder é sempre alguém com estas características...

Entrevistador: Sim...

Informante: Persuasivas e... Que lhes consegue dar a volta... Nós nas situações que tivemos...

Entrevistador: Mais facilmente...

Informante: Sim... Nas situações que tivemos cá em casa, com alguns deles, há sempre o que desenha o esquema e arquiteta tudo e há o executante, o executante, habitualmente, é um cabecinha vazia e pronto...

Entrevistador: Limita-se a seguir ordens...

Informante: Exato, mas que admira de alguma forma o outro, não é? Ou tira dali alguma vantagem, pronto. As vantagens podem ser económicas, podem ser de aceitação, podem ser... Lá está, quando eu abocado referia que as dificuldade de integração poderá, de facto, depois fazê-los associarem-se... Estou me a lembrar daqui de um caso que volta e meio andava aqui com uma série de miúdos, eles

eram todos mais novos há uns anos, não é? Como nós, mas pronto, eles nota-se mais e há pouco tempo esses miúdos todos já andavam aí com cães, aqueles cães perigosos...

Entrevistador: Sim...

Informante: Aqueles comportamentos todos assim exteriores de... De gangue em formação e... E, quer dizer, o que é que eles encontram ali entre eles? Eu acredito que exista também ali alguns laços de amizade fraternos, de... Mas gostam todos de pisar um bocadinho a linha vermelha, estou me, estou me a lembrar destes específicos...

Entrevistador: Sim, sim, sim, sim...

Informante: Porque só um é que é de cá, os outros...

Entrevistador: Sim...

Informante: Não são de cá, vêm cá porque como a casa é aberta, nos também pronto...

Entrevistador: Podem vir...

Informante: Encontram ali todos algum gosto de serem espertalhões e, e... Porque eles gostam... Eles têm algum gozo em enganar, não é?

Entrevistador: Pois...

Informante: Em... E aceitação, pronto, e, e é o seu grupo e depois tudo o que é de facilidades associadas, não é? De, de conseguir o tal dinheiro que eu às vezes fico parva “Mas como é que tu... Tu tens esse dinheiro como?”

Entrevistador: Pois, se não trabalha ou...

Informante: Sim, sim, sim, sim, sim, sim... Depois a partir daí é tirar o... A pontinha do, do iceberg e depois descobre-se que há ali, pronto...

Entrevistador: Uma data de...

Informante: Já aconteceu uma ou outra vez...

Entrevistador: Pois, pois, pois, pois...

Informante: Sim... E pronto...

Entrevistador: O que perspetiva para o futuro destes jovens? Que era ainda agora o que estávamos a falar...

Informante: Destes todos? Ou dos que...

Entrevistador: Sim, todos, mesmo de todos em geral, dos que geralmente pisam a linha ou... Não têm tanto sucesso...

Informante: É assim, haverá... Haverá dois/três casos que eu não perspetivo uma vida muito longe sempre do crime, do delito, do alcoolismo porque é uma propensão tal impressionante, por muito que se faça... Disse dois/três, estou me a lembrar de dois assim de uma forma mais...

Entrevistador: Sim... Marcante...

Informante: Estou a falar não só dos que estão cá agora, mas dos que...

Entrevistador: Também dos que já passaram...

Informante: Dos último três, dos últimos três anos e que saíram... A maioria... Eu acho que há um fator muito importante que nós não descuramos, mas também não, não podemos fazer muito sobre ele, que é também a organização pessoal deles, não é? Se encontrarem uma namorada e se, se... Se constituírem família e se conseguirem sossegar nesse... Nessa base, eu acho que a vida deles será uma vida igual à nossa, pronto... E até são pais muito funcionais, muito protetores e daquilo que eu vejo antigos gaiatos já pais, até são... Eles costumam relatar, relatar-me que o acontecimento que mais os mudou e o que os fez deixar, porque isto antes era um clima muito violento, achar... Se passarem, perderem a cabeça e de andar metidos em confusões, violência disto e daquilo foi o filho, foi o acontecimento de serem pais e isso é interessante como eles relatam isso como a experi... A derradeira experiência que os mudou...

Entrevistador: Completamente...

Informante: Completamente, sim... E até porque é ali a concretização numa vida que veio de si, daquilo eu foram os seus desejos sempre mais profundos...

Entrevistador: Sim...

Informante: Ao longo de toda a vida... E, portanto, eu acho que essa é a maior... E eu tenho sempre muito e quando converso com eles sobre o seu projeto de vida, eu não, não ponho para um segundo plano nem para um plano inferior de toda esta questão pessoal, reconheço que alguns terão mais dificuldades, mas é aquilo que eu costumo dizer, isto não é só intenções, mas também não posso fazer muito mais que isso, é o que mais desejo para eles porque sei que isso é uma base, não é? Se nós tivermos um filho ou uma mulher por quem lutar e que lute connosco...

Entrevistador: É diferente, é...

Informante: Temos outra motivação, não é? De fazer as coisas sozinhos...

Entrevistador: Não tem nada a ver...

Informante: Seja o que for, não é bom...

Entrevistador: E sozinho já eles se sentiram des...

Informante: A vida toda...

Entrevistador: Exato...

Informante: Sim...

Entrevistador: Exato...

Informante: Por muito... Numa casa com muita gente, mas o nosso espaço...

Entrevistador: Exatamente...

Informante: Pessoal, sim, pronto... Por isso, eu acho que estando assegurado esse fator e atingindo essa meta, tudo rege, se organiza, sim... E acho que eles têm vontade de ser bons e de ter isso tudo, é a maior ânsia deles todos, pronto, eu acho que é sempre a maior... Até dos que, dos tais que enigmáticos, não é? Daqueles que cujo o mal os atrai, que é estranho dizer isto, mas é verdade, há situações assim... Eu acredito que, que no fundo deles, há esse desejo profundo, não é?

Entrevistador: De seguirem o caminho do bem...

Informante: Sim e de terem uma base familiar diferente daquilo porque eu costumo sempre dizer-lhes não acredito que não haja sofrimento associado ao que eles fazem de mal... Pode haver até ali um sentimento de prazer, nós tínhamos um que tinha muito gosto em fazer mal à casa, a tudo o que era património da casa... Projetando aqui, não sei muito bem o quê, não é? Porque esta ainda foi a casa que os acolheu, que o acolheu e que lhe deu tudo... Acredito que tenha tido aqui algumas vivências, mas se calhar teve a ver com o processo de autonomização, pronto. Nós no processo que tratámos de autonomizar vinte e duas...

Entrevistador: Sim...

Informante: Nós não fomos... Tudo o que era situação de poder ser um péssimo exemplo cá em casa, lá está, drogas, tráficos, violência, confusões...

Entrevistador: Tudo o que fizesse...

Informante: Foi afastado, sim...

Entrevistador: (...)

Informante: Pronto... E porque era a única forma também de podermos cuidar dos outros...

Entrevistador: Claro...

Informante: Não é? Se não tínhamos aqui sempre... Andávamos sempre a correr atrás do prejuízo e isso não era estabilidade para ninguém crescer, pronto, e... E houve muitas vezes, com esses casos, dizia-lhes isso, não é? Acho impossível que, por muito gozo que isso possa dar, eu acho que isso deve trazer um vazio tão grande que eu não queria estar nessa pele, não é? Não... Pronto...

Entrevistador: Sim porque acabam por praticar atos que não...

Informante: Estão sempre à margem, estão sempre à margem...

Entrevistador: Exato, exatamente...

Informante: Estão sempre escondidos, estão sempre... Não é? Sim...

Entrevistador: Exatamente... **Para concluir quer acrescentar mais algum fator?** Não...

Informante: Só quero pedir desculpa pelos meus adiamentos...

(Agradecimentos finais)

Anexo II – Despacho do Diretor Nacional Adjunto da PSP

POLÍCIA SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA
DIREÇÃO DE ENSINO
SECRETARIA ESCOLAR



Exmo. Senhor
Diretor Nacional Adjunto/Unidade Orgânica de
Recursos Humanos
(Departamento de Formação)
DN/PSP - Largo da Penha de França, 1

Sua Referência:
Sua Comunicação:
Nossa Referência: 422/SECDE/2017
Classificador: 080.10.02
Processo: SECDE201600004MNI
Data: 2017-11-13

Acordo com a Direção Nacional Adjunto/UORH
27/11/17
O Diretor Nacional Adjunto/UORH
Joaquim Ferreira
Superintendente-Chefe

Assunto: PEDIDO DE COLABORAÇÃO EM TRABALHO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS POLICIAIS (NÃO INTEGRADO)

1. O Curso de Mestrado em Ciências Policiais (CMCP), no 2.º ano, compreende a elaboração de uma dissertação/trabalho de projeto que deverá, obrigatoriamente, incidir sobre um tema das áreas científicas de Ciências Policiais.

2. Neste sentido, o aluno do CMCP, da especialização de Criminologia e Investigação Criminal, Marcelo de Castro Duarte, irá realizar o seu estudo numa daquelas áreas científicas, subordinado ao tema ***Que Motivos Levam um Jovem a Ingressar num Gangue?***, do qual é Orientador o Exmo. Sr. Subintendente Nuno Caetano Lopes de Barros Polares.

3. Deste modo, solicita-se a V.ª Ex.ª autorização para que o aluno Marcelo de Castro Duarte possa aplicar uma entrevista, da qual se envia o guião, a um (1) Comissário e quatro (4) Agentes da 28.ª Esquadra, da 4.ª Divisão Policial do COMETLIS, em data a agendar.

4. Mais se informa V.ª Ex.ª de que o aluno Marcelo Duarte se compromete ao dever de confidencialidade e anonimato, relativamente aos dados recolhidos, fora do âmbito do seu trabalho académico.

O Diretor

[Assinatura]
Pedro José Lopes Clemente
Superintendente-Chefe



R. 1º de Maio, nº3 - 1349-040 Lisboa Tel.: 213613900 Fax: 213610535 www.iscpsi.pt |
iscpsi@psp.pt

DIREÇÃO NACIONAL PSP/DAG	Entrada Nº 32525
SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA	Data 21 NOV 2017

P.602

135573
Página 1/1

Anexo III – Despacho do Subdiretor-Geral da DGRSP



Exmo(a) Senhor(a)

Marcelo de Castro Duarte

marcelo.castro.duarte@hotmail.com

V/ referência

N/ referência

Ofício N.º
272/DSOPRE

Data
05.12.2017

Assunto: Investigação académica para Mestrado em Ciências Policiais pelo Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Sr. Subdiretor-Geral, Dr. Paulo Moimenta de Carvalho, datado de 5/12/2017, foi autorizado, no âmbito do Mestrado em Ciências Policiais, a realizar a investigação académica no Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

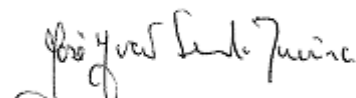
- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do Estabelecimento Prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade da Direção e dos reclusos para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação;
- o investigador fique obrigado a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas
Travessa da Cruz do Tojal, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853896 – E-mail: dsopre@dgrsp.mj.pt
Apartado 21207 – 1131-001 Lisboa

Considerando o número de investigações académicas, atualmente a decorrer em estabelecimentos prisionais, alerta-se para a possibilidade de a direção do estabelecimento prisional poder vir a calendarizar a investigação para um momento mais oportuno.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços


JJ Semedo Moreira

ML/2017